

Caipiçacabano

Danielle Baltieri Bento



AP

ASA DA PALAVRA

Caipiracabano

Avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba-SP
sobre o caipira e o piracicabano

Caipiçacicabano

Avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba-SP
sobre o caipira e o piracicabano

Danielle Baltieri Bento



Copyright © 2023, Danielle Baltieri Bento

1ª edição, 2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

B446c

Bento, Danieli Baltieri, 1996-
Caipiracicabano: avaliações linguísticas de residentes em
Piracicaba-SP sobre o caipira e o piracicabano / Danielle Baltieri Bento.
– Campinas, SP : Asa da Palavra, 2023.
120 p. il.

ISBN: 978-65-87407-39-5
E-book no formato PDF

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Análises linguísticas. 4.
Caipira. 5. Piracicaba (SP). I. Título.

CDD: 410

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19 fev. 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Direitos reservados à

Editora Asa da Palavra
Instituto de Estudos da Linguagem
Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571
Cidade Universitária, Campinas-SP, 13083-859
Universidade Estadual de Campinas

Instagram: @asadapalvraeditora

Facebook: /asadapalvraeditora

Twitter/X: @asadapalvra_

“Quem nasceu em Piracicaba é o caipiracicabano. Essa aglutinação das duas palavras eu acho que pega muito bem, diz muito bem o que a gente quer expressar mesmo.”

Sônia R., piracicabana

“Costumo dizer que aqui você pira ou se acaba.”

Vitor A., piracicabano

LISTA DE FIGURAS

2.1 Classificação de falantes prototípicos de Piracicaba a partir das respostas dos participantes para a pergunta “Dentro de Piracicaba, você percebe se a pessoa é de um bairro ou de outro?”.....	40
2.2 Fragmento da planilha aberta, com as respostas transcritas, para análise qualitativa.....	44
2.3 Fragmento da planilha etiquetada, com as respostas para análise quantitativa.....	45
2.4 Fragmento da planilha etiquetada para exemplificação das colunas geradas a partir dos exemplos dos participantes.....	47
2.5 Fragmento da planilha etiquetada, com os comentários dos participantes para a pergunta “O que você acha desse modo de falar: fecha a po[.l:]ta?”.....	49
3.1 Justificativas dadas pelos participantes nas respostas à pergunta “Você acha que Piracicaba é diferente das cidades vizinhas?”.....	53
3.2 Outros lugares que teriam uma fala similar a de Piracicaba a partir das respostas às perguntas “Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano? Como?” e “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?”.....	58
3.3 Respostas para a pergunta “Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou?”. Nuvem à esq.: o que mudou; nuvem à dir.: o que não mudou.....	59
3.4 Justificativas para as mudanças no modo de falar de Piracicaba, conforme as respostas à pergunta “Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou?”.....	60
3.5 Situações indicadas pelos participantes como resposta à pergunta “Você acha que você muda seu jeito de falar a depender da situação?”.....	65
3.6 Justificativas para as respostas à pergunta “Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano?”.....	68
3.7 Justificativas para as respostas à pergunta “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?”.....	68
3.8 Justificativas para as respostas à pergunta “Você acha que eu [documentadora] sou piracicabana?”.....	69

3.9 Nuvem de palavras com os exemplos citados pelos participantes	71
3.10 Frequência dos níveis linguísticos	75
3.11 Frequência das variáveis em destaque	76
3.12 Nuvens de palavras com os termos metalinguísticos usados pelos participantes para responder as perguntas “Como você acha que o piracicabano fala?” e “O que é falar caipira?”, respectivamente.....	80
3.13 Variáveis em destaque a partir dos exemplos usados pelos participantes para responder a pergunta “Como você acha que o piracicabano fala?”	82
3.14 Variáveis em destaque a partir dos exemplos usados pelos participantes para responder a pergunta “O que é falar caipira?”	82
3.15 Justificativas para as respostas afirmativas em “Você considera os piracicabanos caipiras?”	83
3.16 Justificativas para as respostas afirmativas em “Você acha que você é caipira?”	84
3.17 Comentários organizados a partir de valores positivos negativos e neutros para as sentenças (37-a)-(37-f)	86
3.18 Nuvens de palavras referentes às perguntas “O que você acha desse modo de falar” para as sentenças (37-a)-(37-f)	87
3.19 Nuvens de palavras referentes às perguntas “Quem fala assim?” para as sentenças (37-a)-(37-f)	92
3.20 Respostas à pergunta “Quando você estava em X, as pessoas te reconheciam como paulistano? Como?”, do estudo de Oushiro (2015 ^a).....	102

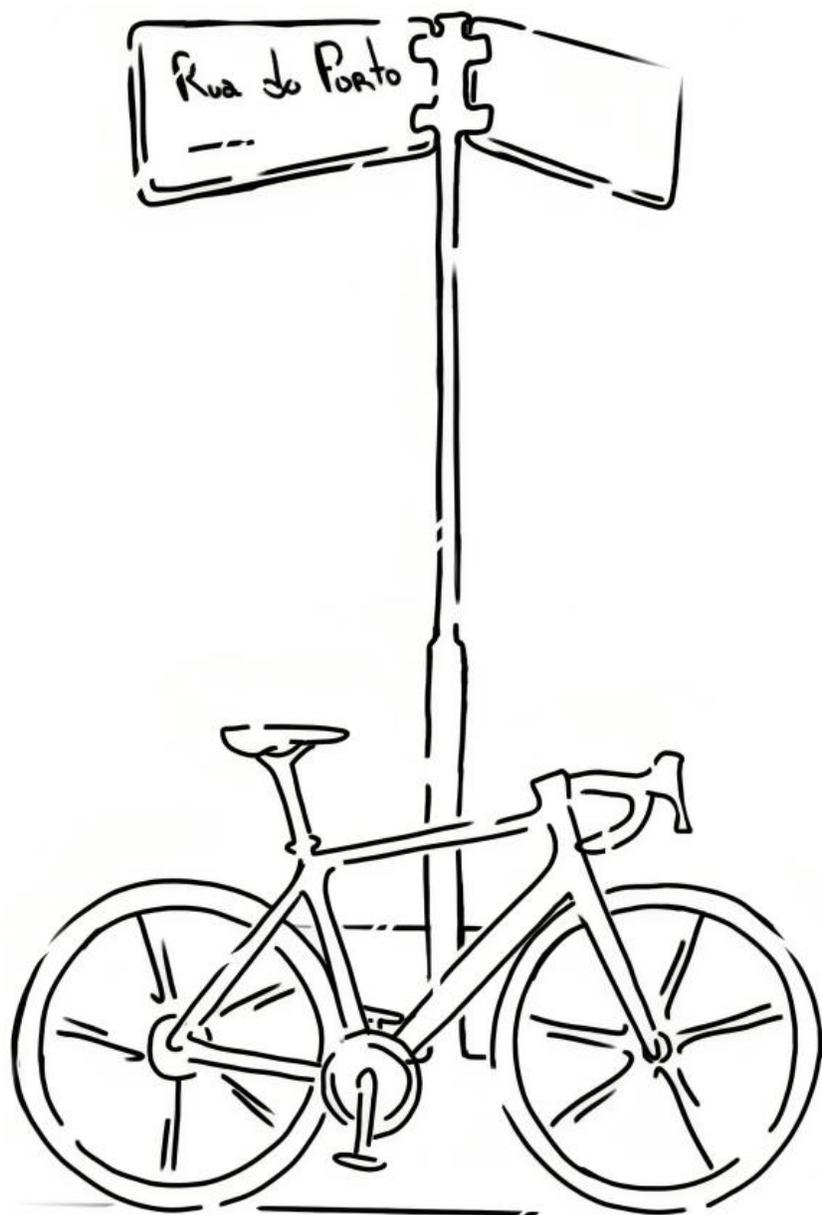
LISTA DE TABELAS

2.1	Estratificação dos participantes	38
2.2	Índices de escolaridade e ocupação, conforme Oushiro (2015 ^a , p. 49)	41
2.3	Índices de renda individual e distância da residência do participante ao centro da cidade em minutos	41
2.4	Classificações socioeconômicas e número de participantes	42
1	Participantes conforme as variáveis sociais	116



SUMÁRIO

Introdução	17
1 Revisão bibliográfica	23
1.1 Piracicaba, o interior paulista e o caipira.....	23
1.2 Avaliação linguística.....	27
1.3 Identidade.....	31
2 Materiais e Métodos	35
2.1 Levantamento prévio.....	35
2.2 Entrevistas: roteiro e participantes.....	36
2.3 Sistematização dos dados	44
3 Resultados	51
3.1 A relação com a cidade	51
3.2 Avaliações linguísticas	57
3.2.1 Avaliação da variação linguística	57
3.2.2 Reconhecimento do piracicabano e o sotaque	64
3.2.3 Traços linguísticos.....	70
3.2.4 O dialeto piracicabano, o caipira e o dialeto caipira	79
3.2.5 As seis variantes em destaque.....	85
3.3 Ressignificação e identidade	94
3.4 Discussão.....	99
Considerações finais	107
Agradecimentos	109
Referências bibliográficas	111



PREFÁCIO

A cidade de Piracicaba, no interior do estado de São Paulo, é conhecida nacionalmente pelo falar “caipira”. Leigos e linguistas não hesitam em apontar para o dialeto piracicabano como o protótipo da variedade linguística descrita por Amadeu Amaral no início do século passado. Como explicar que o dialeto caipira, associado no imaginário coletivo com os rincões rurais e à fala de pessoas incultas do interior, tem como seu mais perfeito exemplar o falar de uma cidade altamente urbanizada, densamente povoada e com IDHM acima da média nacional? Parte dessa resposta pode residir no modo como os próprios habitantes da cidade avaliam o falar caipira, o falar piracicabano e o falar “caipiracicabano”, como propõe esta obra de Danielle Baltieri Bento.

A autora analisa detalhadamente as respostas dadas por residentes da cidade a questões que versam sobre sua relação com Piracicaba, as características únicas do município, o modo de falar dos piracicabanos e dos próprios entrevistados, o modo de falar “caipira” e seis traços linguísticos frequentemente associados ao falar rural: a retroflexão de /r/ em final de sílaba, como em “porta”; a retroflexão desse segmento quando em posição intervocálica, como em “Camaro amarelo”; o rotacismo, como em “bicicreta” e “descurpe”; a realização oclusiva e a manutenção da altura de /e/ postônico em “de” e “noite”; e a forma não padrão do verbo “pôr” como “ponhar”.

Embora o dialeto caipira seja objeto de inúmeras teses, dissertações e artigos acadêmicos, sua análise sob a perspectiva das avaliações abre caminhos ainda muito inexplorados. Com efeito, analisar sistematicamente como os falantes de uma língua julgam seu próprio falar não é tarefa fácil. Por um lado, todos os falantes de qualquer língua têm não apenas opiniões, como também autoridade para comentar o modo como avaliam seu sotaque e o dos outros – aliás, recolher tais impressões é relativamente simples, uma vez que é raro encontrar alguém que não tenha o que comentar sobre diferentes sotaques. Por outro lado, entretanto, é necessário munir-se de discernimento científico e de instrumentos confiáveis para separar as avaliações do próprio pesquisador daquelas de seus participantes de pesquisa; para encontrar as perguntas

certas a fim de não enviesar os metacomentários dos falantes e para identificar, em meio a muitos clichês e trivialidades, aquilo que está além dos estereótipos sobre os usos linguísticos.

Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]), em seu texto seminal *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, já haviam previsto o problema da avaliação como umas das questões centrais a que uma teoria da mudança deve se atentar, mas só mais recentemente o tópico tem recebido a atenção sistemática dos estudiosos da linguagem. Na Linguística, é consenso que não há pronúncias, palavras ou construções “corretas” ou “erradas”, “bonitas” ou “feias”, “agradáveis” ou que “doem aos ouvidos”. Todas as variedades linguísticas são regradas e seguem padrões. Na vida cotidiana, contudo, esses e outros termos são frequentemente usados para descrever sotaques e variedades linguísticas, mesmo que sejam pejorativos e preconceituosos. Para além de preconceitos raciais, de gênero e religiosos, os preconceitos sobre a língua parecem ser um dos mais difíceis de se discutir socialmente e de se quebrar. E, com isso, têm sido frustrantes as tentativas de disseminação de conceitos que os linguistas já tomam como “sabidos” há décadas.

Mas o funcionamento de como certas formas linguísticas vêm a se associar a certos significados, ou a certos tipos sociais, ainda é, em parte, um mistério para a própria Linguística. Por que se estigmatiza o apagamento de R em “celulá”, mas não em verbos como “comê”? Por que se considera “errado” dizer “bicicreta” – porque “não é como se escreve a palavra!” – mas não tem problema dizer “noitchi”, mesmo que se escreva “noite”?

Estudos sobre avaliações e percepções demonstram que aquilo que os falantes pensam e dizem sobre a língua é tão variável quanto o modo como falam cotidianamente. Aquilo que um grupo pensa sobre determinada forma linguística, como “bicicreta”, não necessariamente coincide com o que outros grupos e indivíduos pensam sobre essa forma. Daí a importância de estudar avaliações sociolinguísticas mais a fundo: impressões conscientes e inconscientes sobre os usos linguísticos podem explicar processos de mudança na língua; podem ser variáveis de indivíduo para indivíduo; e podem dar pistas aos linguistas sobre o motivo de haver tanta resistência contra o discurso de respeito à diversidade linguística. As avaliações dos falantes sobre os usos linguísticos, de certo modo, fazem parte de seu próprio conhecimento da língua.

Nesta obra, a análise arguta de Danielle Bento busca critérios objetivos para lidar com as subjetividades. O roteiro de perguntas que ela apresentou aos participantes

foi cuidadosamente construído, a partir de pesquisas prévias e de suas observações na cidade, para eliciar comentários sobre Piracicaba e seu sotaque. Bento também buscou uma variedade de perfis de falantes, de diferentes partes da cidade, gêneros e idades. A autora, adicionalmente, desenvolveu um modo objetivo de sistematizar as respostas dos participantes, sem perder de vista a riqueza de detalhes de seus comentários. Sua análise revela que diferentes traços associados ao “caipira” têm graus distintos de saliência aos piracicabanos e fornece valiosas explicações de por que formas consideradas estigmatizadas em muitas comunidades lusófonas são produtivas em Piracicaba. Mostra, ademais, as nuances entre “ser caipira” e “ser caipiracabano”. Por fim, traz uma contribuição de peso aos estudos sociolinguísticos ao propor caminhos para o estudo de avaliações.

Livia Oushiro



INTRODUÇÃO

O termo *caipiracabano* junta as palavras *caipira* e *piracicabano*, fazendo coro ao discurso popular que circula no estado de São Paulo e que elege Piracicaba como uma cidade em que se preservam tradições e costumes caipiras, não sendo difícil encontrar notícias na mídia que evidenciam esse senso comum¹.

O Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba, principal time de futebol piracicabano, tem como seu mascote o personagem Nhô Quim. A história em quadrinhos do Nhô Quim, que ficou amplamente conhecida como a primeira história em quadrinhos do Brasil, narra a ida de um caipira ao Rio de Janeiro. Além de o mascote do time representar o caipira, o hino popular do Clube XV de Novembro também se relaciona com o caipira. O hino popular, também conhecido como hino caipira, tem duas versões para seu surgimento. A primeira diz respeito a uma possível criação a partir de estudantes da ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) como uma forma de brincadeira sobre o falar local; e a segunda, segundo o jornalista Cecílio Elias Netto, seria uma sátira de torcedores campineiros para irritar os piracicabanos que não gostavam de ser chamados de caipira. Com o tempo, o Clube assumiu o hino popular².

No dicionário *Arco, Tarco, Verva: as delícias do refinado dialeto caipiracabano*, Netto (1988) reúne diversos termos considerados caipiras e que seriam recorrentes na variedade linguística piracicabana. Ele menciona o hino popular do Clube Esportivo XV de Novembro como uma marca registrada do piracicabano. O nome do dicionário faz referência ao questionamento de barbeiros da época, que perguntavam aos clientes como gostariam de tratar suas peles após

¹ Conheça o caipiracabano (<http://redeglobo.globo.com/sp/eptv/noticia/2016/05/conheca-o-caipiracabano-dialeto-que-esteve-no-encontro-com-fatima.html>, acesso em: 22/02/2022); O caipirês de Piracicaba <https://www.youtube.com/watch?v=soeQprkEHZk&feature=youtu.be>, acesso em: 22/02/2022); Piracicaba está no 'Distrito Federal' da cultura caipira, diz jornalista José Hamilton Ribeiro (<https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/piracicaba-250-anos/noticia/piracicaba-esta-no-distrito-federal-da-cultura-caipira-diz-jornalista-jose-hamilton-ribeiro.ghtml>, acesso em 22/02/2022); entre outras.

² Ver <http://www.xvpiracicaba.com.br/hino/> (acesso em 22/02/2022).

serem barbeados, com *arco* ou *tarco*, referindo-se a *álcool* e *talco*, enquanto os clientes responderiam *verva*, a loção de barbear *aqua velva*.

Em meio a tantos discursos populares, o dialeto caipira foi tombado como patrimônio imaterial de Piracicaba em 2016 (Destro, 2016). Mesmo com muitos aspectos exaltando a cultura caipira em Piracicaba, é sabido que há uma grande estigmatização sobre o modo de falar caipira e sobre o caipira em si. Bagno (2007 [1999]) cita diversos textos que evidenciam os preconceitos linguísticos direcionados ao falar caipira e seu desprestígio, geralmente associado, no estado de São Paulo, à fala de pessoas sem escolaridade, ignorantes, do interior, da zona rural.

Quando se fala em língua, fica evidente a variação linguística. Os falantes de uma região não falam como os de outra, um grupo social não fala como outros grupos. E as variedades de uma língua estão sujeitas a avaliações subjetivas. Conforme Leite e Callou³, “[o] uso de uma língua envolve [...] aspectos ideológicos e o preconceito que existe em relação a determinadas variedades é equivalente a outros, como o social, o religioso e o racial”.

A variedade linguística do interior paulista como um todo é atrelada ao falar caipira, mas há algo que elege Piracicaba como a cidade prototípica desse dialeto. Em diversos estudos sociolinguísticos sobre variedades do interior de São Paulo, o falar caipira é atribuído a Piracicaba⁴, citando principalmente o uso da consoante /r/. Em 1920, Amaral (2020 [1920]) descreveu a língua da região de Piracicaba, e apresentou o uso da consoante /r/ em ataque e coda silábica como linguo-palatal e guturalizado, nomeando-a de /r/ caipira. Nos anos seguintes, conforme explicita Head (1987), as descrições para o /r/ caipira mostraram que a pronúncia pode ser também retroflexa, vibrante, gutural e fricativa.

Tais descrições do falar de Piracicaba contrastam com os dados socioeconômicos e demográficos mais recentes. Piracicaba é o 13º maior município do estado de São Paulo em termos de extensão territorial (1.378,069 km²) e o 17º maior município do estado de São Paulo no quesito população (410 mil habitantes em 2021). A cidade se tornou sede da Região Metropolitana de Piracicaba no início de 2021 com 25 cidades integradas⁵. Para além da localização, extensões territorial

³ Leite; Callou, 2002, p. 5.

⁴ Cf. Carreão, 2018; Espírito-Santo, 2019; Picinato, 2018; Plaza, 2019, entre outros.

⁵ Disponível em <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?16/03/2021/piracicaba-se-torna-polo-de-regiao-metropolitana>, acesso em 22/02/2022.

e populacional, cabe destacar que Piracicaba possui um IDHM de 0,785, pouco acima da média nacional de 0,759 (IBGE, 2021).

Ainda que o interior do estado e a cidade de Piracicaba estejam associados, ao menos em um primeiro momento, com o modo de vida rural (assim como o estigma do caipira), o município de Piracicaba é bastante urbanizado. Segundo o censo IBGE (2010), Piracicaba tem uma população urbana de aproximadamente 356 mil habitantes e somente 2% (cerca de sete mil habitantes) residem em áreas rurais.

Não somente Piracicaba, mas diversas cidades do interior paulista (e também do Brasil) apresentaram, a partir da segunda metade do século XX, um aumento proporcional de sua população urbana em detrimento da população rural. Esse fenômeno ocorreu principalmente por conta da Revolução Verde (Andrades; Ganimi, 2007). Com o aumento da mecanização, e conseqüente otimização dos processos produtivos no campo, houve diminuição da necessidade de mão de obra nesse meio. Com isso, desenvolveu-se uma tendência à migração em direção às cidades. O êxodo rural deu-se, inicialmente, em direção aos grandes centros urbanos. A partir da década de 1970, com o alastramento da terceira revolução industrial, ocorreu o processo de descentralização produtiva, mudando os locais de produção das indústrias para o interior do país. Os municípios interioranos ofereciam isenção de impostos, mão de obra menos sindicalizada, doação de terrenos, entre outras condições, tornando-os assim mais atraentes à alocação de investimentos e instalação de filiais de grandes empresas (Sposito, 2004). Esse movimento é observado na cidade de Piracicaba, que em 1988 já contava com 712 estabelecimentos industriais (Peres, 2015).

Com efeito, seu crescimento populacional ocorreu muito recentemente. Piracicaba foi fundada em 1767 e se tornou cidade em 1856, mas o número de habitantes aumentou consideravelmente nos últimos 60 anos. Na década de 1970, Piracicaba possuía aproximadamente 152 mil habitantes e, na década seguinte, com a migração do campo para a cidade e de outras regiões do país, Piracicaba passou a ter mais de 200 mil habitantes (Peres, 2015).

Considerando o senso comum e os estudos que destacam a cidade de Piracicaba como prototípica do caipira, o presente estudo analisa as avaliações sobre os dialetos caipira e piracicabano pela visão dos próprios residentes na cidade. O enfoque não é em como as pessoas falam, nem no uso de /r/ caipira, mas sim nos

discursos metalinguísticos sobre essa variedade linguística, com vistas a reconhecer e pormenorizar os estigmas e a saliência de diferentes variáveis linguísticas, assim como contrastar as avaliações de diferentes grupos sociais. Cabe também ressaltar que este trabalho não tem o intuito de discutir a veracidade ou a historicidade das avaliações, mas sim quais são e como atuam essas avaliações, destacando suas nuances de sentido e estigmas.

Para tanto, neste trabalho foram coletadas e analisadas qualitativa e quantitativamente 60 entrevistas que buscavam as avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba sobre os dialetos caipira e piracicabano. A maioria dos estudos da área de Sociolinguística Variacionista⁶ analisam a produção linguística, ou seja, os padrões de variação no modo como as pessoas falam. Outros trabalhos, em crescimento na área, investigam as avaliações linguísticas – os julgamentos que as pessoas fazem sobre as variedades linguísticas (Oushiro, 2015b).

Os discursos podem ter uma influência sobre as mudanças linguísticas. Como o enfoque não é sobre a produção linguística, serão usadas as denominações /r/ caipira e /r/ retroflexo no decorrer do texto, como sinônimos, abrangendo as diferentes pronúncias desse segmento. Ao mesmo tempo, identidade torna-se um assunto importante para este trabalho, pois coloca em foco as relações entre os sujeitos e os espaços, e, conseqüentemente, a língua, sendo um dos componentes da variação linguística.

Mais especificamente, objetiva-se responder as seguintes questões:

- o dialeto caipira é estigmatizado na comunidade de fala piracicabana?
- além do estereótipo sobre o /r/, quais outras características do dialeto piracicabano são salientes para os falantes?
- os piracicabanos têm avaliações diferentes dos não piracicabanos?
- as avaliações são diferentes conforme a idade, a região de residência e o gênero do participante?
- há conflitos de identidade entre ser caipira e ser piracicabano?

Desse modo, o Capítulo 1 apresenta mais pormenorizadamente trabalhos de produção, avaliação, percepção, crenças e atitudes linguísticas nos quais foram

⁶ Cf. Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975].

observados julgamentos sobre o caipira e sobre a cidade de Piracicaba; a revisão bibliográfica também discute estudos de identidade que mostram as relações estabelecidas entre falantes e variedades da língua. No Capítulo 2, encontram-se os métodos e metodologias empregados neste trabalho, abarcando uma análise prévia dos dados de avaliação presentes em Morelli (2019) e a coleta e sistematização dos dados desta pesquisa. No Capítulo 3, apresentam-se as descrições e discussões sobre os resultados desta pesquisa. E, por fim, as Considerações Finais levantam possíveis desdobramentos a este estudo.

Os resultados mostraram que o dialeto caipira é estigmatizado nessa comunidade de fala, mas que os piracicabanos afirmam preservar características “boas” do caipira: a relação com a natureza, a qualidade de vida, a solidariedade. O sotaque piracicabano foi amplamente citado como definidor e diferenciador do piracicabano, assim como uma certa identidade piracicabana. A variante /r/ caipira em coda silábica é amplamente citada pelos participantes, no entanto, não é a única. Os participantes também avaliaram o uso de /r/ retroflexo em ataque, rotacismo, consoantes oclusivas alveolares [t,d] concordância nominal e verbal, diferenças lexicais, entre outros. Algumas variantes mostraram-se mais estigmatizadas que outras – l /r/ retroflexo em ataque, rotacismo e uso do verbo pohnhar são mais estigmatizadas na comunidade de fala de Piracicaba, enquanto a variante /r/ em coda não recebe muitos comentários negativos e é considerada “normal” e “comum”; as variantes oclusivas /t,d/ operam como marcadores, nos parâmetros labovianos (Labov, 2008 [1972]). Quanto aos grupos sociais, os resultados mostraram-se divergentes conforme a faixa etária, o gênero, a região de residência e a natividade dos participantes.

PIU.



PIR!



1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Piracicaba, o interior paulista e o caipira

Em seu trabalho, Amaral (2020 [1920]) descreveu a pronúncia, a gramática e o léxico do português falado em Piracicaba, Capivari, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, cidades do interior paulista. Dentre os aspectos fonéticos, o autor observa o uso linguo-palatal e guturalizado de /r/ inter e pós-vocálico (o chamado /r/ caipira, em *arara* e *carta*), o rotacismo (*quarquér*), a queda da consoante /d/ em sílabas finais em *ando*, *endo*, *indo* (*andano*), a não permuta de vogais finais de *e* para *i* (*aquele*), a vocalização da palatal (*fiio*), entre muitos outros. Quanto ao nível lexical, Amaral (2020 [1920]) cita o uso das palavras *judiação* (judiaria), *nho* (forma proclítica de *senhor*) e *pamonha* (espécie de bolo de milho), dentre outras. O autor também menciona a concordância não padrão (como *dois home*), a mudança da forma verbal dos verbos terminados em *ar* no pretérito perfeito da primeira pessoa do plural (como *trabaiêmo*) e prótese (como *zóio* para ‘olhos’). O autor afirma, ainda, que o dialeto caipira possuía uma avaliação negativa¹ e que, pela instrução formal e pela educação, o dialeto caipira estava desaparecendo.

Aproximadamente 50 anos depois, Rodrigues (1974) analisou a produção linguística de falantes de dois bairros rurais da cidade de Piracicaba, Artêmis e Ibitiruna. Na época, 13% da população piracicabana era residente na zona rural. A pesquisadora realizou diálogos, entrevistas e inquéritos fonéticos com 28 participantes, todos analfabetos, nascidos e com pais naturais da região, em duas faixas etárias (entre 25 e 45 anos e acima de 45 anos). Rodrigues (1974), de modo geral, observou que muitas características descritas por Amaral (2020 [1920]) permaneciam nessa variedade linguística. A variante /r/ retroflexa estava presente no falar local, assim como outros

¹ Amaral, 2020 [1920], pp. 28-29.

fenômenos interessantes para o presente estudo: a realização de /t,d/ como oclusivas e africadas e a realização de rotacismo. Além da produção linguística, Rodrigues (1974) recortou um trecho de três minutos de uma de suas gravações e o reproduziu para 11 pessoas residentes da região urbana de Piracicaba e pediu para que respondessem testes avaliativos. Os testes buscaram compreender a opinião de moradores urbanos sobre a fala de moradores rurais do município. A autora observou que os áudios são identificados como falas características de pessoas interioranas, incultas, da roça e de “classe baixa”, e também como uma fala razoavelmente bonita. É destacado que muitos respondentes procuraram justificar suas opiniões atribuindo à fala caipira não um teor pejorativo, mas uma falta de oportunidade de escolarização.

Leme (1994) analisou a produção linguística da comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba, constituída por dois bairros: Santana e Santa Olímpia. Segundo a autora, havia três dialetos coexistentes na comunidade: o falar trentino (italiano), o falar caipira, e um dialeto com características de ambos. Tanto o dialeto caipira quanto o dialeto trentino eram avaliados pela comunidade de fala de modo negativo. Leme (1994) observou um movimento de resgate das identidades e dos costumes da comunidade por meio de festas e eventos, o que fez com que a linguagem passasse a ser considerada exótica e folclórica. Mais recentemente, na pesquisa de Iniciação Científica de Morelli (2019), foram coletadas 12 entrevistas sociolinguísticas com piracicabanos para análise de produção linguística. Os falantes foram estratificados em faixa etária (18 a 34 anos, 35 a 59 anos, 60 anos ou mais), sexo/gênero (feminino e masculino), bairro de origem e residência (bairros mais afluentes e bairros menos afluentes). As variáveis analisadas foram a realização de /r/ em coda silábica, /r/ em ataque silábico e rotacismo. Seus resultados mostraram que a realização de /r/ em coda como tepe é praticamente nula na comunidade. De modo geral, foi observado que as variantes de menor prestígio – /r/ retroflexo forte em coda, /r/ retroflexo em ataque e realização de rotacismo – estão presentes na fala de homens menos escolarizados e de bairros menos afluentes. Para as variantes /r/ em ataque e rotacismo, Morelli (2019) observou que há uma mudança em progresso na fala dos piracicabanos, pois aqueles que produzem as variantes estigmatizadas são seus participantes mais velhos.

Além desses trabalhos sobre a cidade de Piracicaba, outros estudos sobre o interior paulista mobilizam o tema *caipira*, analisando a produção e avaliações sobre o dialeto. Carreão (2018) estudou a produção e a avaliação linguísticas na cidade de Louveira, próxima a Campinas e Jundiaí, com população estimada de 45 mil habitantes.

Seu *corpus* contou com relatos de moradores antigos e com uma amostra de 25 participantes. As variáveis analisadas foram a realização de /t,d/ antes de [i], /r/ em coda silábica e /r/ em ataque silábico. Seus resultados mostram que as variantes /r/ retroflexo em ataque e /t,d/ oclusivas estão em processo de mudança próximo de sua conclusão. Em coda silábica, a variante retroflexa é a mais presente; seus falantes entre 30 e 45 anos são aqueles que mais pronunciam /r/ tepe em coda silábica. Carreão (2018) constatou que seus participantes não consideram Louveira como uma cidade tão interiorana quanto as outras do interior paulista. O desenvolvimento econômico da cidade foi um fator apresentado para essa avaliação, pois a locação de empresas em Louveira fez com que a cidade se afastasse de características caipiras, segundo seus participantes.

Plaza (2019) analisou a produção linguística e a construção de sentido da palavra “caipira”, em uma interface entre a Sociolinguística e a Análise do Discurso. As entrevistas foram realizadas com 30 participantes, nascidos na cidade de Itatiba. O município tem aproximadamente 101 mil habitantes e localiza-se próximo a Campinas. Foram analisadas as variáveis /t,d/ antes de [i], /r/ em coda, /r/ em ataque simples e complexo, rotacismo em coda e em ataque silábico, vocalização da palatal e a realização da vogais finais /e,o/. Seu roteiro de entrevistas contava com perguntas que mobilizavam as construções de sentido de *caipira*. De maneira geral, Plaza (2019) observou que as variantes caipiras estão deixando de ser produzidas pela comunidade de fala, que está utilizando com maior frequência as variantes inovadoras. Apenas para a variável /r/ em coda notou-se o padrão contrário, com realização mais frequente de /r/ retroflexo. As variantes conservadoras (variantes caipiras) estão presentes na fala de pessoas com menos escolaridade, residentes da zona rural, de classes sociais mais baixas e homens. Quanto à avaliação dos participantes sobre o caipira, os itatibenses não se veem como rurais e caipiras. Seus participantes destacam o crescimento da cidade como um fator de não manutenção dos aspectos caipiras.

Mais distante de Campinas, na região metropolitana de Sorocaba, Espírito-Santo (2019) analisou a produção linguística de residentes em São Miguel Arçanjo (aproximadamente 31 mil habitantes). O *corpus* é composto por 24 participantes, no qual foi analisada a variável rotacismo em coda silábica e ataque complexo. Seus resultados evidenciam a estigmatização da variável rotacismo; seus participantes quase não realizaram a variante em coda silábica. Em ataque complexo, o rotacismo mostrou-se favorecido pela fala de homens mais velhos, menos escolarizados e residentes da região rural do município. Seus participantes atribuíram a realização de rotacismo ao

sotaque caipira, que seria típico de residentes do município, principalmente da região rural. As avaliações, em comparação com as de Carreão (2018) e Plaza (2019), mostram uma maior aproximação dos residentes ao dialeto e às características caipiras.

Picinato (2018) analisou a produção de /r/ retroflexo, rotacismo, pronúncia da palatal [ʎ], fricativas alveolares em final de palavras não plurais (*pires – pire*), prótese e aférese (*alembra e bserve*) e apócope (*legítimo – legiti*) no município de Sales Oliveira, próximo a Ribeirão Preto e com aproximadamente 10 mil habitantes. Além da produção linguística, a pesquisadora observou a estigmatização e o prestígio das variantes e a identidade dessa comunidade de fala. Seus resultados de produção mostraram que o /r/ retroflexo é amplamente usado pelos seus participantes, enquanto as outras variantes ditas caipiras ocorrem mais na fala de idosos que já residiram na região rural. O dialeto caipira apresentou avaliações negativas e o “ser caipira” apareceu atrelado à zona rural, aos baixos níveis de escolarização e a ser tímido. Seus participantes negaram essas características do caipira como atrasado e sem estudo.

Os participantes dos quatro trabalhos sobre o interior de São Paulo citados acima² avaliam o falar caipira como característico da cidade de Piracicaba.

No estudo de Aguilera e Silva (2015), a partir de um *corpus* composto por residentes do Triângulo Mineiro, foram observadas ressignificações do caipira. A produção linguística de /r/ retroflexo em coda foi predominante no *corpus*, composto por 24 falantes estratificados em sexo, faixa etária e cidade de residência. Aguilera e Silva (2015) também aplicaram questionários a partir do método de estímulos pareados³. O /r/ caipira foi avaliado negativamente quando associado à fala e a questões sociais, tendo sido caracterizado como *errado* e *atrasado*, e de pessoas com *menos estudo* e que *sofrem preconceito*; por outro lado, quando ligado a aspectos morais, a variante é bem avaliada, recebendo atributos como *mais trabalhador*, *menos grosso*, *não engana as outras pessoas*. A maioria das profissões ligadas ao /r/ retroflexo são as que não exigem muita escolaridade, como agricultor, balconista, mecânico e pedreiro. A partir desses resultados, as autoras concluem que há um novo estatuto do caipira, atuando como uma identidade social. Aguilera e Silva (2015) salientam que o estigma acerca do /r/ retroflexo não interfere na produção dos falantes.

² Carreão, 2018; Espírito-Santo, 2019; Picinato, 2018; Plaza, 2019.

³ Lambert; Lambert, 1968 *apud* Aguilera; Silva, 2015.

A partir desses trabalhos, constata-se uma rejeição ao caipira nas comunidades mais próximas a cidades grandes (por exemplo, Campinas e São Paulo) e um conflito entre residir no interior de São Paulo, mas não apresentar características caipiras. Desse modo, neste trabalho, investiga-se se há uma relação nas avaliações linguísticas e na identidade piracicabana conforme o estabelecimento enquanto uma cidade do interior e prototipicamente caipira e se as avaliações sobre o caipira são também estigmatizadas ou valorizadas. Também se objetiva verificar, no discurso metalinguístico dos participantes, quais variantes consideradas caipiras são mais mencionadas: /r/ retroflexo em coda, dado seu alto grau de realização; /r/ retroflexo em ataque silábico e rotacismo, pela estigmatização já observada em outros estudos; e /t,d/ oclusiva antes de [i], considerando a mudança em progresso na região para sua não realização. Ao mesmo tempo, analisam-se as relações que os piracicabanos estabelecem com a cidade para reconhecer as nuances na identidade piracicabana e suas relações com o caipira.

1.2 Avaliação linguística

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) elaboram cinco questões para a Teoria da Variação e da Mudança, sendo uma delas a questão da avaliação. Os autores instituem o nível de consciência social das variáveis como uma propriedade importante da mudança linguística e que deve ser estudada empiricamente.

Nas pesquisas dessa perspectiva, tem-se estudado, principalmente, a produção linguística, isto é, como os falantes falam. Em menor escala, no Brasil, existem estudos de avaliação, percepção, crenças e atitudes, que, de modo geral, analisam as opiniões e julgamentos que os falantes fazem sobre a língua. Este trabalho não tem o intuito de pormenorizar esses estudos; na sequência serão destacados alguns trabalhos que se relacionam com variantes caipiras e com o falar piracicabano.

Oushiro (2019a) realizou um estudo de percepções linguísticas sobre as variantes tepe e retroflexa de /r/ em coda silábica, a partir da metodologia de *estímulos pareados*⁴. O experimento foi aplicado a 185 participantes residentes da cidade de São Paulo. Os resultados mostram que a variante retroflexa foi associada principalmente à

⁴ Campbell-Kibler, 2010; Lambert *et al.*, 1960.

fala de pessoas residentes de bairros periféricos, do interior do estado e com classes sociais mais baixas. Oushiro (2019a) conclui que os estudos de percepção não necessariamente vão apresentar os mesmos resultados de estudos de produção linguística, e que as percepções são heterogêneas, sendo possível identificar padrões.

Também utilizando a técnica de estímulos pareados, Soriano e Mendes (2016) realizaram um experimento para medir a saliência das pronúncias de /r/ em coda silábica, realizadas como vibrante com 3 batidas, vibrante com 2 batidas, tepe, aproximante alveolar e aproximante retroflexa. Os participantes da pesquisa eram de diversos locais do Brasil. Observou-se que, para o grupo de paulistanos, as mulheres avaliaram os estímulos diferentemente dos homens quanto ao grau de paulistanidade (o quanto a pessoa soa paulistana). As mulheres avaliaram similarmente as variantes tepe e aproximante alveolar e diferenciaram o tepe da variante retroflexa, enquanto os homens não fizeram essas distinções.

Leite (2011) investigou as atitudes linguísticas de campineiros sobre o /r/ caipira. A autora realizou 12 entrevistas com nativos de Campinas, cujo roteiro continha questões sobre a cidade de Campinas e usos linguísticos. Por meio de análises qualitativas, a autora observou que o /r/ caipira tem avaliações negativas, e as avaliações positivas reservam-se a outras manifestações caipiras de costumes e tradições. A partir de seus resultados, Leite (2011) classificou o /r/ caipira como um *estereótipo*, a partir dos parâmetros de Labov (2008 [1972]). Em Leite (2004), observa-se que os participantes campineiros procuram afastar-se do estigma caipira, que assumem como característica do interior paulista como um todo, mas que em Campinas a associação da cidade com o falar caipira não seria tão forte quanto em Piracicaba.

Em sua pesquisa de Iniciação Científica, Sousa (2018) replicou a abordagem de Freitag *et al.* (2016), ao aplicar questionários sobre crenças a respeito das variedades do português brasileiro para um grupo de universitários na cidade de Campinas. A pesquisadora observou, para o estado de São Paulo, que o sotaque mais reconhecido é o caipira e que a consoante /r/ se mostrou bastante saliente. A cidade de Piracicaba foi recorrentemente sinalizada pelos participantes com um sotaque reconhecível e caipira.

A partir dos trabalhos destacados nesta Seção, observa-se que a consciência social faz-se importante para os estudos da variação e da mudança ao explicitarem quais variáveis são mais ou menos salientes e quais estão presentes no discurso dos falantes.

Oushiro⁵ faz uma distinção entre *percepção* e *avaliação*; o primeiro termo “diz respeito a inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante”, enquanto o segundo é empregado “para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre as variantes”. Sobre os estudos de atitudes linguísticas, Freitag *et al.* (2016) argumentam que é possível alcançar as opiniões dos falantes sobre a língua de uma forma mais direta (perguntando aos falantes) ou de uma forma indireta (submetendo-os à apreciação linguística e pedindo-lhes que associem formas linguísticas a traços sociais).

Leite e Callou (2002) fazem um extenso trabalho de levantamento sobre o português brasileiro. As autoras reconhecem que é através da linguagem que ocorre a comunicação sobre o conhecimento, o mundo e sobre a própria linguagem. A partir dela, identificam-se grupos de pessoas, e

por ser um parâmetro que permite classificar o indivíduo de acordo com sua nacionalidade e naturalidade, sua condição econômica ou social e seu grau de instrução, [a linguagem] é frequentemente usada para discriminar e estigmatizar o falante.⁶

Os estigmas sobre o falar caipira, destacados na Seção 1.1, demonstram como as avaliações linguísticas podem influenciar tanto no tratamento de determinadas variantes quanto no tratamento social das pessoas.

Sendo assim, este trabalho se propôs a analisar as avaliações linguísticas, a partir de um roteiro semiaberto com perguntas sobre a cidade de Piracicaba e sobre avaliações sobre o falar piracicabano e caipira, a fim de depreender quais são as avaliações dos próprios residentes em Piracicaba sobre sua variedade linguística e observar se existem diferenças nas avaliações conforme grupos sociais, bem como reconhecer quais variantes são mais ou menos estigmatizadas.

Quanto à avaliação social, Labov (2008 [1972]) discorre sobre três tipos de variáveis: *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*. Os indicadores são fenômenos linguísticos que apresentam diferenças conforme a idade e o grupo social do falante, mas que não têm padrão de variação estilística e têm pouca força avaliativa. Já os marcadores apresentam variação estilística tanto quanto variação conforme o grupo

⁵ Oushiro, 2015b, p. 140.

⁶ Leite; Callou, 2002, [s.p.].

social e recebem avaliações regulares em testes de reação subjetiva, mesmo se estiverem abaixo do nível de consciência. Os estereótipos são formas marcadas na sociedade. Quanto aos estereótipos, Labov (2008 [1972]) acrescenta:

Um estereótipo social é um fato social, parte do conhecimento geral dos membros adultos da sociedade. Isso é verdade mesmo quando o estereótipo não corresponde a nenhum conjunto de fatos objetivos. Os membros da comunidade de fala se referem aos estereótipos e falam sobre eles; podem ter um rótulo geral e uma frase característica que serve igualmente bem para identificá-lo.⁷

Labov⁸, a partir de seu trabalho sobre a cidade de Nova York, percebe que “[f]alantes que exibem o mais alto índice de uso de um traço estigmatizado em sua própria fala espontânea apresentam a maior tendência a estigmatizar os outros pelo uso dessa mesma forma.” É possível inferir, portanto, que estereótipos são altamente salientes e objetos de metacomentários, enquanto marcadores são menos salientes e não são alvo de metacomentários e os indicadores não são salientes. Desse modo, um dos objetivos deste trabalho é analisar em qual tipo de avaliação social variantes caipiras podem ser categorizadas.

Nas pesquisas de avaliações linguísticas, são frequentes as análises que mobilizam a noção de *campo indexical*, definido por Eckert (2008) como uma “constelação de significados relacionados ideologicamente”⁹. O campo indexical é fluido, permeado de associações ideológicas e passível de mudanças. A autora complementa afirmando que variáveis têm campos indexicais e não significados fixos. Eckert (2008) propõe uma análise que vai além das generalizações comumente presentes nos estudos da Sociolinguística. A autora salienta que os significados estão atrelados às categorias apenas indiretamente, e que os campos indexicais permitem perceber quais categorias se ligam a outras, o que permite entrever as relações entre os significados sociais das variáveis. Desse modo, essa noção será utilizada nas análises desta pesquisa a fim de vislumbrar, de forma breve, possíveis campos indexicais atrelados ao falar caipira e ao falar piracicabano.

⁷ Labov, 2008 [1972], p. 360.

⁸ *Idem*, p. 357.

⁹ Eckert, 2008, p. 453. Tradução própria do original: *constellation of ideologically related meanings*.

1.3 Identidade

A presente pesquisa entende *identidade* como a “negociação ativa da relação de um indivíduo com construtos sociais mais amplos, na medida em que essa negociação é sinalizada através de meios linguísticos e outros meios semióticos”¹⁰. Oushiro¹¹ afirma que “identidade é, antes de mais nada, uma negociação, ou seja, um indivíduo não tem poder de definir para si uma identidade totalmente nova, que não tenha sido elaborada coletivamente e que não seja aceita por outras pessoas”, e complementa dizendo que a identidade

não é um atributo pessoal, muito menos uma posse; ela é um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce total controle.

Sendo assim, nesta pesquisa, entende-se *identidade* como uma negociação, sinalizada por meios linguísticos e semióticos, entre o indivíduo e construtos sociais. O indivíduo não define uma identidade nova, pois a identidade é elaborada coletivamente, conforme Mendoza-Denton (2003) e Oushiro (2019b). A partir dessas definições de identidade, este trabalho tem como um de seus objetivos analisar a identidade piracicabana, do modo como se mostrou no discurso dos participantes desta pesquisa.

Diversos trabalhos já analisaram a identidade em conjunto com a variação linguística. Becker (2009) realizou um estudo em Nova York para verificar se as mudanças observadas por Labov (1966) no bairro de Lower East Side continuavam na mesma direção quarenta anos depois. A autora analisou a variável /r/ pós-vocálico, como em *source*, entre realização e apagamento. Foi observado que os participantes aumentam a não realização da variante /r/ como construção de uma identidade local para se preservarem enquanto residentes desse bairro. Assim, Becker afirma que “o

¹⁰ Mendoza-Denton, 2003, p. 475. Tradução própria do original: *active negotiation of an individual's relationship with larger social constructs, in so far as this negotiation is signaled through language and other semiotic means*.

¹¹ Oushiro, 2019b, pp. 308-309.

lugar tem potencial de ser parte da identidade de um indivíduo”¹². A autora entende por *lugar* a atribuição de sentido ao espaço enquanto organização e localização espacial.

Becker (2009) salienta que os falantes agenciam suas identidades locais usando recursos regionais, e que os falantes residentes em comunidades que estão passando por mudanças linguísticas tendem a destacar sua identidade local. A pesquisadora ainda ressalta que a chegada de novas pessoas à comunidade de fala coloca em risco a variedade local, fazendo com que os falantes reafirmem suas identidades.

Oushiro¹³ revisa definições e metodologias de coleta de dados para análise de identidades na Sociolinguística; vários de seus pressupostos também são caros a esta pesquisa. A autora salienta que “‘negar as raízes’ é uma atitude socialmente mal vista e, pelo menos discursivamente, a grande maioria dos falantes demonstra valorizar sua herança cultural”. Sendo assim, a pessoa falar bem sobre o local onde vive não é grande indicativo de diferenciação, principalmente se considerando entrevistas em que o enfoque é a cidade na qual o participante reside. Oushiro (2019b) evidencia dois pontos fundamentais: se os falantes não nativos daquele lugar (migrantes) instituem relações identitárias com o falar local ou não e como e de que modo os falantes identificam outros falantes. Neste estudo, busca-se reconhecer como se dá a relação de não piracicabanos com a cidade de Piracicaba e com o caipira e também como os participantes reconhecem os piracicabanos e o que consideram caipira.

Pagotto (2001) analisou as relações entre a produção linguística e a identidade na cidade de Florianópolis-SC. Para definir identidade, Pagotto (2001) recorre à Análise do Discurso, que institui o sujeito enquanto interpelado pela ideologia e institui identidade como uma forma de conceber o mundo e suas relações. A identidade é composta pela história e por posições tomadas pelo sujeito em relação a outras posições já tomadas anteriormente. O pesquisador propõe que a identidade e o sujeito nascem juntos e que a identidade é heterogênea e constitutiva do processo de variação. Suas análises mostram que a identidade é fundamental para a cidade de Florianópolis e que a memória e o passado da cidade são retomados com frequência no discurso dos falantes. Pagotto (2001) discorre que o que é constitutivo das línguas é

¹² Becker, 2009, p. 636. Tradução própria do original: *place has the potential to be part of an individual's identity.*

¹³ Oushiro, 2019b, p. 315.

o próprio jogo dos sujeitos pela apropriação do sistema lingüístico para nele inscreverem suas marcas de identidade, as quais, por sua vez, são fruto de injunções ideológicas, que nos fazem ‘mesmos’ e ‘diferentes’, segundo a posição constituída.¹⁴

Assim como Pagotto (2001), Anjos (2017) também observa um importante papel da memória na identidade. Anjos (2017) analisou a apropriação e a ressignificação de símbolos identitários no Estado do Tocantins, a partir de uma perspectiva sociológica. Segundo a autora, a identidade cultural regional compreende todos os níveis de manifestações culturais de uma região, ou seja, o que é específico de cada região. Ela analisa a forma com a qual os símbolos são instituídos como representações de Tocantins e então passam a fazer parte da cultura e da identidade local com o auxílio de discursos midiáticos. Quanto ao papel da memória e do imaginário, Anjos (2017) evidencia a influência da mídia na construção de identidades culturais e afirma que elas “[s]ão manifestações que trazem ao indivíduo a sensação de pertencimento e de identidade (ou seja, que o distingue do outro)”¹⁵.

A partir das noções apresentadas sobre identidade, um dos objetivos deste trabalho foi o de analisar como se constrói a identidade piracicabana a partir das avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba, posto que há um amplo discurso popular sobre o dialeto e cultura caipiras em Piracicaba.

E por fim, é fundamental ressaltar que a identidade não é o único fator que explica os usos linguísticos. Conforme Oushiro (2015b),

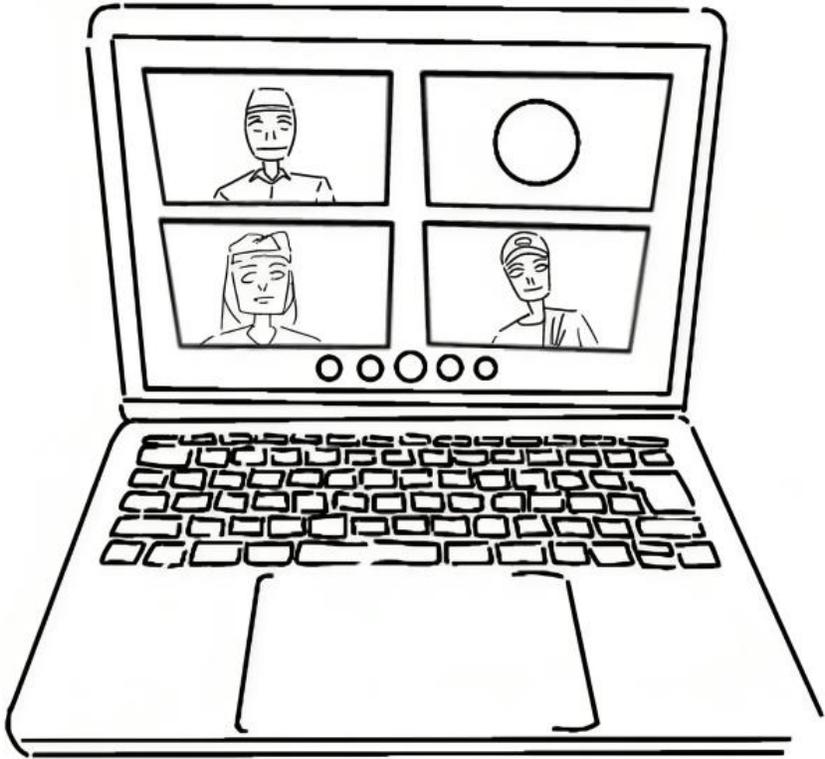
há que se ter em mente, ademais, que tais significados são múltiplos, e que a identidade declarada pelos falantes em seu discurso não pode ser tomada *prima facie* como única explicação para determinados usos linguísticos.¹⁶

Sendo assim, os pressupostos de identidade são usados neste trabalho para mais bem entender a avaliação linguística dos residentes em Piracicaba e não para as explicar por completo.

¹⁴ Pagotto, 2001, p. 61.

¹⁵ Anjos, 2017, p. 52.

¹⁶ Oushiro, 2015b, p. 322.



2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Levantamento prévio

Em sua pesquisa sobre as realizações de /r/ na cidade de Piracicaba, Morelli (2019) analisou tanto a produção quanto a avaliação linguística. A segunda parte de seu roteiro de entrevistas é composta por perguntas sobre a identificação do falante com Piracicaba, a avaliação linguística de três variantes róticas e os estereótipos do caipira. A presente pesquisadora teve acesso a 10 de 12 de suas entrevistas, daqueles participantes que permitiram o uso de seus dados em outras pesquisas. As respostas das perguntas relacionadas à avaliação linguística foram sistematizadas em uma planilha, como ponto de partida para o presente estudo e como modo de levantar as primeiras hipóteses. As perguntas sistematizadas encontram-se no Anexo C, p. 119.

De maneira geral, observa-se que os participantes gostam de morar na cidade. Como um aspecto negativo de morar em Piracicaba, apenas um participante disse que a esposa não gosta do dialeto caipira. Além desse participante, não houve menção ao modo de falar nas perguntas sobre a identificação do falante com Piracicaba. Os participantes discursaram sobre diversas mudanças na cidade, como a criação de bairros novos, a expansão da cidade (em território e número de habitantes) e o estabelecimento de empresas renomadas na cidade, como a Hyundai e a Caterpillar.

No bloco de perguntas sobre Avaliação Linguística, Morelli (2019) tocava três áudios para os participantes, solicitando avaliações sobre cada modo de falar (1-a)-(1-c).

- (1) a. A Rua do Po[ɹ]to é uma pa[ɹ]te de Pi[ɹ]acicaba muito ag[ɹ]adável pra andá de bicicleta.
- b. A Rua do Po[ɹ]to é uma pa[ɹ]te de Pi[ɹ]acicaba muito ag[ɹ]adável pra andá de bicic[r]eta.
- c. A Rua do Po[r]to é uma pa[r]te de Pi[r]acicaba muito ag[r]adável pra andá de bicicleta.¹⁷

¹⁷ Transcrições adaptadas de Morelli, 2019, pp. 5-6.

Conforme explicitado em Morelli (2019), no primeiro áudio buscava-se analisar a pronúncia da variante /r/ retroflexo fraco em coda silábica; no segundo, o uso da variante retroflexa forte em coda e ataque silábico e a realização de rotacismo; no terceiro, a pronúncia de /r/ tepe em coda e ataque silábico. Os participantes demonstraram familiaridade com o primeiro áudio, avaliando-o como *normal* e *comum*. Uma das participantes apontou que, em Piracicaba, a pronúncia seria “mais puxada” em comparação ao que foi ouvido. O segundo áudio não apresentou consenso nas avaliações; alguns participantes associaram esse modo de falar ao falar piracicabano e outros disseram ser muito “exagerado” e “forçado”. O último áudio foi também atribuído a Piracicaba e a outros lugares, como São Paulo capital e a região sul do país.

Além da pronúncia de /r/ em coda e ataque silábico, outros fenômenos linguísticos apareceram nos exemplos e nos discursos dos participantes de Morelli (2019), como a pronúncia oclusiva da consoante /t/ antes de [i], usada para caracterizar o caipira em oposição à variante africada [tʃ]; o rotacismo, avaliado como um erro de português, diferente do uso retroflexo de /r/ em coda e ataque silábico, que não foi considerado um erro da língua; e usos lexicais, citados para caracterizar a fala local, como *filão* (pão francês) e *preçar* (atribuir preço a algo).

Os participantes também disseram que os piracicabanos mais velhos seriam caipiras e que os mais novos estariam perdendo essa cultura. O termo “caipiracicabano” foi usado nos discursos e, de maneira geral, vários participantes disseram que “ser caipira” é a fama de Piracicaba. Alguns demonstraram gostar de ser chamados de caipira e outros disseram não se considerarem como tal.

A partir desses resultados, foi organizado um roteiro de entrevistas, mobilizando diversas perguntas utilizadas em Morelli (2019) e expandindo-as para que abrangessem mais exemplos e mais avaliações.

2.2 Entrevistas: roteiro e participantes

Um roteiro de entrevistas semiaberto foi constituído, com perguntas gerais sobre as avaliações dos participantes sobre a cidade, o caipira, o dialeto local e traços linguísticos específicos. Vale salientar que o objetivo não era atingir o vernáculo do participante, assim como as entrevistas sociolinguísticas propostas por Labov (2008

[1972]). O intuito foi levantar as avaliações linguísticas dos participantes, de modo que a entrevista foi direcionada para esse fim.

O roteiro (ver Anexo A, p. 114) tem duas partes principais. A primeira parte é composta por perguntas gerais sobre o participante e sua relação com a cidade de Piracicaba. A segunda parte abrange tópicos de avaliação linguística e avaliação sobre o caipira e o piracicabano, contendo perguntas específicas sobre (i) como os participantes reconhecem outro piracicabano; (ii) mudanças no modo de falar conforme o tempo e a situação; (iii) o modo de falar do piracicabano, do caipira e do próprio participante; (iv) avaliações sobre caipira, quem é caipira, o que é falar caipira, entre outras; e (v) avaliação sobre seis variantes específicas, listadas a seguir:

- (2) a. /r/ caipira em coda silábica: “fecha a *po[ɹ]ta*”;
- b. /r/ caipira em ataque silábico, em “ele tem um *Cama[ɹ]o ama[ɹ]elo*”;
- c. rotacismo, em “esqueci a *bicic[ɹ]eta, descu[ɹ]pe*”;
- d. oclusiva alveolar [d], em “ele veio aqui *[d]e* manhã”;
- e. oclusiva alveolar [t], em “ele veio aqui de *noi[t]e*”;
- f. verbo *ponhar*, em “ela *ponhou* uma roupa bem bonita”.

A partir da literatura¹⁸, observou-se que essas variantes são comumente consideradas características do dialeto caipira, de modo que se optou por destacá-las no roteiro. As sentenças destacadas nas últimas seis perguntas foram proferidas pela documentadora, buscando manter sempre a mesma pronúncia.

Foram realizadas 60 entrevistas com residentes em Piracicaba, nativos e não nativos, estratificados em região de residência, faixa etária e gênero (Tabela 2.1). Obtiveram-se gravações com aproximadamente duas pessoas para cada perfil. No Anexo B, p. 116, discriminam-se as características sociais de cada participante (gênero, faixa etária, idade, naturalidade ou não de Piracicaba, proporção de vida na cidade, região e zona de residência, escolaridade e classificação socioeconômica).

O contato com os primeiros participantes ocorreu por meio da rede social¹⁹ da pesquisadora, que perguntou a seus amigos se eles conheciam alguém que se encaixasse nos perfis. A partir das primeiras entrevistas, foi perguntado aos próprios participantes se

¹⁸ Cf. Amaral, 2020 [1920]; Rodrigues, 1974; Carreão, 2018; Plaza, 2019; entre outros.

¹⁹ Com base em Milroy e Llamas (2013), entende-se por rede social um conjunto de relações sociais entre um âncora (neste trabalho, refere-se a pesquisadora) e outras pessoas. Essas relações podem ser de primeira ordem – por exemplo, um amigo próximo da pesquisadora –, ou de outras ordens – como colegas da pesquisadora ou conhecidos distantes.

eles conheciam outras pessoas disponíveis para participar da pesquisa. Desse modo, os perfis foram sendo preenchidos.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Unicamp, e a coleta de entrevistas ocorreu em setembro e outubro de 2020²⁰. As entrevistas foram realizadas de forma remota, devido à pandemia de COVID-19, por meio de chamadas de vídeo pelo Google Meet (36 entrevistas), WhatsApp (18 entrevistas) e Zoom (4 entrevistas). Duas entrevistas começaram em um canal e, por conta da instabilidade na conexão, mudaram de plataforma durante a gravação. Foram 48 gravações, sendo 36 gravações individuais e 12 gravações em dupla, contabilizando 38 horas de gravação (uma média de 47 minutos por entrevista).

Mesmo sendo realizadas remotamente, os participantes, de modo geral, demonstraram muito interesse e desejo em conversar com a documentadora. Em diversas entrevistas, os participantes estavam deitados em suas camas (alguns de pijamas) e pareceram confortáveis com a situação. A documentadora recebeu diversos convites para uma visita presencial à casa dos participantes quando a pandemia chegasse ao fim para comer pamonha e tomar caldo de cana (comidas típicas piracicabanas). Com alguns participantes mais velhos, o contato e a gravação aconteceram com a ajuda de terceiros – filhos ou netos – que intercambiaram entre a disponibilidade do participante e da documentadora e auxiliaram com equipamentos tecnológicos para a gravação.

Tabela 2.1: Estratificação dos participantes

		Sul (12)	Leste (14)	Central (13)	Oeste (10)	Norte (11)
18-34 anos	fem.	Grazi G. Diana C.	Lisa S. Stela P.	Laura B. Nilce S.	Gilda F. Clara B.	Luiza P. Lais A.
	(19) masc.	Gilson A. Gian S.	Denis F. Andre T.	Yago J. Guto C.	Gael A.	Tales G. Micael A.
35-59 anos	fem	Paula M. Wanda O.	Vilma M. Carol P. Magda R.	Sonia R. Carla B.	Elis L.	Luna C. Sandra T.
	(20) masc.	Igor A. Vagner M.	Apolo A. Arthur J.	Vitor A. Enzo R. Tadeu S.	Alan G. Raul S.	Caio R.
60+ anos	fem.	Maria A. Alice R.	Maite J. Maise B. Ruth A.	Mara N. Malu G.	Lara C. Greta M.	Elsa A. Lilian A.
	(21) masc.	Davi J. Julio A.	Mario G. Marco M.	Adriel F. Joao J.	Cesar A. Alex S.	Dino V. Vilmar A.

Fonte: elaborada pela autora.

²⁰ CAAE: 35211020.6.0000.8142.

As gravações foram transcritas no software ELAN (Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2020), seguindo as normas de transcrição do Projeto SP2010 (Mendes; Oushiro, 2013), com o auxílio de bolsistas SAE²¹, cedidas pela pesquisadora Livia Oushiro.

O *corpus* foi estratificado conforme o gênero dos participantes (feminino; masculino), com a expectativa de que os participantes do gênero feminino oferecessem um maior escopo de exemplos e comentários sobre os falares local. São 31 participantes do gênero feminino e 29 do masculino.

A idade dos participantes foi organizada em três faixas etárias: a primeira corresponde aos participantes entre 18 e 34 anos; a segunda inclui aqueles entre 35 e 59 anos; e a terceira abrange os participantes com 60 anos ou mais. A classificação nesses moldes auxilia a comparação com outros resultados²² e auxilia na análise do *corpus*. São 19 participantes na primeira faixa etária, 20 na segunda e 21 na terceira. A variável faixa etária pode ajudar a reconhecer se as avaliações também mudam conforme o tempo e se falantes mais novos reconhecem variantes diferentes dos mais velhos ou mesmo têm avaliações diferentes quanto ao prestígio e estigmatização do dialeto.

Considerando que o grau de escolaridade foi alvo de diversas avaliações como possível justificativa para o falar caipira, os falantes foram categorizados em três níveis de escolaridade. Ainda que a variável não estratificasse a amostra inicialmente, os falantes se distribuem de modo razoavelmente equilibrado: 12 participantes com ensino fundamental completo, 20 com ensino médio completo e 28 com ensino universitário completo. Falantes com menores níveis de escolaridade geralmente são relacionados com uma fala menos monitorada, não padrão e caipira. A expectativa é encontrar avaliações distintas entre os mais e menos escolarizados; os participantes com maiores níveis de escolaridade podem citar características linguísticas menos salientes para aqueles com menores níveis de escolaridade.

Na estratificação, os participantes foram divididos em cinco zonas: norte, sul, leste, oeste e centro, o que garantiu uma boa abrangência geográfica dos moradores da cidade. No entanto, ao contatar possíveis participantes para a pesquisa, poucos sabiam

²¹ O Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) é um órgão de apoio e assistência na Unicamp. Uma de suas bolsas sociais oferece atividades aos estudantes contemplados dentro de projetos de professores e servidores da universidade.

²² Cf. Morelli, 2019; Oushiro, 2015b.

em qual zona da cidade residiam e a maioria teve dificuldades em classificar outros moradores por zonas. Durante as entrevistas, esse modo de dividir a cidade em zonas não apareceu nas respostas (Figura 2.1).

Figura 2.1: Classificação de falantes prototípicos de Piracicaba a partir das respostas dos participantes para a pergunta “Dentro de Piracicaba, você percebe se a pessoa é de um bairro ou de outro?”



Fonte: elaborada pela autora.

A Figura 2.1 mostra uma nuvem de palavras com os termos usados pelos participantes para dividir os falantes dessa região dialetal. Vários nomes de bairros são citados: *Santa Olímpia* (N = 8), *Santana* (N = 8), *Vila Rezende* (na nuvem: *vila*, N = 6), *Nova Piracicaba* (na nuvem: *nova.prc*, N = 6), entre outros. Há também termos mais abrangentes: *centro* (N = 6), *periferia* (N = 6) e *rural* (N = 4). Sendo assim, os falantes do *corpus* foram recategorizados entre centro e periferia, considerando a paisagem urbana da cidade e a proximidade do bairro de residência do participante da praça central da cidade. São 27 participantes residentes na região central e 33 na região periférica. O dialeto caipira é associado a residentes de bairros descentralizados, o que pode fazer com que participantes da região periférica se identifiquem mais com o dialeto. Desse modo, é de interesse observar se residentes da região central da cidade demonstram diferenças nas avaliações em relação aos de região periférica.

Ainda na Figura 2.1, nota-se que foram termos frequentes: *classe* (N = 7), para classe social; *elite* (N = 7), para bairros e pessoas mais elitizadas; e *simples* (N = 3), para bairros e pessoas mais simples, com menos bens materiais e um estilo de vida pouco luxuoso. Esses termos justificam uma categorização *a posteriori* dos participantes em

classificações socioeconômicas. Para isso, foram considerados: (i) o grau de escolaridade do participante; (ii) a ocupação; (iii) a renda individual; e (iv) o tempo, calculado em minutos no Google Maps²³, necessário para percorrer a distância da residência do entrevistado até o centro da cidade. Desse modo, os participantes foram divididos em cinco grupos socioeconômicos, sendo A a classificação mais alta e D a mais baixa.

O índice socioeconômico é composto por subíndices de escolaridade e ocupação, que foram calculados segundo a proposta de Oushiro (2015a) para falantes da cidade de São Paulo. Conforme a Tabela 2.2, o índice mais alto (5.0) foi usado para classificar pessoas com pós-graduação e gerentes de alto escalão, enquanto o índice mais baixo (1.0) contempla aqueles com Ensino Fundamental incompleto e desempregados/sem renda.

Tabela 2.2: Índices de escolaridade e ocupação²⁴

	Nível de Escolaridade	Ocupação
5.0	Pós-graduação	macroempresários/gerência de alto escalão
4.5	Universitário completo	profissionais liberais
4.0	Universitário incompleto	profissionais da educação
3.5	Médio completo	funções administrativas/atendimento ao público
3.0	Médio incompleto	trabalhador braçal com treinamento
2.5	Fundamental II completo	–
2.0	Fundamental II incompleto	trabalhador braçal sem treinamento
1.5	Fundamental I completo	–
1	Fundamental I incompleto	desempregado e sem renda

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 2.3: Índices de renda individual e distância da residência do participante ao centro da cidade em minutos

	Renda Individual	Distância em Minutos
5.0	acima de R\$14.055,00	até 10
4.5	–	de 11 a 20
4.0	de R\$4.685,00 a R\$14.055,00	de 21 a 30
3.5	–	de 31 a 40
3.0	de R\$2.811,00 a R\$4.685,00	de 41 a 50
2.5	–	de 51 a 60
2.0	de R\$937,00 a R\$2.811,00	de 61 a 90
1.5	–	de 91 a 119
1	até R\$937,00	120 ou mais
0	não contribui	–

Fonte: elaborada pela autora.

²³ Disponível em: <https://www.google.com/maps/>, acesso em 02/11/2021.

²⁴ No espírito de Oushiro, 2015a, p. 49.

Os outros dois parâmetros para compor a classificação socioeconômica, renda individual e distância estão pormenorizados na Tabela 2.3. Utilizamos um índice de distância em minutos da residência do participante para o centro pelo tamanho territorial da parte urbana da cidade e pelo acesso a serviços gerais. Tomamos como ponto central a praça José Bonifácio, comumente chamada de “praça central”. O tempo utilizado foi obtido a partir da busca por rota no Google Maps, pelo trajeto mais rápido, entre a casa do participante e a praça José Bonifácio, a pé. Alguns relatos de moradores da cidade também indicam que a distância do centro é um fator interessante a ser analisado. De acordo com o senso comum que permeia a cidade, pode ser considerada longa uma distância que leva mais do que vinte minutos para ser percorrida. O participante Vilmar A. (M3N)²⁵ e sua esposa Lilian A. (F3N), residentes do bairro Jardim Diamante, quando questionados se viajam muito, brincam:

- (3) S1: *daqui no centro do centro em casa*
 S2: *é porque é quarenta minuto daqui no centro... é uma viagem*

Tabela 2.4: Classificações socioeconômicas e número de participantes

	Classificação Socioeconômica	Índice Socioeconômico	Número de Participantes
A	alta	4.1 a 5.0	9
B1	média alta	3.6 a 4.0	12
B2	média média	3.1 a 3.5	13
C1	média baixa	2.6 a 3.0	13
C2	baixa alta	2.1 a 2.5	4
D	baixa média	1.6 a 2.0	5
E	baixa baixa	1.0 a 1.5	4

Fonte: elaborada pela autora.

²⁵ As classificações sociais dos participantes aparecem, neste trabalho, entre parenteses após seus pseudônimos. A sigla é composta, primeiro, pela indicação do gênero do participante – M para masculino e F para feminino – ; segundo, pelo número correspondente de sua faixa etária – 1 para participantes de 18 a 34 anos, 2 para aqueles entre 35 e 59 anos e 3 para 60 anos ou mais – ; e, por fim, pela zona de residência – N para norte, S para sul, L para leste, O para oeste e C para centro. Sendo assim, no caso de Vilmar A. (M3N), trata-se de um homem, de 60 anos ou mais, residente da zona norte da cidade.

Os índices de escolaridade, ocupação, renda individual e distância foram somados e divididos por quatro, obtendo uma média simples para a formação do índice de classificação socioeconômica.

A partir da Tabela 2.4, nota-se que a maioria dos participantes está nas classificações médias e alta. Há um baixo número de participantes para as classificações mais baixas; desse modo, para as análises, as categorias C2, D e E foram reunidas em uma mesma categoria (D), somando 13 participantes (4 + 5 + 4 participantes). Portanto, as classificações socioeconômicas utilizadas neste trabalho são A, B1, B2, C e D. É de interesse analisar as avaliações conforme o índice socioeconômico porque a fala caipira é atrelada a pessoas menos favorecidas socioeconomicamente e pode mostrar nuances semânticas, com as classes mais altas avaliando o sotaque negativamente para se distanciar do reconhecimento enquanto caipira.

O *corpus* conta com participantes piracicabanos e não piracicabanos. Os não nascidos na cidade foram nele incluídos para ter um retrato mais fiel da comunidade de fala. Como mencionado na Introdução, o município teve um expressivo crescimento populacional nas últimas décadas. Entrevistar somente os piracicabanos natos seria apagar uma parte significativa da história da cidade. Do *corpus*, 33 participantes são nascidos no município e 27 são nascidos em outras cidades, sendo a maioria do estado de São Paulo, mas também de outros estados, como Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. Entre todos os participantes da pesquisa, a média de vida na cidade é de 86%, com uma mediana de 96%. Desse modo, mesmo com metade do *corpus* composto por não piracicabanos, a grande maioria dos participantes passou uma parte considerável de suas vidas em Piracicaba. A documentadora perguntou de forma não sistemática aos participantes não nascidos em Piracicaba se se consideravam piracicabanos, e a maioria respondeu que sim (sim N = 13, não N = 4). Objetiva-se verificar se participantes piracicabanos avaliam o dialeto de forma distinta de não piracicabanos, pois possivelmente estes têm avaliações distintas dos nativos pela experiência fora da cidade e contato com outras normas linguísticas, podendo mencionar traços linguísticos que, para os piracicabanos, estão abaixo do nível da consciência.

Portanto, as variáveis sociais analisadas foram: gênero, faixa etária, escolaridade, região de residência em centro e periferia, classificação socioeconômica e natividade.

2.3 Sistematização dos dados

Na Sociolinguística, em estudos sobre avaliações, percepções, crenças e atitudes, é comum encontrar, principalmente, dois métodos: a aplicação de questionários fechados e entrevistas com perguntas abertas. O primeiro é comumente analisado quantitativamente e realizado em conjunto com estímulos auditivos²⁶ ou realizado sem estímulos auditivos, como em Freitag *et al.* (2016) e Sousa (2018). O segundo método geralmente é analisado qualitativamente²⁷, e muitas vezes encontram-se perguntas de avaliação em roteiros de entrevistas maiores, que contêm outras perguntas além da avaliação linguística, como em Carreão (2018) e Leite (2004).

Na presente pesquisa, a partir das entrevistas, as respostas dos participantes foram sistematizadas para a realização de análises qualitativas e quantitativas. Para análises qualitativas, os dados foram sistematizados em uma planilha, sendo uma linha para cada participante e colunas para marcar as perguntas e o tempo em que ocorreram nas entrevistas. A Figura 2.2 apresenta um fragmento da planilha, que tem 61 linhas e 74 colunas. Essa planilha contém as respostas dos participantes transcritas de forma livre, visando registrar as respostas de modo sintético, mas sem perder sua essência.

Figura 2.2: Fragmento da planilha aberta, com as respostas transcritas, para análise qualitativa

	A	Q	R
1	INFORMANTE	t.P08	P08: voce acha que piracicaba é diferente das cidades vizinhas
2	PRC_F1C_NilceS	00:25:04	acho que sim, prc tem uma ligação muito grande com o território, não vê isso em outras cidades. Piracicabano tem orgulho de ser piracicabano
3	PRC_F1L_StelaP	00:07:39	conhece pouco, vai geralmente pra Santa Barbara, Rio das Pedras. Rio das Pedras é do lado de prc mas parece ser muito mais do interior do que prc, santa barbara já não é tao pequena assim, não é tão do interior. Mesmo sendo tudo perto, cada lugar voce sente de uma maneira.

²⁶ Vale citar Labov, 1966 *apud* Oushiro, 2019, Alves, 1979, Oushiro, 2015a, e Soriano e Mendes, 2016.

²⁷ Vale citar Aguilera e Silva, 2015, e Leite, 2011.

4	PRC_F1S_GraziG	00:06:36 e 00:09:53	Acha que sim. Mombuca não tem nem sorveteria, é muito diferente de PRC, é um sítio. O povo de lá é atrasado, caipirão, todo mundo se conhece. PRC é diferente de Mombuca pelo tamanho, de Campinas é diferente porque Campinas é muito feia. Em Rio Claro a população é mais idosa, então muda a dinâmica, PRC é uma cidade mais jovem
5	PRC_F2L_VilmaM	00:15:35	sim, prc tem muita coisa para oferecer. Principalmente trabalho, as pessoas vem pra prc pra trabalhar. Aqui tem serviço. Prc ganha da região por qualidade, o povo de prc é bacana, bem receptivo com quem vem de fora. Mesmo caipira a gente recebe bem as pessoas
6	PRC_F3C_MaluG	00:14:35	as pessoas reclamam da vida noturna, que prc deixa a desejar nesse aspecto, ter mais shoppings. Mas a informante é caseira então por isso não sabe muito.
7	PRC_M1C_GutoC	00:25:04	concordou com a esposa. O informante não tem isso, sempre mudou demais de cidade, não tem amigos antigos.
8	PRC_M1L_AndreT	00:11:06	as pessoas de prc tem um amor pela cidade. Em comparação com Campinas e São Paulo prc tem transito também e lugares bonitos também. Mas o que faz prc ser diferente é o amor que os piracicabanos tem pela cidade
9	PRC_M2N_CaioR	00:14:30	muita opção de emprego, tem um acolhimento. na região não tem tanta opção de emprego, as pessoas vêm para PRC para trabalhar. PRC é uma mãe. muitas empresas grandes atraem as pessoas, e nisso é preciso aplaudir os antigos prefeitos
10	PRC_F1O_GildaF	00:06:33	comparando com Rio das Pedras, prc é mais caótico, lá é mais tranquilo, é só 5 ruas (a informante brinca que a cidade é pequena). prc é maior

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 2.3: Fragmento da planilha etiquetada, com as respostas para análise quantitativa

	A	K	L	M	N
1	PARTICIPANTE	P08	P08prc.mais	P08prc.menos	P08igual
2	PRC_F1C_NilceS	sim	orgulho	NA	NA
3	PRC_F1L_StelaP	sim	NA	interior	NA
4	PRC_F1S_GraziG	sim	mais, beleza, lazer, outro	caipira	NA
5	PRC_F2L_VilmaM	sim	pessoas, mais, caipira	NA	NA
6	PRC_F3C_MaluG	nao-sabe	NA	lazer	NA
7	PRC_M1C_GutoC	sim	orgulho	NA	NA

8	PRC_M1L_AndreT	depende	orgulho	NA	beleza, transito
9	PRC_M2N_Caior	sim	mais, pessoas	NA	NA
10	PRC_F1O_GildaF	sim	mais	NA	NA

Fonte: elaborada pela autora.

Para análises quantitativas, a partir da planilha com as respostas transcritas, outra planilha foi estruturada, a fim de organizar as respostas em formato de etiquetas que pudessem ser quantificadas na linguagem de programação R (R Core Team, 2021). Manteve-se uma linha por participante e o número de colunas foi expandido, pormenorizando uma mesma pergunta em suas nuances. A planilha etiquetada contém 61 linhas e 131 colunas.

A Figura 2.3 mostra como uma única pergunta (“Você acha que Piracicaba é diferente das cidades vizinhas?”) resultou em 4 diferentes colunas. A coluna *P08* contém as respostas diretas à pergunta, com as etiquetas: *sim*, *nao*, *nao-sabe* e *depende*. Uma segunda coluna, *P08prc.mais*, contempla o que foi apontado pelos participantes como aspectos que Piracicaba teria e que outras cidades não teriam. A terceira coluna gerada a partir dessa mesma pergunta, *P08prc.menos*, abrange as respostas que salientam características não presentes em Piracicaba, mas sim nas cidades vizinhas. E, por fim, a coluna *P08igual* mostra as respostas em formato de etiqueta para aspectos destacados pelos participantes que seriam semelhantes entre Piracicaba e as cidades vizinhas.

É fundamental ressaltar a complementariedade de ambas as planilhas em conjunto com as transcrições das entrevistas. O processo de elaboração dessas planilhas mostrou a complexidade das respostas e foi essencial para a tomada de decisões objetivas. Assim, a planilha etiquetada se complementa a partir de informações presentes na planilha aberta, relevando suas nuances, e o mesmo ocorre pela via oposta, em que a planilha aberta mostra suas recorrências e padrões a partir da planilha etiquetada. Esse processo, raramente realizado em estudos sociolinguísticos, representa um ganho para a presente pesquisa.

Tendo como foco principal as avaliações linguísticas, muitas respostas abarcavam diversos comentários linguísticos. A fim de sistematizar esses comentários para reconhecer as recorrências, foram elaboradas várias colunas específicas para termos metalinguísticos, correspondentes a várias perguntas. Na Figura 2.4, a coluna

P14metalgg representa os comentários metalinguísticos etiquetados para a pergunta “Como você acha que o piracicabano fala?”, junto aos exemplos mencionados (coluna *P14e*), a classificação do nível de análise linguística a que o exemplo pertence (coluna *P14e.nivel*) e a variável sociolinguística a que se fez referência (coluna *P14Vcod*).

Figura 2.4: Fragmento da planilha etiquetada para exemplificação das colunas geradas a partir dos exemplos dos participantes

	A	AV	AW	AX	AY
1	PARTICIPANTE	P14metalgg	P14e	P14e.nivel	P14Vcod
2	PRC_F1C_NilceS	r-solto, r-vogal, puxado	esquerdo, direito, normal, baltieri, leite-quente, madeira	fonetico, fonetico, fonetico, fonetico, fonetico, fonetico, fonetico, fonetico	r-coda, r-ataque, r-coda, r-ataque, r-ataque, t-ocl, t-ocl, d-ocl
3	PRC_F1L_StelaP	r-puxado, giria, caipira, nao-entendem	forfe	lexical	NA
4	PRC_F1S_GraziG	erre, t, d, come-plural	NA	NA	NA
5	PRC_F2L_VilmaM	caipiracicabano, caipira	arco, tarco, nirve, caderneta, acho, mai-num-eh-memo	fonetico, fonetico, fonetico, lexical, pragmatico, fonetico, fonetico, fonetico	rotacismo, rotacismo, rotacismo
6	PRC_F3C_MaluG	r-puxado	porque, leite-quente	fonetico, fonetico, fonetico	r-coda, t-ocl, t-ocl
7	PRC_M1C_GutoC	r-emendado	NA	NA	NA
8	PRC_M1L_AndreT	caipira	NA	NA	NA
9	PRC_M2N_CaioR	r-puxado	no-meu-zoio, porta, por-que	morfossintatico, fonetico, fonetico, fonetico, pragmatico	r-coda
10	PRC_F1O_GildaF	r-puxado, giria, errado	mai, uai	fonetico, lexical	NA

Fonte: elaborada pela autora.

Durante todas as entrevistas, os participantes citaram diversos exemplos, que foram sistematizados em diversas colunas associadas às perguntas em que apareceram. O critério de anotação do exemplo ocorreu com base na ênfase dada pelo participante e nos comentários metalinguísticos a respeito dele. Por exemplo, quando os participantes citam o uso do retroflexo com comentários metalinguísticos como “erre puxado”, e pronunciam “po[ɮ]ta” de forma marcada, marcamos o exemplo: “porta”.

Houve casos em que alguns participantes exemplificaram com frases longas. Nesses casos, procuramos sistematizar o que estava em foco. No exemplo (4), o participante Cesar A. (M3O) conta uma piada para elucidar como reconhecer um piracicabano.

- (4) S1: *(tombou) dois caminhão de pintinho... [risos S2] caminhão de pintinho... e misturou tudo os pintinho lá e daí os motorista sentaram assim na... onde o caminhão estava parado falou 'e agora pra gente... saber qual que é o meu pintinho e qual que é o seu pintinho'... tem o... e o... motorista da outra cidade falou 'eu já vejo já' pegou um pintinho e o pintinho fez 'piu' ele falou 'esse é meu' pegou outro apertou fez 'pir' ele falou 'esse é de Piracicaba'*

A partir da piada e de como ela foi contada, com ênfase em uma palavra específica, optamos por marcar apenas a palavra “pir”, mesmo existindo outras marcas de variação no exemplo do participante – como a pronúncia da consoante rótica em coda silábica na palavra *pir*, a realização oclusiva da consoante alveolar não vozeada na palavra *pintinho* e concordância não padrão, em *tombou dois caminhão* e em *os pintinho*.

Cada coluna de exemplos resultou em outras duas colunas, uma marcando os níveis linguísticos destacados (fonético, morfossintático, lexical e pragmático) e a outra as variáveis em destaque nesta pesquisa (/r/ em coda silábica, /r/ em ataque silábico, rotacismo, /t,d/ antes de [i], e verbo *ponhar*). A sistematização foi a oitava; não foram distinguidas as variantes aproximante alveolar [ɹ] e retroflexa [ɻ] para /r/ em coda e ataque silábico; e não foram diferenciados diferentes graus de oclusão de /t,d/, sendo distinguidas apenas as formas oclusivas alveolares [t,d] das formas africadas alveolares [ts,dz] e pós-alveolares [tʃ,dʒ].

Para classificar o nível linguístico, foi tomado como critério o enfoque dado pelo participante. No exemplo supracitado, o participante conta uma piada que envolve o uso de rotacismo: “pir” no lugar de “piu”. Nesse caso, marcamos o nível como fonético. Diversos exemplos abrangiam mais de uma característica e, nesses casos, os níveis foram anotados a quantidade de vezes em que apareciam nos exemplos. A Figura 2.4 mostra os exemplos proferidos por Caio R. (M2N, linha 9 da planilha); “no meu zoio”, por exemplo, foram marcados os níveis morfossintático (referente à concordância não padrão), fonético (referente vocalização da glide *olho* > *oio*) e fonético novamente (pela adição da consoante [z] na palavra “olho”). Em exemplos lexicais, foi etiquetado apenas o nível lexical, e outros níveis foram sistematizados apenas se os participantes os citassem em seus metacomentários. Foram poucos os

casos em que houve dúvidas a respeito de que se referia o exemplo dado pelo participante. Os casos duvidosos ocorreram pela falta de comentários metalinguísticos que possibilitassem o entendimento ou pela ausência de outros exemplos que mais bem situassem o nível de análise. Por exemplo, a participante Diana C. (F1S) exemplifica o modo de falar piracicabano com “cachorro”. Nesse caso, não ficou claro, tanto pelo discurso metalinguístico da participante quanto pela pronúncia, a que especificamente ela se referia. Algumas hipóteses foram levantadas: um fenômeno fonético, com a vogal /a/ pronunciada aberta ou fechada; ou um fenômeno lexical – chamar as outras pessoas de “cachorro”, por exemplo. A fim de que a análise fosse a mais objetiva possível, na falta de metacomentários mais explícitos do participante e de perguntas de esclarecimento por parte da documentadora, criou-se a categoria de dados duvidosos.

As variantes em destaque nesta pesquisa foram classificadas de forma semelhante, observando a ênfase do exemplo e os comentários metalinguísticos. No exemplo de César A., em (4), fica evidente a ocorrência de rotacismo, que é uma das variantes em foco, enquanto, no caso do exemplo citado por Diana C., nenhuma das seis variantes é citada, portanto, nada foi marcado na coluna das variantes (*P14Vcod*) para esse exemplo.

Figura 2.5: Fragmento da planilha etiquetada, com os comentários dos participantes para a pergunta “O que você acha desse modo de falar: *fecha a po[.:]ta?*”

	A	CQ	CR
1	PARTICIPANTE	P22com	P22nuvem
2	PRC_F1C_NilceS	neutro	tranquilo
3	PRC_F1L_StelaP	neutro	normal
4	PRC_F1S_GraziG	neutro	normal, comum
5	PRC_F2L_VilmaM	negativo	caipira, feio

6	PRC_F3C_MaluG	negativo	triste, carregado, forçado, desnecessário, erre, r-curto
7	PRC_M1C_GutoC	NA	interior
8	PRC_M1L_AndreT	positivo	legal
9	PRC_M2N_CaioR	positivo	bonito, caipiracicabano
10	PRC_F1O_GildaF	negativo	errado

Fonte: elaborada pela autora.

Nas últimas perguntas das entrevistas, os participantes foram questionados sobre suas opiniões quanto à pronúncia de seis variantes (2-a)-(2-b). A Figura 2.5 exibe parte dos comentários dos participantes para a sentença “fecha a po[ɹ:]ta” na coluna *P22nuvem* e os comentários organizados em *positivos*, *negativos* e *neutros* na coluna *P22com*. Foi utilizado como critério os juízos de valor presentes nas respostas. Comentários como “bonito”, “eu gosto” e “certo” foram classificados como *positivos*. Para comentários contendo expressões como “feio”, “dói o ouvido” e “errado”, a etiqueta foi *negativos*. Os comentários *neutros* foram aqueles abrangendo termos como “normal”, “frequente” e alguns comentários que se “anulavam”, pois continham tanto juízos de valor negativos quanto positivos. Os comentários que não continham juízo de valor, como aqueles que comentavam apenas aspectos linguísticos (como “erre puxado”, “troca de ele por erre”, entre outros), não foram classificados.

Os dados foram analisados quantitativamente na linguagem de programação R (R Core Team, 2021) por meio de tabelas de frequência e proporção, nuvens de palavras e testes estatísticos de qui-quadrado, com adoção do nível alfa de 5% para que se considere uma diferença significativa. Os resultados dessas análises são apresentados no próximo capítulo.

3. RESULTADOS

3.1 A relação com a cidade

Foram reunidas nesta Seção as respostas para as perguntas que mostram a relação que os participantes estabelecem com a cidade: “Você gosta de morar em Piracicaba? O que você mais gosta em Piracicaba? O que menos gosta?”, “Você acha que Piracicaba mudou muito? O que você acha que melhorou na cidade? O que você acha que piorou?” e “Você acha que Piracicaba é diferente das cidades vizinhas?”.

A maioria dos participantes disse gostar de morar em Piracicaba (N = 55) e manifestou o desejo em permanecer na cidade. Diversos pontos positivos foram levantados pelos participantes: Piracicaba ser uma cidade que tem tudo de que se precisa, ser bonita, desenvolvida, ser do interior mas ao mesmo tempo ter diversas características de cidade grande, com muitos pontos turísticos, entre outros aspectos. Também foram evidenciados alguns pontos negativos: a falta de atenção da prefeitura para com os espaços públicos, uma expansão desenfreada e não organizada da cidade, entre outros. O exemplo em (1) exhibe pontos positivos de morar em Piracicaba a partir da visão de Alan G. (M2O), e o exemplo em (2) mostra a resposta de Alice R. (F3S) sobre pontos negativos.

- (1) S1: *ah aqui é uma/ uma cidade acolhedora né? eu... sempre... sempre go/ gostei daqui porque tem bastante área pra trabalhar... bastante indústria... tem ponto tu/ turístico aqui também então ah eu sempre a (minha vida inteira) aqui (xxx) eu gosto daqui eu não... não penso em sair de Piracicaba*
- (2) S1: *eh... que eu go/ eu não/ eu não gosto muito é da segurança que eu tenho um pouco de receio né...*

D1: *uhum*

S1: *eh...*

D1: *está muito perigoso?*

S1: *está está perigoso agora sempre foi tranquilo né e agora vem crescendo muito a cidade e está ficando mais perigosa não dá pra estar saindo de noite ainda mais eu né que tenho mais idade... já não saio à noite*

Cinco participantes expressaram que gostam de morar em Piracicaba, mas com algumas ressalvas. Dois dentre os cinco revelaram que acham a cidade mal cuidada e que, em diversos pontos, ela parece abandonada; outras duas pessoas (mãe e filha) disseram estar se mudando de volta para Campinas, onde nasceram e têm familiares, pois acreditam que a cidade já ofereceu o que podia oferecer a elas e que está na hora de procurar novos ambientes; outro participante é músico e disse olhar para outras cidades em busca de novas oportunidades em sua profissão.

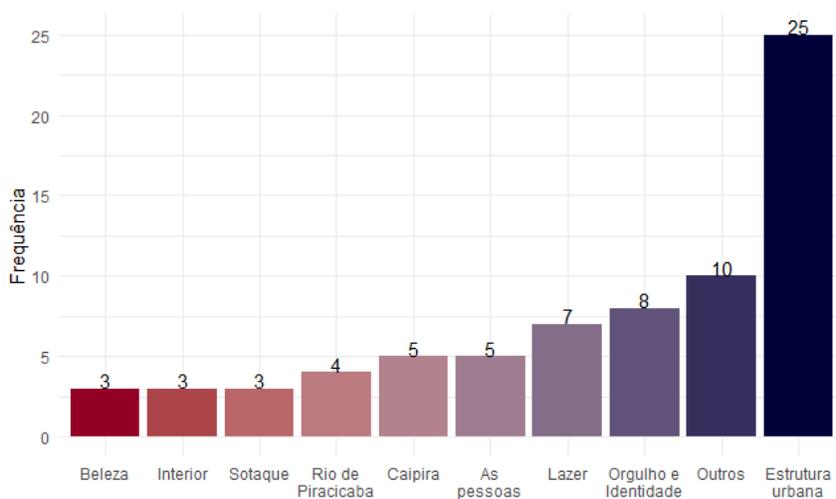
Foi perguntado aos participantes se consideravam Piracicaba diferente das cidades vizinhas ou não, e quais aspectos seriam diferentes. Não foi especificado pela documentadora quais são as cidades vizinhas, assim, ficou a critério do participante a qual cidade a comparação se referia. Dos participantes, 47 disseram que consideram Piracicaba diferente, oito disseram que depende do aspecto, dois responderam negativamente e três não souberam responder. No geral, foi evidenciado um destaque de Piracicaba em relação às outras cidades, e poucos participantes citaram aspectos que Piracicaba não tem quando comparada com as cidades vizinhas. Piracicaba, de modo geral, foi estabelecida como um polo referencial para as cidades vizinhas como Rio das Pedras, Charqueada, São Pedro e Rio Claro. Comparada a cidades maiores, como Campinas e São Paulo, os participantes disseram que Piracicaba é uma cidade mais tranquila, com menos trânsito. Os dois participantes que responderam negativamente, um com 20 anos e outro com 63 anos, têm até o ensino médio completo e moram na região periférica. O mais novo não justificou sua resposta, e o mais velho, que já morou em uma cidade próxima a Piracicaba, não vê diferença.

Na resposta de Raul S. (M20), em (3), percebe-se que o participante cita diversas cidades na comparação e ressalta aspectos organizacionais, culturais e de qualidade de vida de Piracicaba que o fazem reconhecer a cidade como diferente de outras em que já trabalhou.

- (3) S1: *é um/ é bem diferente das... eu... trabalho muito assim... viajo muito pra outras cidades vizinha a trabalho quando eu... estava... trabalhando... na usina eu via/ viajava bastante pra Elias Fausto Indaiatuba... eh... Americana Santa Bárbara então... você vê uma diferença... por Piracicaba ser uma cidade de interior você vê uma diferença muito grande das outras cidades do interior [...] tem uma diferença muito grande de... de de de cultura... de... organização de... até mesmo no trânsito a gente sente as diferenças... então... ela é muito diferente das cidades do interior... como a gente/ eu só só ia a trabalho eu não sei como que é em questão de segurança de saúde educação... mas em questão de qualidade de vida Piracicaba é melhor do que algumas cidades do ma/ do/ de interior de Piracicaba aí*

A Figura 3.1 exibe as justificativas dos participantes para as respostas *sim* e *depende*, ao considerarem Piracicaba diferente das cidades vizinhas. A soma não corresponde ao número de respondentes, pois diversos participantes justificaram ressaltando mais de um aspecto.

Figura 3.1: Justificativas dadas pelos participantes nas respostas à pergunta “Você acha que Piracicaba é diferente das cidades vizinhas?”



Fonte: elaborada pela autora.

As respostas mais recorrentes destacaram uma melhor estrutura urbana de Piracicaba, como melhor qualidade de ensino e formação, mais oportunidades de emprego, melhores condições de saúde pública, entre outros elementos organizacionais

de funcionamento urbano. A resposta de Yago J. (M1C), em (4), indica aspectos que estabelecem Piracicaba com uma melhor estrutura urbana em relação às cidades vizinhas.

- (4) S1: *ah eh/ Piracicaba na verdade ela tem tudo pra ser uma... uma metrópole né... e eu digo assim metrópole comparado com Campinas não com São Paulo porque Piracicaba tem turismo tem educação né tem cidade se tem... tem bastante... escola... Piracicaba tem... como posso dizer... assim ah eu acho uma cidade/ ah Piracicaba uma cidade muito completa [...] Piracicaba ela se destacou muito eh... pelo quesito de... ter bastante cida/ eh universidade aqui né... ela se destacou também por bastante empresas que veio pra cá Hyundai Caterpillar*

Oito participantes falaram sobre uma identidade piracicabana e um orgulho que os piracicabanos têm em residir em Piracicaba. As respostas de Nilce S. (F1C) e Vagner M. (M2S), em (5) e (6) respectivamente, comparam esse orgulho e essa identidade piracicabana com os de outras cidades (Campinas na resposta de Nilce S. e cidades do interior paulista para Vagner M.) e evidenciam o quanto os piracicabanos se consideram diferentes por conta desses aspectos.

- (5) S1: *a questão do apego à própria cidade sabe eu não sinto um campineiro feliz por ser campineiro entende? [...] eu acho que Piracicaba tem isso assim tem um apego com a história em vários em vários comércios que a gente vai tem foto da da antiga de Piracicaba né... eh... você conversa com as pessoas mais velhas sempre tem uma história “ah porque eu descia o rio de bóia” então assim... tem uma coisa assim da da própria integração do território de Piracicaba né... é dele dele ser uma um... de fazer parte da vida das pessoas*
- (6) S1: *nunca vi ninguém falando... aqui em Piracicaba falando “não não sou piracicabano... tenho vergonha” ninguém acho que tem vergonha sei lá*
D1: *aham*
S1: *eu acho que a gente tem é/ é mais essa coisa de... de se achar... do interior do que as cidades... em volta... da gente assim pelo menos as mais próximas*

Sete participantes salientaram que Piracicaba oferece mais lazer em comparação com as cidades ao entorno. Nessas respostas, as comparações eram feitas com cidades menores, como Rio das Pedras e Santa Bárbara do Oeste. Foram destacados bares, restaurantes, pontos turísticos, áreas de lazer, parques, entre outros. Características comportamentais também foram observadas nas respostas, destacando que os residentes em Piracicaba são pessoas acolhedoras, gentis, receptivas e animadas (N = 5). O rio de Piracicaba também apareceu na resposta de quatro participantes,

associando o rio a um espaço de lazer diferencial e/ou motivo de orgulho e pertencimento na cidade¹. O aspecto caipira foi mencionado por cinco participantes, e outros três citaram o sotaque piracicabano. Três participantes disseram gostar de Piracicaba por ser uma cidade do interior e três disseram que é uma cidade bonita. Outros aspectos foram levantados pelos participantes, como a afirmação de que algumas cidades vizinhas teriam uma população mais idosa e uma urbanização diferente (por exemplo, Águas de São Pedro é uma cidade turística, e Rio Claro possui ruas com asfalto quadriculado).

O trecho na sequência mostra a resposta de João J. (M3C), não nativo de Piracicaba, sobre a relação do piracicabano com a cidade.

- (7) S1: *o piracicabano em si tem uma diferença sim... né do... dos eh... habitantes das cidades vizinhas tá? ele é (bairrista) né? ele é assim bem... eh... como eu diria né eh... defende né?... a sua terra e eu acho muito bonito isso né? a gente tem até umas brincadeiras aqui porque eu sou torcedor da Inter de Limeira*
D1: *ah...*
S1: *né da (Inter de Limeira) e também obviamente sou torcedor do Quinze de Piracicaba*
D1: *aham*
S1: *né? meu meus filhos torcem então por por coincidência hoje... sábado... né... dia quatorze às quinze horas vão jogar Inter de Limeira aqui no estádio Barão da Serra Negra né*
D1: *aham*
S1: *vão jogar então eh... a gente fica dividido fica dividido mas.. eu acho muito bonito eh... essa paixão que o piracicabano tem pela cidade pelo rio Piracicaba pelo Quinze de Piracicaba né eu acho muito bonito isso... faz com dela... faz dela uma cidade diferente... tá faz de Piracicaba uma cidade diferente no lado positivo né?*

Todos os participantes reconhecem mudanças na cidade. A maioria afirmou que Piracicaba mudou muito (N = 50) e poucos disseram que mudou pouco (N = 9). As respostas mais recorrentes indicam que a cidade cresceu bastante, tanto em espaço urbano, quanto em qualidade de vida. Os participantes apontaram a vinda de grandes empresas à cidade – como Dedini e Caterpillar e, mais recentemente, Hyundai e Raízen – , a criação de bairros e condomínios, a expansão da população com a vinda de

¹ As respostas que evidenciaram o rio de Piracicaba foram classificadas separadamente por suscitarem nuances de um certo orgulho e pertencimento na cidade pela conexão estabelecida com o rio, sendo assim, são respostas diferentes de Lazer e Orgulho e Identidade.

migrantes e imigrantes, entre outros. O exemplo em (8), de Gian S. (MIS), evidencia o processo de urbanização em detrimento das áreas rurais.

- (8) S1: *ah eu acho que que mudou bastante em questão que a gente vai muito pro sítio né tanto que hoje quase nem existe mais sítio em Piracicaba hoje em dia quase...*
S2: *eh não tem a zo/ zona rural*
S1: *não tem mais zona rural praticamente em Piracicaba né tanto que a gente vai bastante pro Campestre tanto que hoje em dia tem prédio tem muitos condomínios né... então... mudou muita coisa*

Em conjunto com as avaliações sobre o crescimento da cidade, um pensamento interiorano conflita com uma noção de “progresso”. Ao mesmo tempo que diversos participantes destacam o crescimento de Piracicaba para distingui-la de outras cidades do interior, em outras respostas, as características de cidade interiorana são evidenciadas (com pessoas afetivas e costumes tradicionais, por exemplo). Os trechos em (9) e (10) mostram os comentários de Clara B. (FIO) e Andre T. (MIL), respectivamente, que comentam o crescimento da cidade com a manutenção de características interioranas.

- (9) S1: *falta para ser cidade grande mas a gente tem um pouco de infra eu acho que num... num modo geral a gente tem um pouco de infra ao mesmo tempo a gente não/ também tem essa loucura então da cidade grande né o... então a gente essa questão de ter o rio de ter o parque de ter essa/ um certo plane/ planejamento da cidade eu acho que isso é... é positivo não está nem não grande nem tão... interior tão pequenininho*
- (10) S1: *enquanto território assim... urbanizado eu acho que ela está crescendo bastante e e visto pela região que eu moro aqui... que antes... né não tinha nada e hoje né totalmente... habitado... então eu acho que nesse ponto ela está crescendo muito eh ela não deixa de ter essas tradições e que eu tinha falado antes... isso eu acho legal mesmo que com... com esse tempo que ela evolui ela se/ ainda... ela é... acho que ela continua estruturada numa... numa questão mais... eh... interior mesmo né*

A partir das respostas dos participantes sobre Piracicaba, nota-se que seus residentes, de modo geral, consideram-na diferente de outras cidades, sejam menores ou maiores, e que tal diferença é positiva, pois, em sua perspectiva, Piracicaba tem melhor infraestrutura urbana e seus habitantes sentem orgulho da cidade, diferentemente do que se observaria em outras localidades do interior. Embora

também sejam mencionados, o sotaque e a cultura caipira não aparecem tão frequentemente na caracterização da *cidade* – o que contrasta com a caracterização do *piracicabano*, como se verá na próxima Seção. O crescimento e o processo de urbanização, por outro lado, são comumente destacados, mas, de acordo com os participantes, a cidade ainda mantém características interioranas positivas, como a afetividade das pessoas e a qualidade de vida.

3.2 Avaliações linguísticas

O roteiro semiaberto desenvolvido para esta pesquisa tinha como principal objetivo observar as avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba (ver Roteiro, p. 114). Esta Seção reúne esses resultados.

3.2.1 Avaliação da variação linguística

Nesta pesquisa, os falantes recorrentemente fazem avaliações sobre diferentes dialetos, sobre a fala de pessoas mais velhas e sobre diferentes grupos sociais, mostrando que a variação linguística é alvo de comentários metalinguísticos. Nesta Subseção, foram reunidas as respostas dos participantes desta pesquisa às perguntas: “Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano? Como?”, “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?”, “E aqui, dentro de Piracicaba, você percebe se a pessoa é de um bairro ou de outro? Como?”, “Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou?”, e “Você acha que você muda seu jeito de falar a depender da situação?”. Ainda que as três primeiras perguntas não façam referência explícita a “modos de falar”, as respostas para elas frequentemente mencionaram o sotaque piracicabano e diversos traços linguísticos.

No decorrer das entrevistas, foi comum encontrar comentários de participantes que reconheciam o falar piracicabano como diferenciado, mas que isso não necessariamente significava uma maneira de falar distinta da do restante do interior de São Paulo e até de outros lugares. Nas perguntas de reconhecimento de piracicabanos, “Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano? Como?” e “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?” (pormenorizadas na Seção 3.2.2), vários participantes salientaram que Piracicaba não

tem uma variedade linguística única. Diversas cidades no interior paulista e em outros lugares compartilham uma variedade linguística muito semelhante.

Figura 3.2: Outros lugares que teriam uma fala similar à de Piracicaba a partir das respostas às perguntas “Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano? Como?” e “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?”



Fonte: elaborada pela autora.

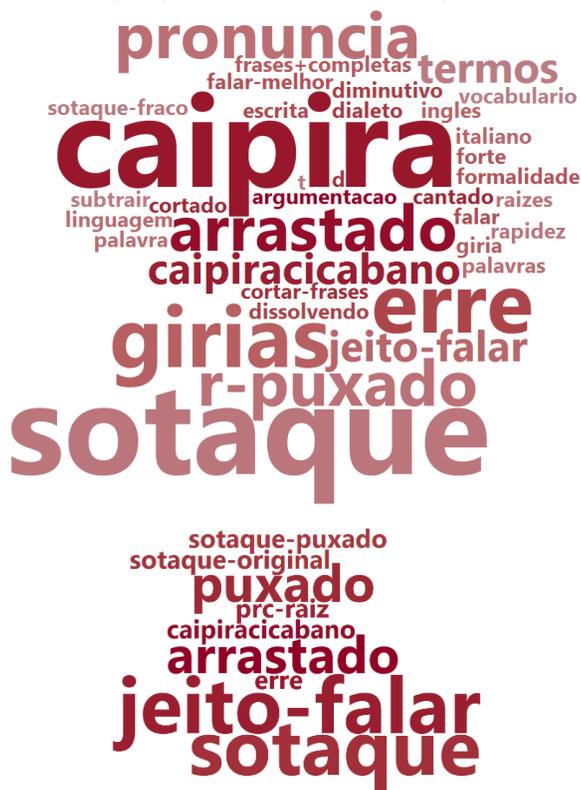
A nuvem de palavras na Figura 3.2 reúne as indicações dos participantes de outros lugares nos quais se fala de modo semelhante ao de Piracicaba. Há muitas menções ao termo *interior* (N = 26), abrangendo amplamente o interior paulista. As outras cidades citadas pelos participantes também são da região interiorana: Campinas (N = 3), Limeira (N = 1), Americana (N = 1), São Carlos (N = 1), entre outras. A participante Diana C. (F1S) comenta que no sul os falantes “puxam” como os piracicabanos “puxam”, não sendo possível reconhecer outros piracicabanos quando se está no sul do país (11).

- (11) D1: *quando você vai pra outra cidade você/ você reconhece outro piracicabano? se você encontrar um*
S1: *depende do lugar que eu estiver acho que da cidade... mas acho que se eu estiver em São Paulo e eu encontrar uma pessoa assim que fale que nem eu/ eu falo... eu acho que sim... acho que dá pra perceber se ele falar ‘po[ɣ]ta’ eu vou falar “ah meu filho sei da onde você é”... que é automaticamente dá pra/ dá pra perceber sim... mas se eu vou numa região mais no sul assim né já fica assim... porque eles também puxa*

Especificamente sobre Piracicaba, os participantes disseram reconhecer mudanças no jeito de falar conforme o tempo (N = 38). Outros 12 participantes afirmaram que o modo de falar continua o mesmo de sempre; esses participantes têm

em comum algumas características sociais: uma classificação socioeconômica mais baixa, menores graus de escolaridade, e, em sua maioria, são mulheres. Quatro participantes responderam que depende do aspecto linguístico e outros quatro não souberam responder. As nuvens de palavras na Figura 3.3 mostram as respostas para fenômenos linguísticos que mudaram conforme o tempo e aspectos que continuam iguais, respectivamente.

Figura 3.3: Respostas para a pergunta “Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou?”. Nuvem à esq.: o que mudou; nuvem à dir.: o que não mudou



Fonte: elaborada pela autora.

Para as mudanças na variedade de fala piracicabana, há menções a termos gerais como *sotaque* (N = 6), *caipira* (N = 6) e *gírias* (N = 4), e a aspectos linguísticos mais específicos, como a pronúncia de *erre* (N = 4) e *erre puxado* (N = 3). Respostas semelhantes aparecem na nuvem de palavras à direita: *sotaque* (N = 3), *puxado* (N = 2)

e *caipiracicabano* (N = 1). No entanto, o número de respostas para o que não mudou no modo de falar piracicabano foi muito pequeno, sendo um reflexo das poucas respostas que indicaram uma não mudança nessa variedade linguística. Ao mesmo tempo, na figura à esquerda, nota-se grande dispersão e multiplicidade de aspectos que teriam mudado no falar piracicabano, não havendo um consenso unívoco sobre as mudanças linguísticas locais.

Na Figura 3.4, encontram-se as justificativas apresentadas pelos participantes dos motivos pelos quais eles acreditam que o modo de falar piracicabano mudou. As respostas mais recorrentes mostram que os participantes reconhecem uma mudança geracional, com os mais jovens falando diferente dos mais velhos (na nuvem: *geracao-jovem*, N = 25). Novamente há menções à migração: *gente de fora* (N = 11), *mistura* (N = 4), *miscigenação* (N = 2) e *migração* (N = 2). Os participantes também indicaram o contato com outras línguas, tanto no contexto tecnológico, com o acesso à língua inglesa (na nuvem: *ingles*, N = 3), quanto pelo processo histórico de imigração italiana em Piracicaba (na nuvem: *italiano*, N = 2). As mídias também foram destacadas pelos participantes: *internet* (N = 7), *Whatsapp* (N = 2) e *televisão* (N = 2).

Figura 3.4: Justificativas para as mudanças no modo de falar de Piracicaba, conforme as respostas à pergunta “Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou?”



Fonte: elaborada pela autora.

Esse aspecto de mudança pelo acesso à tecnologia aparece na resposta de Gael A. (M1O), em (12), retomando o exemplo linguístico *bulir* (mexer) usado pelo seu avô, nascido e residente em Rio das Pedras, próximo a Piracicaba. O trecho de Gael A. exemplifica a junção das variedades de fala de Rio das Pedras e Piracicaba em um mesmo dialeto e mostra uma certa estigmatização desse modo de falar, indicando que é similar ao inglês, mas que não é valorizado da mesma forma. Davi J. (M3S), em (13),

fala sobre a vinda de italianos para a cidade, como o seu pai, que imigrou para Piracicaba quando jovem, e sobre o dialeto mudar a partir da educação formal das pessoas (na nuvem: *estudo* e *escola*, N = 5 cada).

- (12) S1: *acho que pela pelo avanço das tecnologias da globalização da internet né a gente consegue ter mais acesso eh... a diversas outras culturas sotaques e... e línguas né então então... eu acho que a gente vai... acaba modificando aos poucos isso né... eh... então eu acho que... acho que sim acho que sim acho que... tenha mudado eh... devido essas influências que chegam... com mais bem mais facilidade pra gente*

D1: *e o que que você acha que mudou?... tem alguma característica assim que você consiga pensar algum exemplo*

S1: *ai... na língua assim não sei ahn... eu acho que eu não sei eh essa questão de gi/ de gírias né eh... de uma cultura mais urbana né eh... eu acho que/ ou de internet né quando a gente usa tudo diminui/ diminui/ diminutivo as coisas né eh eu acho que isso isso... se agregou bastante assim na no nosso no nosso na nossa maneira de falar né... ahn... ah não sei mas agora te dar um exemplo mais concreto mesmo de palavra... tsc... ah a o que o que o meu avô falou pra mim fui mexer no carro 'bulir' quem que usa essa palavra entendeu*

D1: *aham*

S1: *eh eu acho que são coisas assim são... eh e acho que o próprio jeito de pronunciar às vezes algumas coisas... eh devido o que eu falei na pergunta anterior essas influências entendeu eh... não sei se a... a questão da língua inglesa tem a ver com isso ou não também né... eh... eu acho que talvez influencie a gente assiste né muita coisa eh norte americana apesar que o erre puxado né na na língua inglesa é... é... é totalmente oposto né... a a galera acha chique né acha lindo uma um ótimo sotaque*

- (13) D1: *e o senhor acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou então?... que antigamente falava de um jeito e agora estão falando de outro?*

S1: *mudou... mudou barbaridade*

D1: *aham*

S1: *(xxx) até na linguagem italiana na linguagem italiana também ficou um caipira meio diferente... que/ que misturou com os portugueses né... misturou com o português... eh então foi eles falavam tudo/ meu pai falava tudo errado... ah meu pai falava pro meu irmão "{T.}" meu irmão se chamava {A.} "{T.}" pega o [ɔrɪbo] vai no [bãko] e tira o sa[lrdo]" que que isso aí? caipira [risos S1 e D1]*

D1: *aham... sim*

S1: *(xxx) pra começar não é nem '[ɔrɪbo]' e/ é nem '[ɔrɪbo]' é 'ônibus' né? ele falava '[ɔrɪbo]' '{T.}' '{T.}' não é '{T.}' é '{A.}' "{T.}" pega o [ɔrɪbo] eh.. vai no [bãko] e pega o sa[lrdo] é (esse)*

D1: *'sa[lrdo]' é 'sa[u]do'?*

S1: *'sa[u]do' pega o 'sa[lrdo]' é caipira né?*

D1: *aham... sim... legal e hoje o senhor acha que o pessoal não está falando assim mais?*

S1: *na/ não... não a escola está educando muito... está educando muito e (eu se for)*

D1: *aham*

S1: *falar a verdade pra você hoje em dia eu falo bem porque eu estudei muito né? então eu me corrijo por causa da cantoria né? por causa da cantoria porque na cantoria se você errar um/ qualquer coisa eles pegam no pé*

D1: *aham*

S1: *eles pegam no pé*

Outras respostas, como *correção* (N = 3) e *vergonha* (N = 2), mostram uma certa estigmatização do dialeto, assim como a resposta de Gael A. (12), explicitado em (14) com a resposta de Sandra T. (F2N).

(14) D1: *e... vocês acham que o jeito de falar de Piracicaba mudou?*

S1: *ai eu acho que sim as pessoas acho que não querem se ser muito identificada como piracicabano então eu acho que elas estão se corrigindo mais*

S2: *é é... com certeza*

S1: *é elas se corrigem mais na hora de falar*

D1: *uhum*

S1: *eu (pela minha) (xxx) tento me corrigir*

A pergunta 11 do Roteiro questionava os participantes sobre possíveis diferenças entre os bairros. Não houve respostas muito claras sobre diferenças linguísticas, e nesse sentido se mostraram mais frequentes as respostas indicando diferenças sociais entre os bairros. Santana e Santa Olímpia foram os mais citados pelos participantes (N = 8 cada, ver Figura 2.1) por ter uma fala muito característica, sendo bairros com uma significativa tradição tirolese-trentina². No Capítulo 2, a Figura 2.1 mostra que os participantes não indicaram diferenças entre bairros para essa pergunta, mas sim entre centro e periferia/bairros rurais, entre classes sociais e pessoas mais e menos elitizadas.

O trecho da entrevista de Diana C. (F1S), em (15), elucida as poucas respostas para as diferenças entre os bairros que indicaram características linguísticas. A participante cita o uso de gírias por pessoas da periferia, e um uso mais coloquial da língua em bairros mais centrais (nesse caso, Alto e Nova Piracicaba).

(15) S1: *de/ às vezes sim às vezes pelo/ pelo jeito que fala quando fala muito na gíria... você já/ você já tem um... você já olha e já fala "uhn"*

D1: *uhum você pode dar algum exemplo? dessa gíria e da onde essa pessoa é?*

S1: *nossa... olha... velho... nossa depende depende da região aqui de Piracicaba... se a pessoa estiver falando sei lá começa a falar umas gírias assim*

² Cf. Leme, 1994.

que as pessoas falam que é gírias de maloqueiro “e aí tru/ e aí parça fi tá ligado né? que na quebrada né pivete” começa falar assim você já/ você já tipo se você já foi em uns bairros que falam desse jeito você vai falar “bom essa pessoa é desse bairro”... porque falam desse jeito

D1: *uhum*

S1: *só que tem lugar que as pessoas já né... eu acho que você vai ali pra região de... apesar que tem pessoas que falam uma gíria que moram nessa região também não que não tenham elas tem em todo lugar... mas se você vai no alí no bairro Alto... o pessoal não vai falar tão assim entendeu?... bairro Alto... eh... aqui depois da rua do Porto ali... Nova Piracicaba é um pessoalzinho que já fala mais um/ você percebe assim um vocabulário mais certinho já mais correto umas palavras que você já fala “o que que você está falando?”... sabe com umas palavras mais edificadas assim... se você chegar (falando) “e aí tia” é capaz dele falar “nossa vossa excelência não sou sua tia por obséquio” [risos D1] ironia... não que não seja mentira*

D1: *uhum*

S1: *mas dá pra perceber... bastante*

Para a pergunta “Você acha que você muda seu jeito de falar a depender da situação?”, 39 participantes responderam que sim e 21 disseram que não. Essa pergunta apresentou algumas respostas contraditórias, pois alguns participantes responderam que mudam sua forma de falar, mas quando questionados quando mudam, responderam não mudar nunca (N = 16). Outros participantes indicaram que ninguém fala da mesma forma a vida toda e que muda conforme o tempo e a situação em que se encontra. A Figura 3.5 exibe as situações apresentadas pelos participantes nas quais ocorreriam mudanças linguísticas.

Figura 3.5: Situações indicadas pelos participantes como resposta à pergunta “Você acha que você muda seu jeito de falar a depender da situação?”

**n-muda
interlocutor
trabalho**

extra-lingua
estudo

regiao

Fonte: elaborada pela autora.

Nota-se que os participantes indicam variar a fala conforme o *interlocutor* (N = 18), se estão em ambiente de *trabalho* ou não (N = 17) e conforme a localização geográfica (na nuvem: *região*) em que estão (N = 4). A resposta de Wagner M. (M2S), em (16), exemplifica as mudanças conforme o interlocutor e a situação de trabalho, e a resposta de Gilda F. (F10), em (17), também indica mudanças conforme o trabalho e sua localização geográfica.

- (16) S1: *eu acho que quando eu estou entre... amigos mais próximos e... mais caipiras talvez a gente tenha um... um lance de ficar um pouquinho mais caipira assim e um pouquinho mais à vontade*
D1: *uhum*
S1: *e aí quando você está de repente numa situação um pouco mais... né... executiva... você dá aquela segurada... mas eu acho que só isso é um facetas que a gente tem né... acho que faz parte*

- (17) D1: *e você... você acha que você muda então o seu jeito de falar a depender da situação?*
S1: *ah tem que mudar né porque se eu for falar pra um cliente sei lá... ai... é que eu so/ eu falo umas coisas bem bem simples às vezes eu falo umas coisa errada daí eu/ eu tento né fa/ se eu estiver na frente de um cliente mudar né porque... não posso né tipo... falar tão informal assim né? mas eh... eu tento mudar sim D1: aham*
S1: *ou quando você vai viajar alguma coisa assim você fica até meio incomodado né de falar nas frentes das pessoas que as pessoas vai falar “nossa né essa daí veio do/ do sítio lá do meio do mato” [risos S1] aí sei lá*

3.2.2 Reconhecimento do piracicabano e o sotaque

Na entrevista com Sandra T. (F2N), antes de se iniciar a gravação, a documentadora estava conversando com a participante enquanto ajustava o gravador e garantia se a participante estava confortável e ouvindo com clareza a sua voz. Quando a documentadora lembrou a participante que a entrevista seria gravada, Sandra T. brincou que a documentadora gravaria o áudio apenas para capturar o “sotaque forte” da participante.

Sabendo que o sotaque de Piracicaba é alvo de diversas reportagens televisivas e uma característica presente no imaginário da população da região, foram reunidos, nesta Seção, os resultados que abrangem o reconhecimento de piracicabanos e o sotaque. O roteiro de entrevistas (ver Roteiro, p. 114) foi estruturado de forma a

introduzir o assunto tema da pesquisa, avaliações linguísticas, aos poucos, com menções explícitas apenas a partir da pergunta 14: “Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou?”. No entanto, alguns participantes mencionaram o sotaque logo no início das entrevistas. Como visto na Seção 3.1, o sotaque, ainda que mencionado pouco frequentemente, aparece como um dos aspectos para distinguir a cidade de Piracicaba das cidades vizinhas (ver Figura 3.1) já nas perguntas iniciais do Roteiro.

A participante Magda R. (F2L) é uma das participantes que já inicia a entrevista falando sobre o sotaque. Quando questionada sobre o que gosta de Piracicaba, a participante responde:

- (18) S1: *como eu falei é rico em causo rico em cururu rico em história em dialeto e... o povo mais jovem vai perdendo eu acho que isso é ruim eu acho que a gente devia manter mesmo vivo né? essa... cultura do nosso povo*

E, ao falar sobre as mudanças na cidade, Magda R. (F2L) também cita a variedade linguística de Piracicaba:

- (19) S1: *eu lembro que a história do nosso sotaque né e a gente fala mesmo 'empa[di]nha' e 'po[x]ta' e eu acho que é nosso sotaque e a gente tem que... valorizar isso eu acho que é a nossa marca né... a gente 'ba[x]deia' as coisa mesmo a gente abre 'po[x]ta' né?*
D1: *aham*
S1: *a gente tem po[x]tei[r]a e eu acho que isso é muito legal né? independente... é do nosso português né eu acho que assim o nosso dialeto/ dialeto é legal*

Nos relatos de Magda R. (F2L) nota-se como a participante mobiliza o sotaque em diversos momentos, salientando sua importância na história da cidade. Em (19), alguns exemplos linguísticos aparecem para definir o sotaque: o uso da consoante oclusiva [d], a retroflexão da consoante rótica em coda silábica e o uso lexical de ‘baldear’ (transferir) com rotacismo.

Quando questionados se são reconhecidos como piracicabanos quando viajam, os participantes disseram majoritariamente que sim (N = 40). Dentre as respostas afirmativas, 12 participantes indicaram ser reconhecidos como piracicabanos, seis afirmaram que são reconhecidos como nativos do interior paulista, quatro declararam ser reconhecidos como interioranos e piracicabanos, e 18 participantes responderam afirmativamente, mas não explicitaram se é como nativos do interior paulista no geral ou como piracicabanos. Dos outros 20 participantes, 15 disseram que

não são reconhecidos como piracicabanos, três disseram que depende da situação (por exemplo: se estão em outros estados são reconhecidos como pessoas de fora e, às vezes, até como do interior paulista, mas se vão para outras cidades de São Paulo, não são diferenciados dos outros residentes), e duas pessoas não souberam responder. Nenhum padrão quanto ao perfil social dos falantes foi observado nessa variável.

A Figura 3.6³ mostra as justificativas para essas respostas ($\chi^2 = 162,92(4)$, $p < 0,001$). Nota-se claramente a predominância de *sotaque* no reconhecimento dos participantes, com 54 respostas, seguido de três respostas sobre a *aparência*, uma resposta para *posse* e uma para *comportamento*, e seis pessoas disseram que ninguém nunca perguntou se eram piracicabanos ou não.

No trecho em (20), a participante Malu G. (M3C) fala sobre o reconhecimento de que é piracicabana pela cor da pele e pelo sotaque.

- (20) D1: *as pessoas... elas percebem que você é piracicabana?*
S1: *ah eu acho que sim né... não sei/ eu sou tão branquela assim que quando a gente vai pra praia só só a cor assim acho que já já chama a atenção né [risos S1]*
D1: *aham*
S1: *e eu sou (muito) (xxx) (de pele né) então eu acho que eles percebem sim que a gente não é de lá né*
D1: *uhum mas percebem pelo físico assim você fala?*
S1: *é eu acho que sim agora... talvez né assim a gente conversando também eu acho que percebam né... ah por mais que você não queira você tem sotaque né não tem como né é inegável*
D1: *aham... sim [risos S1 e D1]*

O participante Arthur J. (M2L) cita características específicas no modo de falar.

- (21) *a outra vez a gente estava em/ a gente foi um grupo de teatro assistir uma peça lá em São Paulo... e a gente estava conversando lá na praça da República lá... um amigo meu gosta de falar alto né e (precisando) (xxx) e o pessoal passeando lá aí eu não sei o que que ele falou ele falou 'pavo[ɹ]emo' seria 'apavoramos' né foi 'pavo[ɹ]emo'... 'n[ɔi] pavo[ɹ]emo' aí o pessoal falou "ah os piracicabano ali" o pessoal já pega as essas coisas aí foi só/ só sarro só risada*

³ As figuras nesta Seção não somam o número de respondentes nos dados mostrados, pois um mesmo participante pode ter citado mais de um aspecto.

No Roteiro, também havia a pergunta “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?”, que era realizada na sequência da anterior. Para ela, 45 participantes afirmaram reconhecer outros piracicabanos e 13 disseram que não (três participantes não responderam essa pergunta). Das 13 respostas negativas, 11 são de participantes residentes na região periférica da cidade.

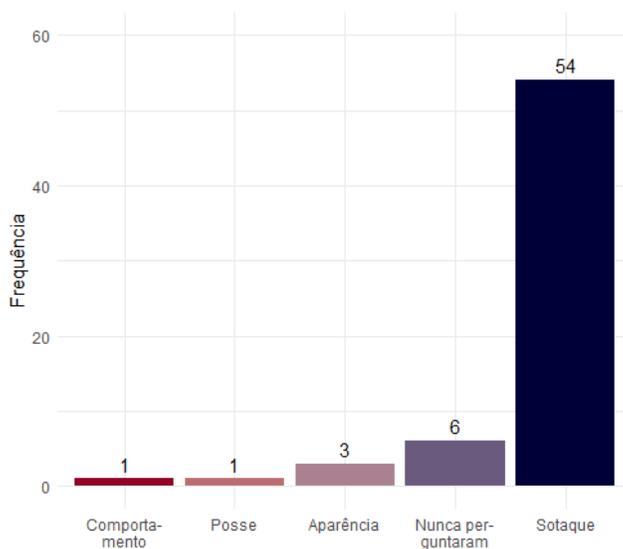
Na Figura 3.7, encontram-se as justificativas para o reconhecimento de outros piracicabanos ($\chi^2 = 96,2(3)$, $p < 0,001$). Novamente, nota-se um grande número de justificativas que evidenciam o sotaque piracicabano, e duas respostas sobre o comportamento. Sete participantes apresentaram outras respostas, como ver pela placa do carro ou mesmo já chegar perguntando de onde a pessoa é.

Marco M. (M3L) responde que não reconhece outro piracicabano. O participante cita reportagens televisivas que exibem o dialeto como algo generalizado na fala piracicabana quando não o é, pois, na visão de Marco M. (22), há um recorte de fala que seleciona como exemplos do falar piracicabano pessoas mais velhas que frequentam lugares mais antigos e típicos da cidade. A dupla sertaneja, Cezar e Paulinho, também é mencionada, exemplificando o que o participante entende por um falar “arrastado”.

- (22) D1: *e você reconhece outro piracicabano quando você vai pra outra cidade?*
S1: *não... não não reconheço... você já viu essas entrevista que o pessoal faz aqui da IPTV essas coisas?*
D1: *aham*
S1: *eles vão (lá) na Rua do Porto lá entrevistar os cara que são os mais velho lá que é que eles falam arrastado se pegar o Cezar e Paulinho então nós estamos ferrado*
D1: *sim [risos S1 e D1] sim*
S1: *então eles procura que os/ as pessoa mais idosa que mais eh... né que fala... o piracicabano né que arrasta até a... alma pra falar né?*
D1: *aham*
S1: *mas eu... não percebo não*

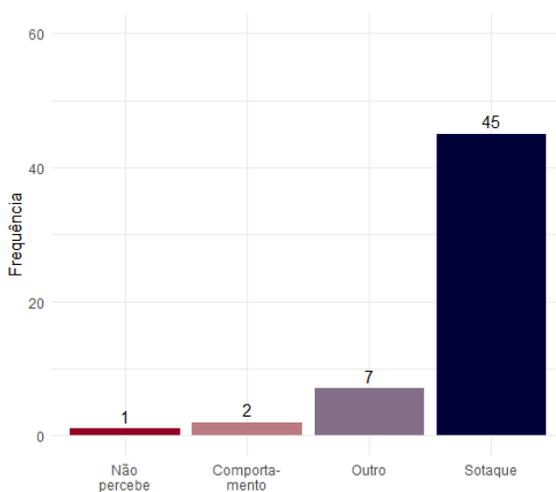
A pergunta de número 12 do Roteiro questionava os participantes sobre a percepção do local de nascimento e residência da documentadora. Não houve consenso entre os participantes nas respostas: 28 disseram que a documentadora não parece ser piracicabana, 25 disseram que a documentadora é de Piracicaba, e cinco pessoas não souberam responder.

Figura 3.6: Justificativas para as respostas à pergunta “Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano?”



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 3.7: Justificativas para as respostas à pergunta “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?”



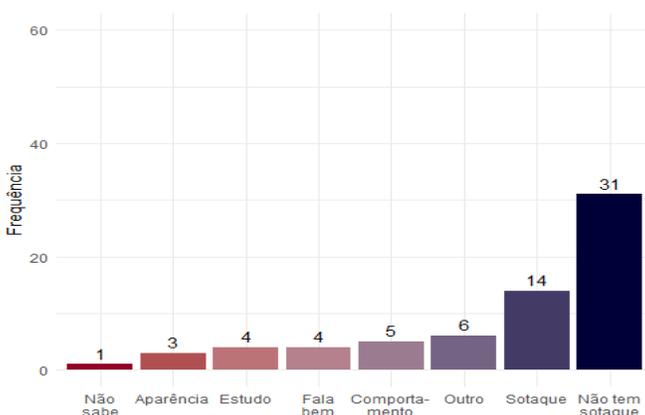
Fonte: elaborada pela autora.

O trecho da entrevista com o participante Arthur J. (M2L) indica um possível “sotaque neutro” na fala da documentadora (23).

- (23) D1: *e você acha que eu sou... piracicabana?*
S1: *pele sotaque não*
D1: *é? você acha que eu não tenho sotaque piracicabano?*
S1: *de jeito nenhum... não*
D1: *não?* [risos D1] *legal*
S1: *(xxx) se... se eu ver você assim pessoalmente eu falo que não é*
D1: *ah tá*
S1: *não tem não tem como ou você é... cresceu falando desse jeito seu sotaque é neutro né pra mim*

Na Figura 3.8, localizam-se as justificativas para essas respostas ($\chi^2 = 80,23(7)$, $p < 0,001$): 31 participantes indicaram a falta de sotaque na voz da documentadora; 14 disseram que há sotaque piracicabano; cinco participantes falaram sobre características comportamentais; quatro indicaram que a documentadora fala bem; quatro justificaram se tratar de alguém que tem estudo, pois é uma pesquisa universitária; três evidenciaram características de aparência física; uma pessoa não soube justificar a resposta; e outras seis respostas mencionaram outras justificativas, como saber previamente que a documentadora mora em Piracicaba.

Figura 3.8: Justificativas para as respostas à pergunta “Você acha que eu [documentadora] sou piracicabana?”



Fonte: elaborada pela autora.

3.2.3 Traços linguísticos

Durante todas as entrevistas, os participantes mobilizaram diversos exemplos linguísticos para elucidar suas respostas. Nesta Subseção, foram agrupados os exemplos dos participantes em níveis linguísticos e pelas variantes codificadas desses exemplos.

A Figura 3.9 reúne todos os exemplos citados pelos participantes até a pergunta 21 do Roteiro⁴ e demais exemplos que surgiram depois de finalizado o Roteiro (p. 114). Não se incluíram os exemplos linguísticos proferidos pela documentadora, porque os participantes exemplificavam com as mesmas palavras usadas pela documentadora, apenas as reproduzindo. Assim, a nuvem na Figura 3.9 exibe os exemplos dados pelos participantes de forma espontânea. É fundamental ressaltar que um mesmo participante pode ter citado mais de um exemplo e/ou ter citado o mesmo exemplo mais de uma vez no decorrer da entrevista.

Observa-se que a maioria dos exemplos se fizeram com a palavra *porta* (N = 41) e a sentença cristalizada *porta, porteira, portão* (N = 16); ambos são comumente usados para exemplificar a fala dessa região dialetal e evidenciam o uso de /r/ caipira em ataque e coda silábica. Outros exemplos também salientam essa variante: *porque* (N = 5), *Piracicaba* (N = 5), *porteira* (N = 4), *portão* (N = 3), *piracicabano* (N = 3), *madeira* (N = 3), *interior* (N = 3), entre diversos outros. Três participantes exemplificaram com *rarara* e dois com *rerere*, onomatopeias para a consoante rótica caipira. Fizeram parte do discurso metalinguístico dos participantes uma comparação do /r/ caipira com cachorro latindo, carro acelerando e uma comparação com o inglês. Outros exemplos, como *arco, tarco, verva* (N = 5) e *carcanha de grilo* (N = 3), também apresentaram uma pronúncia mais retroflexa de /r/ e outros traços linguísticos – no caso desses exemplos, a ocorrência de rotacismo. A expressão *arco, tarco, verva* é conhecida na cidade por se tratar do nome do dicionário do dialeto caipiricabano, escrito em homenagem ao falar piracicabano (Netto, 1988). Os exemplos *carcanha de grilo, caxara de forfe* (N = 2), *asa de barata* (N = 2) e *quinze* (N = 4) aludem ao hino popular do Clube de Futebol de Piracicaba XV de Novembro, como se vê na fala de Luiza P. (F1N) (24).

⁴ “Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano? Como?”; “Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?”; “Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou?”; “Como você acha que o piracicabano fala?”; “O que você acha que tem no modo de falar do piracicabano que é típico daqui?”; “Como você acha que você fala?”; “O que é caipira pra você? O que é falar caipira?”; “Você acha que você é caipira?”; “Você se identifica com o modo de falar caipira?”

- (24) S1: *mas tem uma música não sei se você já ouviu ‘caxará de fo[ɫ]fe... asa [de] ba[ɫ]ata... Quinz[e] Quinz[e:]... ca[ɫ]a ago[ɫ]a o [e]squema [de]fe[ɫ]en[te] em P[e] ɫjacicaba quem comanda é a gen[te] tem mano que v[ê:] tem mano que va[ɫ:] pi[ɫ]jacicabano é sujeito de pa[s] mai num [i]ncomoda [r]japa[ɫs]’*

Os excertos na sequência exibem alguns recortes de entrevistas, exemplificando o uso de /r/ caipira. Andre T. (MIL), em (25), utiliza uma frase com diversas ocorrências de /r/ em coda silábica, além do metacomentário sobre a consoante. Nilce S. (FIC), em (26), fala que a pronúncia de /r/ pelo piracicabano é marcada não apenas em final de sílaba – a participante usa o termo “erre solto” –, mas também em ataque silábico – “erre com a vogal”.

- (25) D1: *o que que você acha que tem no modo de falar do piracicabano que é típico daqui?... que é comum daqui*
 S1: *o erre [risos S1]*
 D1: *o erre... você tem algum exemplo com o erre? além de ‘po[ɫ]ta’*
 S1: *‘po[ɫ]ta’ ‘po[ɫ]ta’ ‘to[ɫ]ta’... ‘a po[ɫ]ta da ho[ɫ]’*
 D1: *e tem alguma coisa... como?*
 S1: *‘a po[ɫ]ta da ho[ɫ]ta está to[ɫ]ta... é o que impo[ɫ]ta’ [risos S1 e D1]*
 D1: *essa é ótima... tem alguma coisa além do erre? que você acha*
 S1: *ai {D.} eu acho eu nunca reparei assim além do erre*
 D1: *uhum*
 S1: *ah essas expressões mesmo né que ai agora não estou lembrando de... muito... mas tem algumas expressões que são típicas daqui né*
- (26) D1: *e o que seria esse piracicabanês é que você falou*
 S1: *é isso assim ó se não é/ nem quando a pessoa não tem um é/ não é nem... o erre do ‘esque[ɫ]do’ é o erre do ‘[de]jeito’*
 S2: *é o erre emendado (xxx)*
 S1: *é o erre do o erre o erre não é o erre que sobrou ali é o erre com a vogal entendeu*
 D1: *uhum*
 S1: *não é o erre... quando/ a gente foi como/ “que nome nós vamos por na nossa filha né se for menino (xxx) ai tsc eu gosto de Artur né” ai o {G.} falou “ah não dá”*
 S2: *tem dois né [risos D1]*
 S1: *tem dois erre... Bernardo não dá*
 S2: *é*
 S1: *‘A[ɫ]tu[ɫ] Be[ɫ]na[ɫ]’ né*
 S2: *é*
 S1: *ai a gente escolheu {O.} que não tem erre (xxx) brincadeira mas tem essa questão se tem o erre ali que*
 S2: *de menino a gente ficou meio assim*
 S1: *o menino foi difícil mas você tem um erre ali que é... que é... não sei como é que chama ni/ como é que é no ele não ele está ali ó não o seu {B.} está junto*

com uma vogal mas se tem um erre solto ali normal ó 'no[ɹ]mal' a gente fala assim

D1: *uhum*

S1: *agora em Piracicaba até o erre que está no {B.} {B.} ele tem um som diferente né*

S2: *é (xxx)*

S1: *e o 'e' também né que é a em Limeira também tem o... den/ 'lei^hte] qu[e^hte]*

S2: *é é*

S1: *negócio assim de dar uma puxada*

A partir da resposta de Nilce S., em (26), identifica-se o uso das consoantes oclusivas [t,d]. Na nuvem de palavras na Figura 3.9, o uso das consoantes oclusivas apareceram na frase cristalizada *leite quente* (N = 7) e nas palavras *tia* (N = 6), *dia* (N = 3), *empadinha* (N = 2), *direita* (N = 2), entre outros.

Maisa B. (F3L) comenta que, quando chegou em Piracicaba para fazer faculdade, seus colegas piracicabanos comentavam sobre como a participante falava. Em (27), a participante comenta o assunto e evidencia o uso oclusivo da variante [d], mas a partir de seus exemplos nota-se que não é em contraste com as variantes africadas [dz,dʒ], mas sim a preposição *de* em contraposição com a preposição *a*.

(27) S1: *agora o que Piracicaba tem bastante é o sotaque forte né de... é que nem... eh que nem eles tira/ eles tiravam muito sarro de mim do meu sotaque de Tietê quando vim pra cá... porque eu falava... eh... 'hoje [de] tar[ɸɹ]* né

D1: *aham*

S1: *ao invés de falar 'à tar[ɸɹ]' eu falava '[de] tar[ɸɹ]'*

Assim como Maisa B., a participante Magda R. (F2L) comenta sobre uma possível pronúncia, mas em sua resposta, dá a entender que o exemplo refere-se à pronúncia da vogal alta anterior [i] e ao uso de diminutivo (28).

(28) D1: *como você acha que o piracicabano fala?*

S1: *fala com o erre arrastado fala inventando palavras fala... eh dando ênfase ao 'i' né? eu/ eu lembro quando eu morei no Mato Grosso elas falavam muito do meu 'i' mesmo 'empa[di]nha'*

D1: *uhum*

S1: *'bata[ti]nha' elas falavam que eu falo 'inha' muito isso eu acho que é bem nosso*

D1: *bem nosso também*

S1: *depois que você presta atenção você vê não sou só eu porque a gente acha que é só 'po[ɹ]ta' 'co[ɹ]sa' e não é esse 'inha' também é bem*

D1: *uhum*

S1: *bem importante*

Foram frequentes os exemplos lexicais: [oːo] (na nuvem: oo, expressão de surpresa e/ou discordância, N = 7), *uai* (expressão de espanto, surpresa, discordância etc, N = 4), *tigurfe* (mergulhar, N = 3), *sinaleiro* (semáforo, N = 3), *oba* (termo usado para cumprimentos, semelhante a *oi*, N = 3), *filão* (pão francês, pão de sal, cacetinho etc, N = 3), *pisicar* (chamar/pedir para conversar nas redes sociais, N = 2), *lazarento* (xingamento para pessoas ruins, N = 2), *gorfar* (vomitar, N = 2), *forfé* (bagunça, N = 2), entre outros.

Alguns exemplos apresentam características morfossintáticas: *noi vai* (N = 3), *nois vai* (N = 2), *as coisa* (N = 2), *três paozinho* (N = 1), *vo i* (N = 1), entre outros. Além desses, os participantes também citaram: queda de consoantes – por exemplo: *memo* (mesmo, N = 4) e *tamem* (também, N = 3) –, pronúncia marcada de vogais – por exemplo: *[de]reita* (N = 1) e *P[e]racicaba* (N = 2) –, redução de palatal – por exemplo: *foia* (folha, N = 2) e *veio* (velho, N = 2) –, entre outros.

A Figura 3.10 categoriza os exemplos da Figura anterior em níveis de análise linguística: fonético, morfossintático, lexical e pragmático, além de uma categoria para dados de difícil classificação ($\chi^2 = 1355,3(4)$, $p < 0,001$). Como visto na Figura 3.9, um mesmo exemplo poderia mobilizar diversos níveis linguísticos: a palavra *tarco*, por exemplo, exemplifica tanto a consoante rótica retroflexa em coda quanto a realização de rotacismo; a palavra *bardea* (baldear, levar algo de um lugar a outro) abrange tanto o nível fonético, com a pronúncia da consoante aproximante [ɹ] em coda silábica, a queda da consoante final e o rotacismo, quanto o nível lexical, citado por alguns participantes como um uso típico piracicabano⁵.

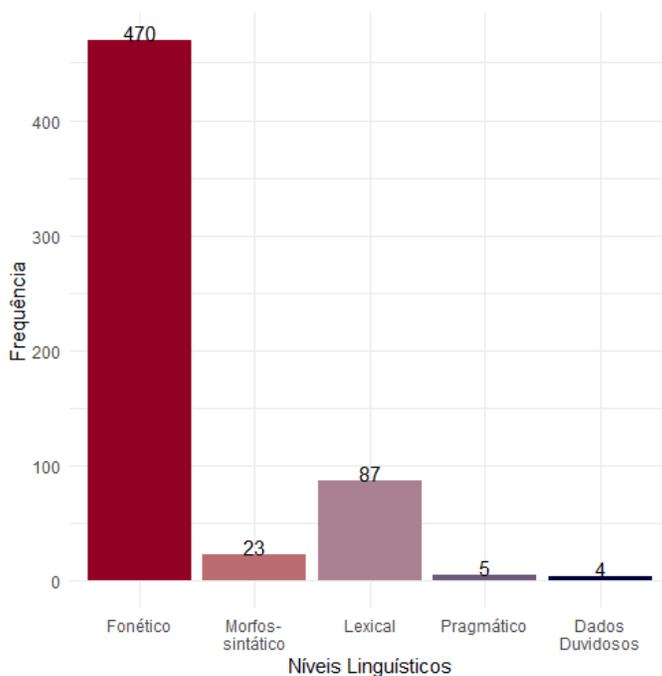
Observa-se que o nível fonético (N = 470) é o mais recorrente nos exemplos dos participantes. Assim como visto na Figura 3.9, a maioria dos exemplos dos participantes menciona a pronúncia de consoantes róticas em coda e em ataque silábico, consideradas a principal característica do falar local⁶, seguidas da pronúncia de consoantes oclusivas [t,d] e da realização de rotacismo. O segundo nível linguístico mais presente nos exemplos foi o nível lexical (N = 87), seguido pelo nível morfossintático (N = 23). O nível pragmático apareceu com pouca frequência nas

⁵ É importante ressaltar que um mesmo nível linguístico foi marcado mais de uma vez caso estivesse saliente no exemplo. No caso de *tarco*, por exemplo, o nível fonético foi etiquetado duas vezes, uma pela realização do rotacismo e outra pela realização retroflexa da consoante rótica em final de sílaba.

⁶ Cf. Amaral, 2020 [1920]; Carreão, 2018; Morelli, 2019; Rodrigues, 1974.

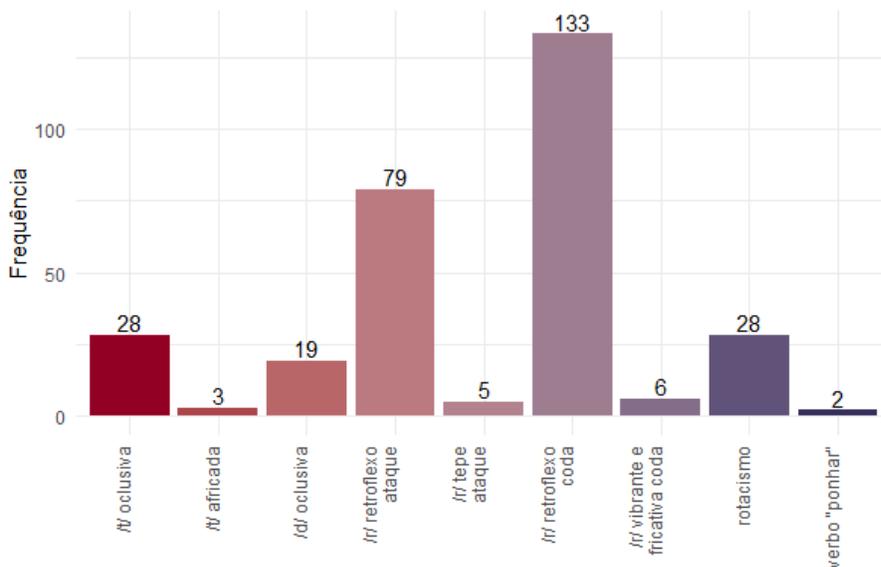
respostas (N = 5), sendo citado por apenas três participantes: Vilma M. (F2L) indica que os piracicabanos sempre iniciam suas frases com “eu acho que” e complementa dizendo que “piracicabano não sabe nada, só acha”; Raul S. (M2O) diz que suas filhas argumentam bastante nas respostas, sempre questionando os pais, e ele exemplifica com a sentença “pai, você teria um dinheiro para me dar para comprar um doce?”; e, por fim, Caio R. (M2N) ressalta que o piracicabano tem como característica sempre responder perguntando o porquê de tudo.

Figura 3.10: Frequência dos níveis linguísticos



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 3.11: Frequência das variáveis em destaque



Fonte: elaborada pela autora.

A partir dos exemplos, também foi possível sistematizar a frequência de menção das variáveis em destaque nesta pesquisa (/r/ em coda silábica, /r/ em ataque silábico, rotacismo, /t,d/ antes de [i], e verbo *ponhar*). A Figura 3.11 mostra esses resultados ($\chi^2 = 1868,1(10)$, $p < 0,001$).

Observa-se que a variante mais citada pelos participantes, de todos os grupos sociais, foi /r/ retroflexo/aproximante em coda silábica. Outras variantes da variável /r/ em coda apareceram nos exemplos: [r] (variante vibrante, N = 4) e [h] (variante fricativa aspirada, N = 2). As seis menções às variantes aspirada e vibrante em coda silábica são de participantes não nascidos na cidade de Piracicaba, do gênero masculino, da primeira faixa etária e de classificações socioeconômicas mais baixas (C e D).

A variável /r/ em ataque silábico manifestou-se nos exemplos dos participantes nas variantes: retroflexa/aproximante e tepe. Retomando o exemplo de Nilce S. (F1C), em (26), observa-se que a participante cita o uso da consoante aproximante retroflexa [ɻ] em ataque silábico, exemplificando com a palavra *direito*.

O uso da consoante rótica realizada como tepe [r] em ataque silábico foi citado cinco vezes, em contraste com pronúncias com a variante fricativa aspirada [h];

as ocorrências foram: [r]io (rio), ca[r]óça (carroça), bu[r]o (burro), ca[r]o (carro) e te[r]a (terra). Essas menções foram feitas por três participantes, com menores graus de escolaridade e da terceira faixa etária⁷. Em exemplos como *porteira*, diversos participantes realizaram a variante tepe [r] em ataque silábico. Como essas ocorrências não fizeram parte de metacomentários, optou-se por não sistematizá-las, já que não eram o que os participantes estavam marcando.

Ao contrastar as duas variantes mais citadas, aproximantes alveolares e retroflexas [ɹ, ʝ] em coda e ataque silábico, observa-se que alguns grupos sociais têm frequências similares para ambas variantes, ou seja, não seguem o padrão geral. Os participantes residentes da região central da cidade demonstraram proporções similares para /r/ caipira em coda e ataque (coda N = 53, ataque N = 44), enquanto os residentes da região periférica exemplificaram mais com a variante em coda (coda N = 80, ataque N = 35). O mesmo ocorre com piracicabanos e não piracicabanos; o primeiro grupo cita, com frequências maiores, o uso de /r/ caipira em coda (coda N = 98, ataque N = 43), enquanto os não nativos apresentam frequências similares (coda N = 35, ataque N = 36). Os participantes com 60 anos ou mais deram exemplos em coda silábica e ataque com frequências idênticas (coda N = 13, ataque N = 13), os mais jovens mantêm o padrão geral (primeira faixa etária: coda N = 40, ataque N = 77; segunda faixa etária: coda N = 26, ataque N = 43). As classificações socioeconômicas mais altas (A e B) também apresentam o padrão de citar o uso de /r/ retroflexo em coda em frequência similar à variante em ataque (A: coda N = 19, ataque N = 20; B1: coda N = 11, ataque N = 15), diferentes das outras classificações.

O uso de rotacismo foi citado 28 vezes pelos participantes, principalmente pelos participantes acima de 35 anos (primeira faixa etária N = 3, segunda faixa etária N = 16 e terceira faixa etária N = 9), sendo realizado tanto com as variantes aproximantes [ɹ, ʝ] quanto com a variante tepe [r]. A variável /t/ antes de [i] foi citada pelos participantes em suas formas oclusiva [t] e africadas [ts, tʃ]. A consoante oclusiva [t] apareceu principalmente nos exemplos de participantes mais jovens, residentes no centro da cidade e com índices socioeconômicos mais altos (A e B1). As variantes africadas foram citada por pessoas da primeira faixa etária. Com menor frequência, a

⁷ É fundamental salientar que, nesses exemplos, os participantes comentaram sobre a influência da língua italiana no dialeto local. Foi destacado que a pronúncia tepe [r] nesses contextos se dá em pessoas que vieram da Itália para Piracicaba ou que cresceram ouvindo o italiano por meio de familiares.

pronúncia da consoante oclusiva [d] também apareceu nos exemplos, de participantes mais novos e mulheres. O uso do verbo “ponhar” foi exemplificado apenas duas vezes durante as entrevistas, citado por pessoas de classes mais altas (A e B1).

Os excertos na sequência mostram alguns trechos nos quais os participantes citam exemplos e evidenciam algumas variantes. Guto C. (M1C, não nascido em Piracicaba), em (29), diz que usa a variante fricativa em coda silábica para cantar enquanto os piracicabanos usam a variante caipira.

- (29) S1: *sei lá quando eu vou cantar assim tocar um violão cantar eu falo 'po[h]ta' não falo 'po[ɣ]ta'* [criança falando ao fundo]
D1: *aham*
S1: *é vem bem natural não é uma coisa que eu penso assim... [criança falando ao fundo] é porque sei lá na música eu acho que isso... acho que eu tenho amigos músicos piracicabanos que vão sei lá até na Globo os cara lá “é da ho[ɣ]a”*
S2: [criança falando ao fundo] *é o B. é*
S1: *é o B. é assim*
S2: *ele é caipira mesmo*
S1: *ele é caipira não é de ficar forçando*

Em (30), Greta M. (F3O) cita um exemplo com o uso de /r/ retroflexo em ataque silábico na fala de uma jovem lojista, enquanto Arthur J. (M2L), em (31), cita diversos exemplos com o uso de /r/ caipira em coda silábica, rotacismo e concordância não padrão.

- (30) S1: *naquela loja de de maquiagem... Quem Disse Berenice... tinha uma mocinha aí mas uma boneca daqueles olhos lindos toda maquiadinha toda bonitinha né e eu estava vendo uns umas coisinhas assim... e ela veio e veio me abordar né... aí ela falou “a s[i]nhor[ɣ]a deseja alguma coisa?”*
- (31) D1: *o que que é falar caipira?*
S1: *é sem essa... essa preocupação de... tempo verbal que nem eu falei pra você né... ah 'n[ɔ]i fomo ontem lá comer um pastéis' 'paste[ɣ]' né*
D1: *aham*
S1: *'ca[ɣ]ne pa[ɣ]mito'*

Grazi G. (F1S), em (32), cita o uso de /t,d/ oclusivas como uma forma de a reconhecerem como piracicabana. Em (33), Lais A. (F1N) também evidencia o uso das oclusivas e dá exemplo sobre a consoante aproximante [ɣ] em coda.

- (32) D1: *e... bom quando você viaja... as pessoas percebem que você é piracicabana?*

S1: *nossa quando eu comecei a fazer faculdade era muito engraçado por causa do sotaque né*

D1: *aham*

S1: *é que... podia nem falar 'bom [d]ia' que todo mundo vinha dar risada da cara da gente então [risos S1 e D1] por isso pelo '[d]ia [t]ia' assim às vezes as pessoas percebem*

- (33) S1: *eh esse erre mais puxado mas é algumas palavras muito específicas assim então mesmo quem não puxa às vezes... o próprio 've[ide]' acaba fazendo esse esse puxar eh... às vezes é um ênfase no te né? então 'lei[te]' alguma coisa assim*

3.2.4 O dialeto piracicabano, o caipira e o dialeto caipira

O Roteiro de perguntas semiaberto desta pesquisa (ver Roteiro, p. 114) contém algumas perguntas sobre o caipira e o falar caipira: “O que é caipira pra você?”, “O que é falar caipira?”, “Você considera os piracicabanos caipiras?”, “Você acha que você é caipira?” e “Você se identifica com o modo de falar caipira?”, e sobre o falar piracicabano, “Como você acha que o piracicabano fala?” e “O que você acha que tem no modo de falar do piracicabano que é típico daqui?”. Nesta Subseção, as respostas a essas perguntas estão reunidas a fim de comparar seus resultados.

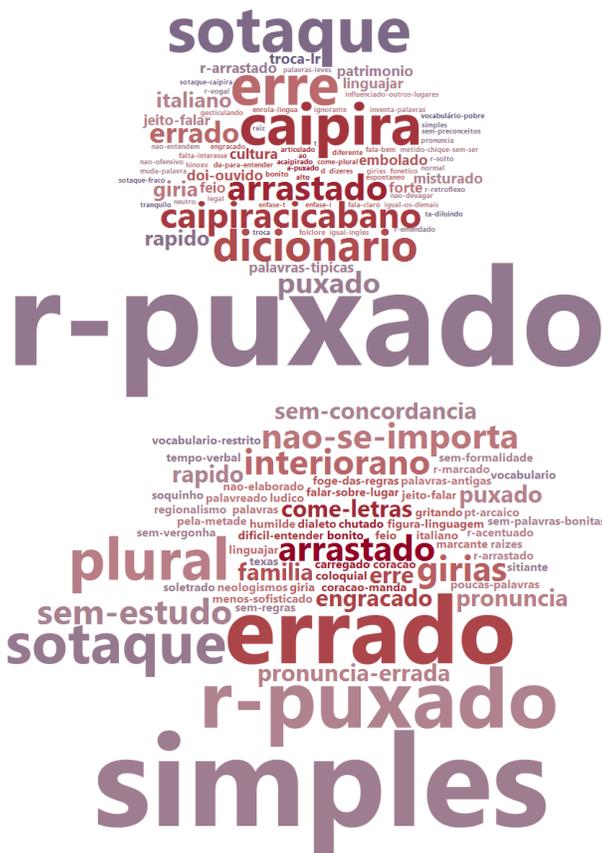
Na Subseção 3.2.2, observou-se que os piracicabanos são definidos principalmente pelo seu modo de falar. A Figura 3.12 apresenta, à esquerda, uma nuvem de palavras com os termos metalinguísticos usados pelos participantes para responder a pergunta “Como você acha que o piracicabano fala?”. O termo /r/ *puxado* (N = 19) é o mais frequente; nas respostas também aparecem os termos metalinguísticos: *erre* (N = 8), *arrastado* (N = 5), *puxado* (N = 4), *rápido* (N = 3), *italiano* (N = 3), *gíria* (N = 3), *troca de l por r* (N = 2), /r/ *arrastado* (N = 2), *palavras típicas* (N = 2), *forte* (N = 2) e *embolado* (N = 2). Observam-se alguns termos mais amplos como *sotaque* (N = 9), *caipira* (N = 8), *dicionário* (N = 6)⁸ e *caipiricabano* (N = 5).

A nuvem de palavras na Figura 3.12, à direita, mostra as respostas organizadas em palavras-chave à pergunta “O que é falar caipira?”. Algumas respostas mostram características linguísticas: /r/ *puxado* (N = 7), *gírias* (N = 3), *arrastado* (N = 3), *sem concordância* (N = 3), *rápido* (N = 2), *puxado* (N = 2), *pronúncia* (N = 2), *erre* (N = 2) e *come letras* (N = 2). Em comparação com o falar piracicabano, fazem-se mais

⁸ Aludindo ao dicionário *Arco, Tarco, Verva*, de Netto, 1988.

frequentes respostas que evidenciam características extralinguísticas (sociais e atreladas a estigmatização): *simples* (N = 11), *errado* (N = 8), *sem estudo* (N = 3), *não se importa* com a maneira que fala (N = 3), *interiorano* (N = 3), *pronúncia errada* (N = 2), *família* (N = 2) e *engraçado* (N = 2).

Figura 3.12: Nuvens de palavras com os termos metalinguísticos usados pelos participantes para responder as perguntas “Como você acha que o piracicabano fala?” e “O que é falar caipira?”, respectivamente



Fonte: elaborada pela autora.

Os dois excertos na sequência, (34) e (35), mostram as respostas de duas participantes, Gilda F. (F1O) e Magda R. (F2L), respectivamente, para a pergunta *O que é falar caipira?*. Observa-se que, em ambos os relatos, as participantes mencionam

características extralinguísticas. Gilda F. apresenta a falta de estudo como um fator para o falar caipira e Magda R. fala sobre uma origem mais “rural”.

- (34) S1: *caipira é que fala... quem não tem muito estudo né? e... eu/ eu sou caipira é... mas eu tenho estudo... mas assim que é mais simples no jeito de falar de não/ não fala aquelas palavras certinha mas... mas como eu posso dizer?... mais sofisticada assim... fala... fala mais gí/ mais gírias porque normalmente eles vieram do sítio né então eles... eles presa/ eles criam né umas coisas né*
- (35) S1: *ah... acho que falar caipira é não ter vergonha de de/ da nossa origem né? da nossa origem simples de povo que ficava na beira do rio... que cortava cana que... que... (xxx) da nossa cidade é is/ é essa né? essa coisa de... nas lavouras né? é isso*
D1: *uhum... sim*
S1: *caipira é isso*

As respostas para a pergunta “O que é caipira pra você?” mostraram que ser caipira vai além do sotaque. Dos participantes, 56 indicaram características comportamentais, de localização geográfica, de vestimenta, entre outras, para responder sobre o que é caipira. Apenas três participantes responderam essa pergunta salientando apenas o sotaque caipira. No total, 13 participantes falaram sobre o modo de falar caipira para caracterizar o caipira. Nota-se, portanto, uma diferença entre o *falar caipira* e o *ser caipira*.

No exemplo (36), Apolo A. (M2L) comenta que caipira é aquele que vive e trabalha no campo e que tem pouca escolaridade. O participante também diz que gosta de ser chamado de caipira.

- (36) D1: *ocê falou de do caipira né algumas vezes... eu queria saber o que que é caipira pra você*
S1: *uhum sim... caipira não no tom pejorativo mas eu acho que a pessoa assim do campo né que fica na... vamos dizer na como a gente falava antigamente na roça né você ficava na roça no campo é o caipira mas não num tom pejorativo a pessoa da raiz ali né que que planta que acorda cedo quatro hora da manhã a gente via né aqueles boia fria mesmo que chegava também... eh... eles eles acordavam às três uma coisa que eu até não entendia aquela coisa gelada cinco hora da manhã já estava almoça/ não cinco hora é chegava cinco nove horas da manhã estava almoçando*
D1: *nossa*
S1: *meio dia já tomava café um outro lanche falei “puxa vida pai mas eles almoça nove hora da manhã” ele falou “é porque eles estão cortando cana desde as quatro cinco hora né então”*
D1: *uhum*

S1: *é o famoso boia fria por isso que é o boia fria ele abria aquelas la/ não tinha nem marmitex nessa época eles levava um caldeirãozinho metálico alguma vez conseguia fazer um foguinho punha pra esquentar mas normalmente era gelado aquele arroz gelado feijão gelado ovo... que tinha não tinha muita coisa né... então é nessa parte que a gente fala até do caipira mas de um jeito... não... eh... menosprezando mas muito pelo contrário eu tenho orgulho*

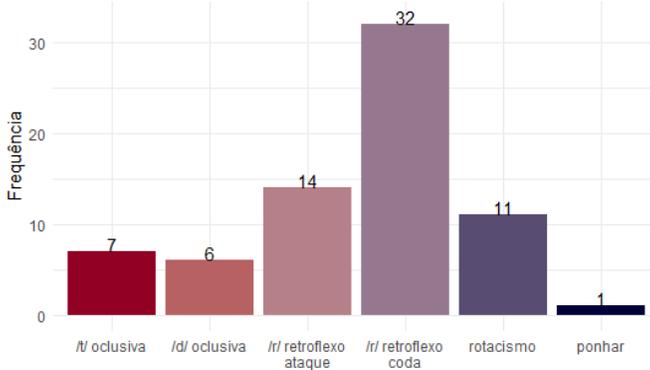
D1: *uhum*

S1: *(até) de ter nascido e meu pai sempre foi meu pai não tinha quarta série primária minha mãe também não meu pai foi difícil fazer a quarta série ele gostava de nadar no rio e já desde cedo já foi trabalhar né meu pai trabalhou na Dedini depois com dezessete anos foi pro sítio com os irmãos e a/ e fez o engenheiro de pinga tudo com dezessete anos ele já estava trabalhando pesado lá né sempre foi*

D1: *uhum*

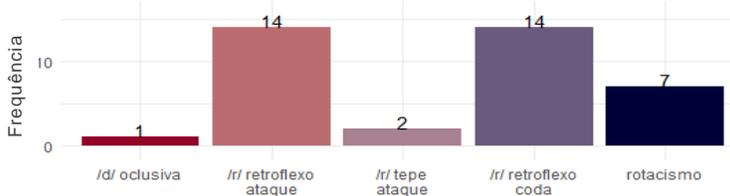
S1: *então é uma coisa até pra mim é... falar/ chamar de caipira acho/ eu tenho até orgulho não acho... me chama "ah vá seu caipira" eu falei "com muito orgulho" por mim não é pejorativo não é ofensa nenhuma chamar de caipira até gosto*

Figura 3.13: Variáveis em destaque a partir dos exemplos usados pelos participantes para responder a pergunta "Como você acha que o piracicabano fala?"



Fonte: elaborada pela autora.

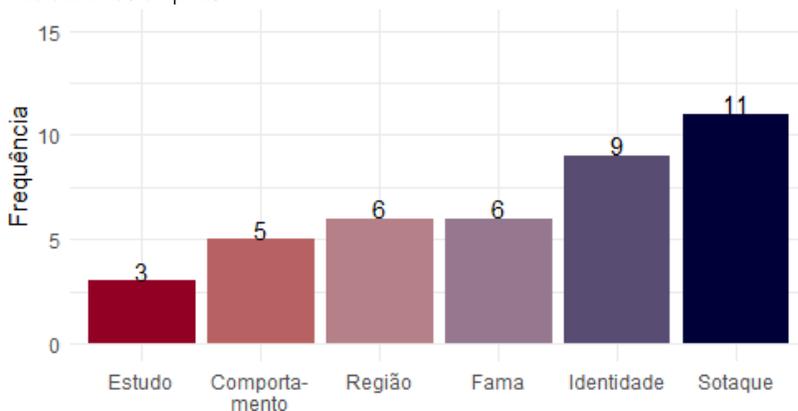
Figura 3.14: Variáveis em destaque a partir dos exemplos usados pelos participantes para responder a pergunta "O que é falar caipira?"



Fonte: elaborada pela autora.

As variáveis em destaque também apresentaram diferenças em suas frequências conforme as avaliações sobre o falar caipira e o falar piracicabano. A Figura 3.13 apresenta os resultados para as variantes codificadas para o falar piracicabano ($\chi^2 = 49,59(5)$, $p < 0,001$). Os participantes citaram principalmente o uso da variante aproximante retroflexa/pós-alveolar em coda silábica ($N = 32$), elencando-o como o maior caracterizador desse sotaque, seguido pelo uso da variante em ataque silábico ($N = 14$), rotacismo ($N = 11$), consoantes oclusivas [t] ($N = 7$) e [d] ($N = 6$), e com uma menção ao verbo “ponhar”. Para o falar caipira (Figura 3.14, $\chi^2 = 20,68(4)$, $p < 0,001$) os participantes apresentaram avaliações diferentes, citando tanto o uso da consoante rótica retroflexa em coda ($N = 14$) quanto em ataque ($N = 14$) para caracterizar a variedade caipira (não há diferença estatisticamente significativa entre /r/ retroflexo em coda e em ataque e rotacismo). Foram sete menções à realização de rotacismo, duas ao uso da variante tepe [ɾ] em ataque silábico e uma menção à pronúncia da consoante oclusiva [d]. Os participantes com 60 anos ou mais não citaram o uso de /r/ em coda para caracterizar o falar caipira.

Figura 3.15: Justificativas para as respostas afirmativas em “Você considera os piracicabanos caipiras?”



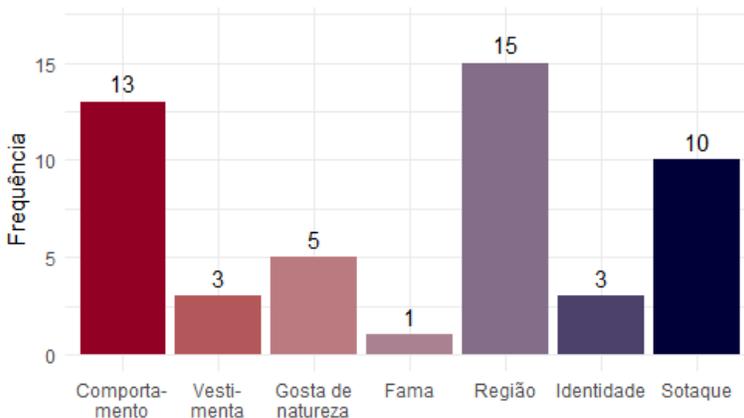
Fonte: elaborada pela autora.

Os participantes também foram questionados se consideram os piracicabanos caipiras; 38 participantes responderam afirmativamente, 15 negativamente, três disseram que consideram pouco e uma pessoa não soube responder. Das 38 respostas afirmativas, 15 participantes salientaram características específicas para considerar o

piracicabano caipira – como o modo de falar ou os costumes – e oito participantes evidenciaram uma versão positiva de ser caipira e que é uma característica que traz orgulho e prestígio ao piracicabano.

A Figura 3.15 mostra as justificativas para as respostas à pergunta “Você considera os piracicabanos caipiras?” ($\chi^2 = 6,2(5), p \approx 0,287$). Observa-se que a maioria das respostas indicam o *sotaque* (N = 11) e a *identidade* (N = 9) como principais fatores. A *localidade geográfica* também aparece como justificativa (na Figura como *região*, N = 6), juntamente com *fama* (N = 6), *comportamento* (N = 5) e *estudo* (N = 3). *Localidade geográfica* e *fama* são respostas similares, pois ressaltam um estereótipo presente no estado de São Paulo de que o interior paulista é caipira⁹. *Comportamento* engloba respostas que evidenciam certas atitudes e costumes caipiras que são mantidos em Piracicaba, como viver em um tempo diferente, com mais tranquilidade. As respostas justificadas com *estudo* indicam que os piracicabanos caipiras são aqueles com menos acesso a oportunidades de estudo.

Figura 3.16: Justificativas para as respostas afirmativas em “Você acha que você é caipira?”



Fonte: elaborada pela autora.

⁹ Optou-se por manter as duas categorias separadas, pois quando os participantes mencionavam a fama piracicabana eles mobilizavam julgamentos externos, e quando falavam sobre a região interiorana ser caipira, essa imposição externa não aparecia nas respostas.

Quando questionados se consideram eles mesmos caipiras, os participantes também responderam majoritariamente que sim (N = 38), 14 participantes responderam negativamente, seis expressaram que se sentem um pouco caipiras, três disseram querer ser, mas que não são, e uma pessoa não soube responder. As justificativas apresentadas pelos participantes para a pergunta “Você acha que você é caipira?” encontram-se na Figura 3.16 ($\chi^2 = 25,32(6)$, $p < 0,001$). Os participantes citam, principalmente, a *localização geográfica* (N = 15), o *comportamento* (N = 13) e o *sotaque* (N = 10) para se considerem caipiras (não há diferença estatisticamente significativa entre esses três aspectos). Outras justificativas aparecem, como *gostar de viver na natureza* (N = 5), se vestir como o caipira (na nuvem: *vestimenta* N = 3), ter uma *identidade* caipira (N = 3) e uma *fama* de ser caipira (N = 1).

Quando questionados se se identificam com o modo de falar caipira, os participantes responderam majoritariamente que sim (N = 41): 11 participantes disseram que se identificam um pouco, cinco responderam que não e uma pessoa não soube responder. A documentadora perguntou aos participantes não nascidos na cidade (de forma não sistemática) se se consideram piracicabanos ou não. A pergunta foi feita a 17 dos não nativos; 13 responderam afirmativamente e quatro disseram que não se consideram piracicabanos.

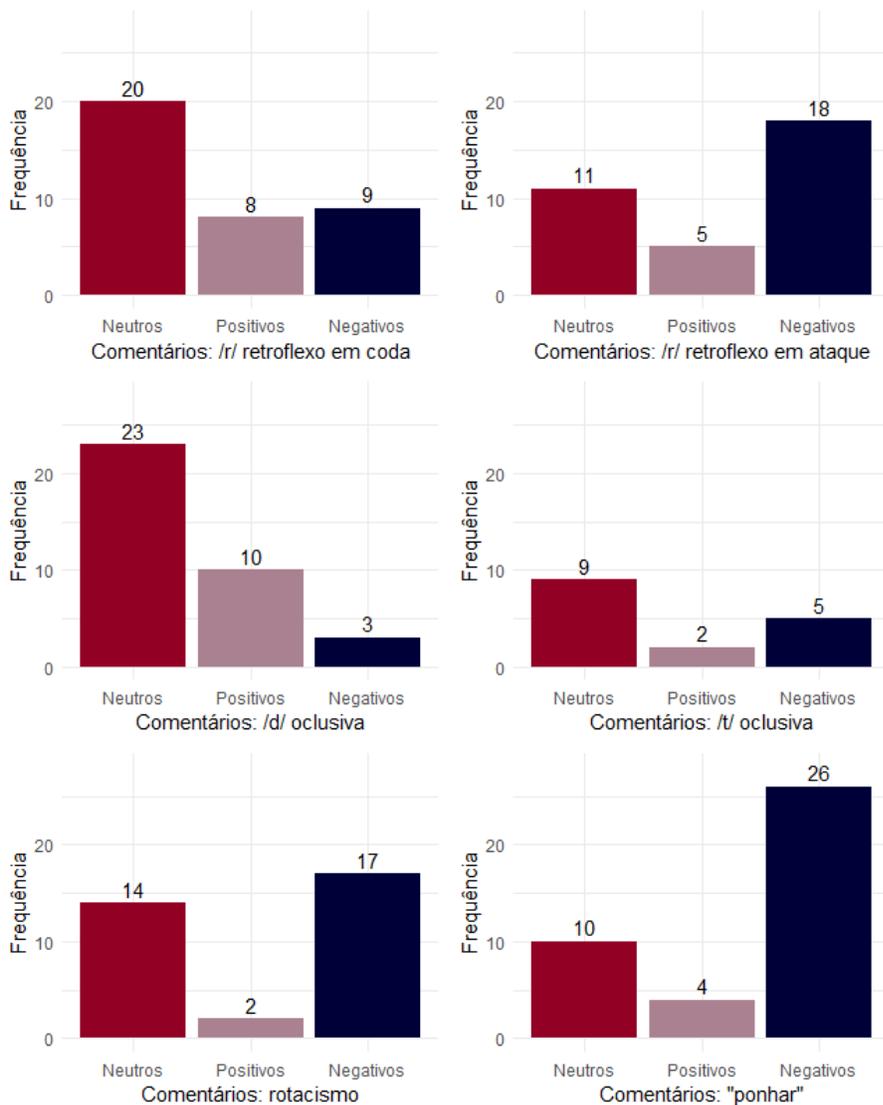
3.2.5 As seis variantes em destaque

As últimas seis perguntas do Roteiro (ver Roteiro, p. 114) mobilizavam as avaliações linguísticas dos participantes sobre seis variantes específicas (37):

- (37) a. /r/ caipira em coda silábica: “fecha a *po[ɾ]ta*”;
 b. /r/ caipira em ataque silábico, em “ele tem um *Cama[ɾ]o ama[ɾ]elo*”;
 c. rotacismo, em “esqueci a *bicic[ɾ]eta, descu[ɾ]pe*”;
 d. oclusiva alveolar [d], em “ele veio aqui *[d]e* manhã”;
 e. oclusiva alveolar [t], em “ele veio aqui de *noi[t]e*”;
 f. verbo *ponhar*, em “ela *ponhou* uma roupa bem bonita”.

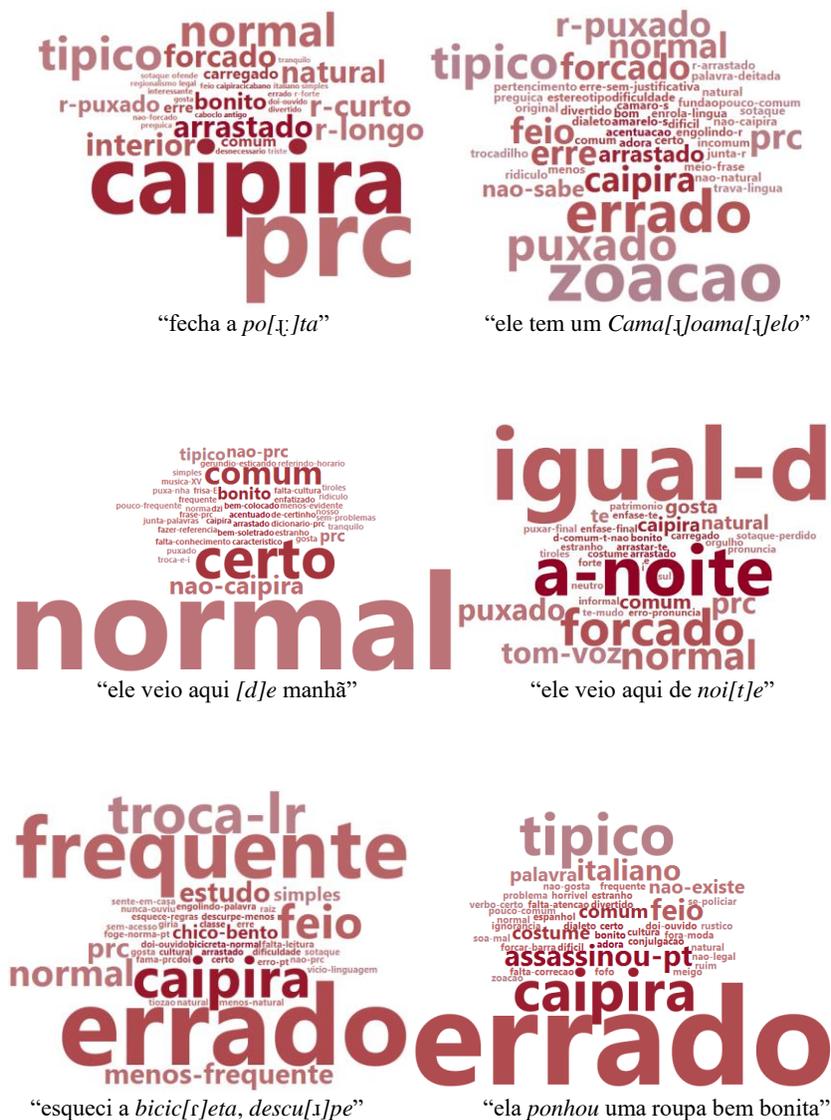
Para cada uma delas, perguntou-se “O que você acha desse modo de falar?”; “Quem fala assim?”; e “Você fala assim?”. A Figura 3.17 categoriza os comentários em neutros, positivos e negativos (ver os critérios na Seção 2.3) sobre as seis frases destacadas (37-a)-(37-f), e a Figura 3.18 contém os termos utilizados pelos participantes. Em todas as nuvens de palavras, *prc* corresponde à cidade de Piracicaba.

Figura 3.17: Comentários organizados a partir de valores positivos negativos e neutros para as sentenças (37-a)-(37-f)



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 3.18: Nuvens de palavras referentes às perguntas “O que você acha desse modo de falar” para as sentenças (37-a)-(37-f)



Fonte: elaborada pela autora.

Para a primeira sentença (37-a), conforme a Figura 3.18 (topo à esq.), os participantes avaliaram como uma característica *piracicabana* (N = 15), do *interior* (N = 4) e *caipira* (N = 13). A variante /r/ caipira foi reconhecida pelos participantes, com os metacomentários: *erre longo* (N = 4), *erre puxado* (N = 3), *erre* (N = 2), entre outros. Comentários como *típico* (N = 6), *normal* (N = 6), *natural* (N = 4), *nosso* (N = 2) e *comum* (N = 2) evidenciam uma normalização dessa variante para a comunidade. Outros comentários mostram que a pronúncia foi bem marcada, como *erre curto* (para evidenciar a duração da pronúncia, N = 4), *forçado* (N = 4) e *carregado* (N = 2). Alguns comentários indicam aspectos positivos da variante, como *bonito* (N = 3) e *gosta* (N = 2), entre outros; enquanto outros mostram uma certa estigmatização: *dói o ouvido*, *feio*, *errado*, *desnecessário* (N = 1 cada), entre outros. A partir da Figura 3.17 (topo à esq.), é possível notar que a maioria dos comentários para essa variante foram neutros (N = 20), e não houve predominância de comentários com juízo de valor positivos ou negativos ($\chi^2 = 7,19(2)$, $p \approx 0,027$).

A segunda sentença, com a variante /r/ caipira em ataque silábico, apresentou a maioria de comentários negativos (N = 18, ver Figura 3.17 (topo à dir.), $\chi^2 = 7,47(2)$, $p \approx 0,024$). A partir da nuvem de palavras na Figura 3.18 (topo à dir.), observa-se que os termos *zooção* (N = 7) e *errado* (N = 5) foram mencionados pelos participantes, seguidos de outros comentários pejorativos, como *forçado* (N = 3) e *feio* (N = 3). Os cinco comentários positivos para essa variante são de participantes com nível universitário completo. A variante também foi reconhecida pelos participantes (*puxado* N = 4, *erre puxado* N = 3, *erre* N = 3) e foi avaliada como *típica* (N = 4) da variedade local, *normal* (N = 3) e *comum* (N = 2).

A sentença em (37-d), com o uso da consoante oclusiva [d], apresentou predominância de comentários neutros (N = 23, ver Figura 3.17 centro à esq., $\chi^2 = 17,17(2)$, $p < 0,001$) com frequências menores para comentários positivos (N = 10) e negativos (N = 3). Na Figura 3.18 (centro à esq.), observa-se que a sentença foi classificada como *normal* (N = 16), *comum* (N = 4) e *certa* (N = 7). O uso da consoante [d] pareceu ser menos saliente nos metacomentários dos participantes, pois em diversos momentos foram indicadas outras características na pronúncia, como *frisar o 'e'* (N = 1), *puxar o 'nhã'* (N = 1), *trocar o 'i' pelo 'e'*, e apenas duas participantes, Stela P. (F1L) e Luna C. (F2N), fizeram metacomentários especificamente sobre a variável (*de 'certinho'* e [dʒ], respectivamente). O exemplo em (38) mostra um trecho da entrevista com Alan G. (M2O). O participante não atribui a sentença (37-d) ao falar piracicabano

e comenta a forma como o piracicabano falaria, não citando o uso da consoante [d], mas sim outras formações sintáticas e escolhas lexicais.

- (38) D1: *eh a próxima frase é “ele veio aqui [de] manhã”*
S1: *“ele veio aqui [de] manhã”... ah eu nã/ eu acho que não é de Piracicaba isso aí não*
D1: *não? da onde que é?*
S1: *não ah... é de cidade de fora*
D1: *é?*
S1: *é do... do interior de Minas assim*
D1: *aham*
S1: *“ele veio... aqui [de] manhã” não é de Piracicaba não*
D1: *aham... e como que seria o jeito piracicabano?*
S1: *ai... eu não sei “ele veio aqui [de] manhã” você falou né?*
D1: *aham*
S1: *ai “ele passou por aqui”... [alguém ajuda S1 com a resposta] “deu uma chegada aqui”*
D1: *ah legal... aham*
S1: *entendeu? é... é mais assim mas... nã/nã/não não tem um termo assim mais... eu acho que é mais assim “ele passou por aqui agora”*
D1: *aham sim*
S1: *“acabou de passar”*

O uso da consoante oclusiva [t] apresentou comentários semelhantes (ver Figura 3.18 (centro à dir.)). A maioria dos participantes respondeu que as avaliações para a sentença em (37-e) são os mesmos da sentença anterior (37-d) (na nuvem, essas respostas foram marcadas com a etiqueta *igual-d*¹⁰, N = 10). Alguns participantes indicaram o uso de outra preposição na sentença: *ele veio aqui à noite* (N = 7). Outros reconheceram a variante em destaque: *te* (N = 2) e *te mudo* (N = 1), entre outros. A sentença foi classificada como *forçada* (N = 5) e *puxada* (N = 3), mas também como *normal* (N = 4) e *natural* (N = 2). Na Figura 3.17 (centro à dir.), observam-se frequências muito similares entre os comentários neutros (N = 9), positivos (N = 2) e negativos (N = 5), sem diferença estatisticamente significativa entre eles. Os dois comentários positivos para a variante são de participantes entre 18 e 34 anos, e os cinco comentários negativos são daqueles com 60 anos ou mais.

O trecho em (39) é um recorte da entrevista com Vilma M. (F2L). A participante diz não considerar a sentença “ele veio aqui de noite” errada e que fala

¹⁰ Faz-se necessário esclarecer que as respostas etiquetadas como *igual-d* não necessariamente mencionavam o uso da consoante /d/, mas sim correspondem a comentários que diziam algo similar/ igual a “a mesma coisa da frase anterior”.

dessa forma. Observa-se que a participante indica o uso da preposição *a* em contraposição à preposição *de*.

- (39) D1: *e... “ele veio aqui [de] noi[te]”?*
S1: *também não acho/ não vejo diferença também ia falar do mesmo jeito “ele veio aqui [de] noi[te]” está errado?*
D1: *não*
S1: *então é de/ normal né*
D1: *normal*
S1: *“[dɨ] noi[tɨ]” ou “ele veio aqui à noi[tɨ]” não existe isso né não é “[dɨ] noi[tɨ]” eu vou falar “ele veio aqui [dɨ] noi[tɨ]”*

A sentença (37-c), com a ocorrência do rotacismo, apresentou mais comentários neutros e negativos, conforme a Figura 3.17 (abaixo à esq., $\chi^2 = 11,45(2)$, $p \approx 0,003$). Os comentários neutros e negativos obtiveram frequências similares (neutros: N = 14 e negativos N = 17, sem diferença estatisticamente significativa); e os dois comentários positivos sobre a variante são avaliações linguísticas de participantes do gênero masculino, nascidos em Piracicaba, residentes da região periférica, sem ensino superior completo e com a classificação socioeconômica média baixa. A partir da Figura 3.18 (abaixo à esq.), o comentário metalinguístico mais frequente foi uma pronúncia *errada* (N = 12). A variante foi atribuída a uma fala *caipira* (N = 6), de pessoas com pouca escolaridade (na nuvem: *estudo*, N = 3), *simples* (N = 2), e o personagem da Turma da Mônica *Chico Bento* (N = 2) também apareceu nos comentários, enfatizando um estereótipo caipira. Alguns participantes indicaram que esse modo de falar é *frequente* (N = 9) e outros disseram ser *menos frequente* (N = 3). A variante foi identificada pelos participantes: *troca de ele por erre* (na nuvem: *troca-lr*, N = 6).

Guto C. (MIC) distingue a realização do rotacismo retroflexo/aproximante do rotacismo com a variante *tepe*; o participante comenta que a faxineira que trabalha em sua casa não falaria *[ɸ]cu[ɪ]pa* porque é de São Paulo e que piracicabanos fariam *bicic[ɾ]eta* e não *bicic[ɹ]eta* (40).

- (40) S1: *‘bicic[ɾ]eta’ ‘bicic[ɹ]eta’ aí pra mim já remete uma coisa meio classe social assim né de ser... (xxx) né então*
S2: *verdade*
S1: *(a dona {R.}) falaria ‘bicic[ɹ]eta’*
D1: *uhum*
S2: *a dona {R.} fala bem ‘bicic[ɹ]eta’*
S1: *a faxineira que vem aqui de vez em quando*

S2: *ah eu tenho um amigo que ele é pesquisador*
 S1: *só que ela não falaria '[ð]cu[ɪ]pa' porque ela é de São Paulo mas ela falaria 'bicic[ɾ]eta'*
 S2: *não mas {G.} eu tenho um amigo aqui... o {R.} ele é pesquisador junto com a gente e ele fala...*
 S1: *é 'pob[ɾ]ema'*
 S2: *'pob[ɾ]ema'*
 S1: *'plo/ po/ problema'*
 S2: *(xxx) 'sem poble/ sem poblema sem poblema poblema sem poblema'*
 S1: *'poblema poblema'*
 S2: *tipo assim... e todas as vezes é/ sai que nem um tiro assim sabe está enraizado nele*
 D1: *aham*
 S2: *mas é de caipira num/ pode ter mas eu acho que realmente 'bicic[ɾ]eta' acaba soando mais como uma questão de... de nível educacional*
 S1: *é... deve ser a 'bicic[ɾ]eta' né não seria 'bicic[ɾ]eta'... 'bici/'*
 S2: *'bicicleta'*
 S1: *'bicic[ɾ]eta [ð]cu[ɪ]pe'*

A sentença com o uso do verbo *ponhar* (37-f) foi a que mais recebeu comentários negativos ($\chi^2 = 19,4(2)$, $p < 0,001$, ver Figura 3.17 abaixo à dir.). Há uma diferença estatisticamente significativa entre os comentários negativos (N = 26) e neutros (N = 10, $\chi^2 = 6,25(1)$, $p \approx 0,012$), e os poucos comentários positivos (N = 4) são de participantes residentes da periferia de Piracicaba. Conforme a Figura 3.18 (abaixo à dir.), observa-se que a sentença foi avaliada como *errada* (N = 3), *feia* (N = 3) e que *assassinou o português* (na nuvem: *assassinou-pt*, N = 3). A variante foi considerada *típica* (N = 6), *caipira* (N = 6) e como influência da língua *italiana* (N = 3).

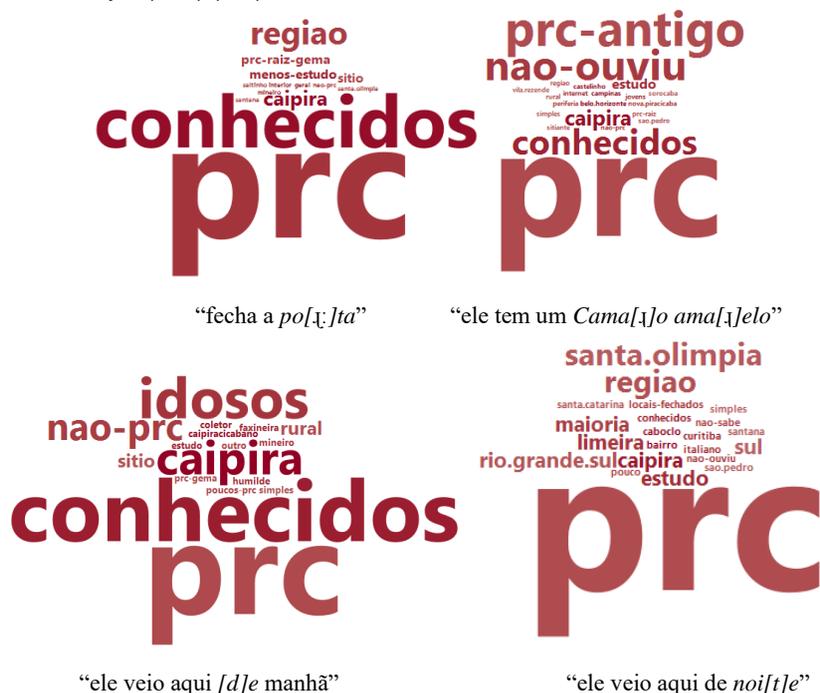
Além das avaliações gerais dos participantes sobre as sentenças (37-a)-(37-f), foi perguntado a quem os participantes atribuem esse modo de falar e se também falam dessa forma. A Figura 3.19 reúne nuvens de palavras para essas sentenças sobre quem fala desses modos.

A variante retroflexa em coda silábica foi atribuída à fala de piracicabanos (N = 25), a *conhecidos* dos participantes (N = 11), a pessoas da *região* de Piracicaba (N = 5) e aos *caipiras* (N = 3). Os participantes, majoritariamente, disseram falar dessa forma (N = 30); oito disseram que falam assim, mas de uma forma menos marcada (N = 8), dando a entender que se trata de uma pronúncia não alongada da consoante, 13 participantes disseram não falar assim e outros cinco indicaram que às vezes falam ($\chi^2 = 28,56(3)$, $p < 0,001$). Os participantes do gênero feminino disseram falar assim com maior frequência em comparação aos do gênero masculino (feminino N = 21, masculino = 9, $\chi^2 = 4,8(1)$, $p \approx 0,028$), e não há consenso entre os participantes da terceira faixa

etária sobre se eles falam desse modo ou não (sim N = 8, não N = 10), enquanto as outras faixas responderam majoritariamente que sim.

A sentença “ele tem um *Cama[ɫ]o ama[ɫ]elo*”, como mostra a nuvem de palavras na Figura 3.19 (topo à dir.), além de atribuída à fala de piracicabanos (N = 22), foi indicada como prototípica de piracicabanos antigos (na nuvem: *prc-antigo*, N = 7). Seis participantes a avaliaram como uma sentença nunca antes escutada (na nuvem: *nao-ouviu*), enquanto outros cinco disseram que a variante é proferida por *conhecidos*. A sentença também foi atribuída ao falar *caipira* (N = 3). Quando questionados se falam dessa forma ou não, os participantes responderam principalmente que não (N = 42); 10 pessoas responderam que sim, duas pessoas disseram que depende e uma disse falar menos ($\chi^2 = 131,53(5), p < 0,001$).

Figura 3.19: Nuvens de palavras referentes às perguntas “Quem fala assim?” para as sentenças (37-a)-(37-f)





“esqueci a *bicic[ɾ]eta*, *descu[ɹ]pe*”



“ela *ponhou* uma roupa bem bonita”

Fonte: elaborada pela autora.

Quanto à sentença com a consoante oclusiva [d], não houve consenso entre os participantes se falam desse modo ou não (sim N = 28, não N = 21, às vezes N = 2). Alguns participantes indicaram outras pronúncias: *[di] manhã* (N = 3) e *[dʒi] manhã* (N = 9). Além de associar esse falar ao piracicabano (N = 28, ver Figura 3.19 centro à esq.), os participantes disseram que seus *conhecidos* falam assim também (N = 7) e que é um falar geral (na nuvem: *todos*, N = 3).

A sentença “ele veio aqui de *noi[t]e*” também apresentou outras indicações de pronúncias pelos participantes. De modo geral, quando questionados se falam desse modo, os entrevistados responderam majoritariamente que não (N = 24), 16 responderam afirmativamente (sem diferença estatisticamente significativa entre sim e não) e uma pessoa não soube responder. Foram indicadas pelos participantes as formas: *à noite* (N = 5), *[dʒi] noi[ʃi]* (N = 4), *[di] noi[ti]* (N = 2), *noi[ʃi]* (N = 1), *[de] noi[ʃi]* (N = 1) e *ele esteve aqui à noite* (N = 1). A partir da Figura 3.19 (centro à dir.), observa-se que além de atribuir esse falar ao piracicabano (N = 19), os participantes indicaram que os residentes do bairro *Santa Olímpia* (N = 3) e da *região* piracicabana (N = 3) também falam assim.

A realização de rotacismo foi atribuída à fala de piracicabanos (N = 14), *conhecidos* (N = 9), *idosos* (N = 6), *caipiras* (N = 5), e houve menções a *não piracicabanos* (N = 4, ver Figura 3.19, abaixo à esq.). Os participantes disseram não falar dessa forma (N = 43) e poucos responderam que falam assim (N = 9), um participante disse que antes falava desse modo, mas que hoje não fala mais, e duas pessoas disseram que não falam *bicicreta*, mas que utilizam *descurpe* ($\chi^2 = 83,04(3)$, $p < 0,001$). Os nove participantes que

responderam afirmativamente são residentes da região periférica e sete deles são de classificações socioeconômicas mais baixas (C e D).

Por fim, o uso do verbo *ponhar* foi relacionado à fala tanto de piracicabanos (N = 10) quanto de *conhecidos* dos participantes (N = 10) e de *piracicabanos antigos* (N = 8), *caipiras* (N = 4), *sitiantes* (N = 3), pessoas *simples* (N = 3) e com pouco *estudo* (N = 3); três participantes disseram nunca ter ouvido essa forma (na nuvem: *nao-ouviu*). Participantes residentes da região periférica da cidade responderam que seus conhecidos e os piracicabanos mais antigos falam dessa forma (amigos, parentes e colegas de trabalho), enquanto os residentes da região central associaram esse modo de falar a sitiantes, pessoas mais simples, faxineiras, pedreiros e quem têm pouco estudo. No geral, os participantes disseram não usar esse verbo (N = 38); apenas seis participantes disseram falar assim, dois disseram que falam às vezes, dois afirmaram usam esse verbo para zoação e dois participantes expressaram que já falaram assim, mas que não falam mais.

A partir das respostas dos participantes sobre as variedades linguísticas piracicabana e caipira e sobre as variantes caipiras, nota-se que o sotaque piracicabano é saliente e utilizado na distinção de piracicabanos. Ao mesmo tempo em que o sotaque piracicabano recebe comentários que o valorizam, os participantes dizem mudar a forma que falam em situações mais formais e atribuem valores mais positivos a algumas variantes e não a outras – /r/ caipira em ataque silábico, rotacismo e uso do verbo *ponhar* recebem mais avaliações negativas em comparação às consoantes oclusivas [t,d] e ao /r/ caipira em coda silábica. Observam-se também diferentes avaliações conforme os grupos sociais, mostrando que o campo de avaliações não é aleatório.

3.3 Ressignificação e identidade

Durante as entrevistas, foram recorrentes as alusões a diferentes acepções do termo “caipira” e a uma certa identidade piracicabana, tanto por conta do próprio roteiro de entrevista quanto por parte dos falantes, que não raro discorreram longamente sobre esses assuntos. As Figuras 3.1 (p. 53), 3.15 (p. 83) e 3.16 (p. 84), assim como trechos de entrevistas vistos nas seções anteriores, mostram quantas vezes a identidade foi citada nos discursos dos participantes.

O participante Tadeu S. (M2C), nos trechos em (41), discorre a respeito dessa identidade em dois momentos distintos da entrevista.

(41) a. D1: *e bom você acha que Piracicaba é diferente das cidades vizinhas?*

S1: *ah sim... popo/ em alguns aspectos sim tem muitas similaridades né como eu já disse antes mas sim tem/ tem uma aura... uma identidade própria muito forte essa questão do/ do caipira né vamos vamos dizer assim que é um orgulho da cidade é uma identidade... é uma... é uma/ uma das caras da cidade mas é uma das coisas que/ que realmente... esse orgulho essa apropriação dada da questão dododo do... caipira eu coloco na melhor das das ahn das formas né é muito bonita é muito interessante e isso difere realmente um pouco das/ das cidades vizinhas*

b. D1: *você considera os piracicabanos caipiras?*

S1: *não todos né mas esses que se identificam e que/ que mantêm essa/ com orgulho... sim sim... de novo repetindo*

D1: *legal*

S1: *a o/ a maneira positiva né de falar do caipira não aquela que se fala assim de ser atrasado que as pessoas às vezes falam caipira como uma/ como uma coisa atrasada ou como um simplório na na numa maneira pejorativa então... não dessa maneira da maneira positiva da da herança cultural de de manter isso*

Tadeu S., que é o participante que mais fala explicitamente sobre o assunto, trata de uma apropriação e de uma forma não pejorativa do termo “caipira” por parte dos piracicabanos. Gilson A. (M1S), no exemplo em (42), comenta que é inerente ao piracicabano ser caipira. O participante cita o termo “caipiricabano”, dizendo que caipira faz parte da cultura de Piracicaba, como uma raiz. É interessante notar como, em sua resposta, Gilson A. também apresenta uma visão não depreciativa do caipira.

(42) D1: *e você considera os piracicabanos caipiras?*

S1: *ah está no DNA do caipiricabano né? ah... é... ah... algumas pessoas hoje em dia pode ver isso de uma forma pejorativa... mas é... é da onde a gente é da nossa/ nossa cultura que é/ é pra/ é da terra não tem porquê o pessoal negar essa raiz é que o pessoal hoje leva muito pro lado (pejorativo) das coisas... né? eh... vai no sentido depreciativo da palavra mas sim... nós somos sem medo nenhum disso*

A participante Sonia R. (F2C), quando questionada se considera os piracicabanos caipiras, também fala a respeito de um lado positivo do caipira. Sonia R. comenta que os piracicabanos não têm vergonha de ser caipira e que o dialeto é um orgulho para a cidade (43). *Vergonha* também apareceu no relato de outros participantes (ver: exemplos (6), p. 54, e (14), p. 62, e Figura 3.4, p. 60).

- (43) S1: *caipira assim do do lado vou pegar do lado positivo né que mantém o sotaque tudo... ah sim... sim... sim*
 D1: *uhum*
 S1: *a gente já não tem essa questão da vergonha “ai tenho vergonha” não eu acho que... eh... eh tem... por exemplo você ter orgulho de dizer “ah eu sou de tal cidade tal” “ah é lá que se fala assim assim tal” então... eu estou percebendo que está voltando esse... orgulho você não vai esconder as suas origens... então acho que o piracicabano mesmo né... que nem a gente... ta/ né... tem... coloca um vernizinho tem hora mas quem... é o piracicabano mesmo ele não tem como... ahn esconder... é ele*

Igor A. (M2S, S1) e sua esposa Wanda O. (F2S, S2) comentam a mudança na forma de considerar o “caipira”, afirmando que, em sua história, “caipira” era visto como algo ruim, e que atualmente essa característica é algo que orgulha o piracicabano. Wanda O. questiona a identidade piracicabana, sendo que, em sua visão, “caipira” é oposto a “urbano”, logo, o piracicabano identificar-se como caipira é contraditório, pois Piracicaba é uma cidade bastante urbanizada. Igor A. complementa argumentando que é a fama que a cidade tem, e portanto, um motivo de orgulho (44).

- (44) D1: *que que é caipira pra vocês?*
 S1: *assim antigamente era uma... uma questão pejorativa né o caipira era o cara atrasado era o cara sem cultura era o cara... analfabeto era... é totalmente pejorativo*
 S2: *(xxx) não existe sem cultura*
 S1: *eh... é exatamente não existe sem cultura né*
 S2: *isso não existe*
 S1: *porque todo mundo tem uma cultura né mas era pejorativo... mas depois de um certo tempo acabou virando moda entre aspas... por conta de no interior do estado de São Paulo... ahn é uma das regiões mais prósperas do país né... assim... interior de São Paulo é... assim... é mais desenvolvido então acabou assim fugindo um pouco esse caipira... deixou um pouco de ser pejorativo porque ele se tornou importante né... (xxx)*
 S2: *eh eu acho que caipira pra mim conceitualmente... é o oposto ao ao ao homem urbano... né que a identidade cultural do homem urbano não é nem não é nem eh atrasado e nem adiantado é é uma oposição ao modo urbano de viver é o modo caipira né mais*
 S1: *é como o caiçara né*
 S2: *é*
 S1: *é a ver/ é*
 S2: *pra mim é isso*
 D1: *uhum*
 S1: *mas a e mas é uma contraposição até a gente falar que de Piracicaba tem essa identidade caipira porque eh... eh e tem né... assim pelo menos assim se tenta né vender essa imagem... que Piracicaba/ mas não e o caso do homem ur/ do do*

piracicabano urbano que ele já tem um jeito de de piracica/ totalmente urbano mesmo né

S1: *é (xxx)*

S2: *não tem mais nada a ver com aquele homem caipira isso é só uma imagem que se vende né na televisão na... por aí que Piracicaba é*

S1: *virou uma marca registrada da cidade*

S2: *é mas não/ na na na na no cotidiano não é né*

S1: *é*

S2: *claro que existe as populações rurais ainda né que conservam alguma coisa disso mas*

S1: *é porque assim*

S2: *independente se é aqui em Piracicaba*

S1: *culturalmente falando... a a gente pode definir como Piracicaba eh... é uma cidade ur/ das cidades urbanas é a cidade mais... caipira... do país... essa imagem de uma cidade caipira né*

D1: *sim*

S1: *e ficou a fama né... ficou a fama aí... de certa forma antigamente a gente não gostava disso hoje a gente até gosta*

Igor A., no trecho em (45), comenta que a identidade do piracicabano é o que torna Piracicaba diferente das cidades vizinhas. O participante fala sobre o hino da cidade, sobre o Clube de Futebol XV de Novembro e sobre o dicionário *Arco, Tarco, Verva* (Netto, 1988), entre outros aspectos, como impulsionadores desse orgulho e dessa identidade.

- (45) S1: *é que assim eu vejo assim Piracicaba ela ela assim ela eh... ela tem uma ide/ eh um a identidade de Piracicaba... ela... diferencia das outras... de muitas outras cidades no no interior do estado de São Paulo... identidade principalmente cultural histórica... e até dialeto essa coisa do caipira de... eh... e a identidade que a população tem com a própria cidade né até a até o hino da cidade fala "Piracicaba que eu adoro tanto" né essa questão... de paisagem também então tem coisas em Piracicaba que são só aqui assim... que não que as outras cidades não tenham mas por exemplo a Rua do Porto Salto a Esalq que são assim lugares realmente diferenciados que... que se destacam né com/ como cidade... você pega algumas outras cidades até do mesmo porte não tem... uma coisa ta/ tão significativa quanto um rio... um salto... assim essa toda essa região... ahn cultural pitoresca né*

Outros participantes também salientam aspectos de uma certa identidade piracicabana, comparando-a com a de outras cidades. Para fins de exploração, o exemplo em (46) foi retomado da Seção 3.1. Nele, Nilce S. (F1C) discorre sobre um apego que o piracicabano tem com a cidade, algo que ela não vê em outras cidades, como Campinas. Vagner M. (M2S), em (47), comenta sobre como outras cidades do

interior paulista também são caipiras, mas que é o piracicabano que se assume enquanto tal.

- (46) S1: *a questão do apego à própria cidade sabe eu não sinto um campineiro feliz por ser campineiro entende? [...] eu acho que Piracicaba tem isso assim tem um apego com a história em vários em vários comércios que a gente vai tem foto da da antiga de Piracicaba né... eh... você conversa com as pessoas mais velhas sempre tem uma história “ah porque eu descia o rio de bóia” então assim... tem uma coisa assim da própria integração do território de Piracicaba né... é dele dele ser uma um... de fazer parte da vida das pessoas*
- (47) D1: *e você considera os piracicabanos caipiras?*
S1: *eu considero... todos*
D1: *uhum*
S1: *até que me provem ao contrário [risos S1]*
D1: *aham sim... e você se iden/*
S1: *mas o*
D1: *pode falar*
S1: *eu acho que todo DDD zero dezenove é caipira né... só que... tem/ tem uma galera que tem um pouco mais de vergonha de/ de assumir né? eu acho que o piracicabano tem um pouco mais orgulho de falar que é caipira e/ e isso é bonito*

Por fim, também se retoma um excerto da entrevista de Apolo A. (M2L), já destacada na Seção 3.2.4. O participante relaciona a imagem do caipira a uma imagem positiva, evidenciando que, quando o chamam de caipira, ele sente orgulho.

- (48) S1: *então é nessa parte que a gente fala até do caipira mas de um jeito... não... eh... menosprezando mas muito pelo contrário eu tenho orgulho*
D1: *uhum*
S1: *(até) de ter nascido e meu pai sempre foi meu pai não tinha quarta série primária minha mãe também não meu pai foi difícil fazer a quarta série ele gostava de nadar no rio e já desde cedo já foi trabalhar né meu pai trabalhou na Dedini depois com dezessete anos foi pro sítio com os irmãos e a/ e fez o engenho de pinga tudo com dezessete anos ele já estava trabalhando pesado lá né sempre foi*
D1: *uhum*
S1: *então é uma coisa até pra mim é... falar/ chamar de caipira acho/ eu tenho até orgulho não acho... me chama “ah vá seu caipira” eu falei “com muito orgulho” por mim não é pejorativo não é ofensa nenhuma chamar de caipira até gosto*

Diversos outros participantes relacionaram essa possível identidade piracicabana a visões positivas do caipira, fazendo coro aos trechos pormenorizados nesta Seção. Observa-se que os participantes, ao se referirem ao caipira, buscam uma

ressignificação do termo, mencionando sempre o lado “bom” do caipira e não uma versão pejorativa. O caipira faz parte da identidade piracicabana e em muitos relatos é usado para distinguir Piracicaba de outras cidades.

3.4 Discussão

Nos resultados apresentados, principalmente na Seção 3.1, observa-se a forma como os participantes estabelecem diversas relações com a cidade de Piracicaba. De modo geral, eles afirmam gostar de morar na cidade, algo que pode ter sido motivado pelo fato de saberem que a entrevista era sobre a cidade, de modo que já a iniciavam citando aspectos positivos de residir em Piracicaba. Como lembra Oushiro (2019b), “não negar as raízes” é uma expectativa social, uma regra que nossos participantes parecem seguir.

A cidade é vista como um polo referencial para as cidades vizinhas e, quando comparada a cidades maiores como Campinas e São Paulo, os participantes salientam aspectos de tranquilidade em Piracicaba. Nessas avaliações, aparecem aspectos positivos e negativos e relações de pertencimento e distanciamento. Os conflitos observados em ser uma cidade do interior com características de cidade grande são compreensíveis considerando as mudanças ocorridas em Piracicaba nas últimas décadas. Conforme explicitado na Introdução, Piracicaba teve um crescimento populacional alto nesse período, passando de pouco mais de 100.000 habitantes nos anos 1970 para 410.000 (IBGE, 2021) quarenta anos depois.

As observações dos participantes demonstram que eles reconhecem as mudanças na cidade, assim como os participantes de Carreão (2018), que falam sobre o estabelecimento de empresas como um fator de mudança na cidade. Exemplos pormenorizados na Seção 3.1 mostram como os participantes avaliam essas mudanças tanto para o lado positivo quanto para o lado negativo. Gian S. (M1S) comenta que não existe mais zona rural na cidade. Essa avaliação condiz com a realidade em termos demográficos, pois a população rural piracicabana atualmente é pequena comparada à população urbana; mas em termos territoriais, o município é grande, com uma área urbana bastante concentrada e vários espaços rurais.

Os comentários de Clara B. (F1O) e Andre T. (M1L), na mesma Seção, também mostram conflitos entre as percepções populares e os dados

sociodemográficos. Ambos os participantes discorrem sobre mudanças na cidade e a manutenção de tradições interioranas. As evidências do estabelecimento de indústrias, aumento populacional, entre outros, conflitam com o senso comum que estabelece Piracicaba como uma cidade “caipira” – por extensão, rural, pequena e interiorana.

Também na Seção 3.1, os participantes citam uma relação que o piracicabano tem com a cidade enquanto espaço. As relações com o rio de Piracicaba, o Clube de Esporte XV de Piracicaba, as tradições, os espaços turísticos, evidenciam o orgulho que o piracicabano tem de residir na cidade. E esse orgulho, em diversos momentos, surge atrelado ao caipira. É natural que todos os participantes reconheçam mudanças na cidade, e nas suas respostas é possível perceber uma manutenção de características identitárias e uma valorização de características “boas” de ser caipira.

Nas avaliações, observa-se uma imagem de caipira ainda muito similar ao seu estereótipo: o personagem Chico Bento, morador rural, com pouco estudo. Ao mesmo tempo, os participantes recorrem a afirmações que significam o caipira “na melhor das formas”. O dialeto caipira e os costumes caipiras mencionados embasam as noções de uma identidade piracicabana que se estabelece enquanto manutenção dessas características. Porém, não se trata de qualquer caipira, especialmente o caipira *atrasado, ignorante*, mas sim do caipira *simples, que vive no interior e preserva certos costumes e tradições*. Diversos participantes salientam que em Piracicaba não há vergonha, pois seus residentes se assumem caipiras, diferentemente dos habitantes das outras cidades do interior.

Essa apropriação do caipira mostra-se diferente em Piracicaba em comparação com outros estudos¹¹ sobre a fala no interior paulista destacados no Capítulo 1. Essa identidade *caipiracicabana*, como mencionam diversos participantes, pode atuar na avaliação que os participantes têm da variedade linguística de Piracicaba, com algumas variantes caipiras tidas como normais, comuns, típicas.

Embora o falar caipira não seja avaliado como uma característica apenas piracicabana, uma vez que os participantes também atribuem o dialeto a outras cidades do interior paulista, o sotaque se estabelece como um grande definidor dos piracicabanos, conforme descrito na Seção 3.2.2. No geral, os piracicabanos afirmam reconhecer e ser reconhecidos por outras pessoas, em outras cidades, justamente por seu modo de falar.

¹¹ Carreão, 2018; Espírito-Santo, 2019; Picinato, 2018; Plaza, 2019.

É interessante observar como os moradores não nativos de Piracicaba são reconhecidos como piracicabanos da mesma forma que os nascidos na cidade. Essa constatação pode mostrar o poder de influência que a identidade piracicabana exerce naqueles que vivem no município. Fato interessante é que os não nascidos em Piracicaba também atribuem essa identidade a si próprios. E todos os participantes também se consideram caipiras.

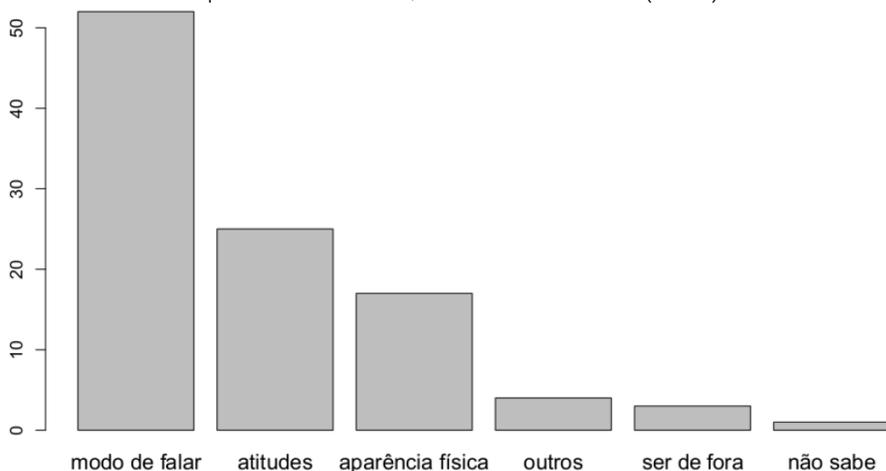
O trecho da entrevista com Igor A. (M2S) e Wanda O. (F2S), na Seção 3.3, evidencia uma certa contradição entre o que é considerado caipira, a realidade piracicabana e a identidade atribuída a Piracicaba. No entanto, o casal identifica o papel da mídia na manutenção dessa identidade. Outros participantes também mencionam a *fama* que a cidade tem de ser e falar caipira.

Anjos¹² discorre sobre a importância da mídia na elaboração e manutenção de identidades: “os produtos da comunicação de massa, por exemplo, os jornais, são fundamentais na e para a construção de identidades culturais e memórias sociais desde a modernidade, quiçá na contemporaneidade”. Menções às reportagens sobre o caipiricabano, à música sertaneja, ao dicionário *Arco, Tarco, Verva* (Netto, 1988), ao hino popular do XV de Piracicaba são recorrentes nas entrevistas, e esses fatores podem auxiliar na manutenção dessa identidade piracicabana.

O sotaque de Piracicaba é citado por todos os participantes, muitas vezes antes das perguntas que explicitam o objeto da pesquisa. Oushiro (2015b), em sua pesquisa sobre o português paulistano, apresenta perguntas similares em suas entrevistas; ao questionar seus participantes se são reconhecidos como paulistanos, a autora também observou que o modo de falar é o aspecto mais mencionado na capital paulista. No entanto, seus participantes mobilizam com maior frequência outros aspectos (ver Figura 3.20, a seguir), como características físicas e comportamentais, as quais, comparativamente, são pouco citadas pelos piracicabanos (ver Figuras 3.6 e 3.7, p. 68).

¹² Anjos, 2017, p. 54.

Figura 3.20: Respostas à pergunta “Quando você estava em X, as pessoas te reconheciam como paulistano? Como?”, do estudo de Oushiro (2015a)



Fonte: Oushiro, 2015a, p. 316.

Mesmo o sotaque sendo parte da identidade piracicabana, observa-se uma estigmatização da variedade linguística caipira. Os participantes dizem mudar a forma como falam em situações mais formais e outros demonstram um afastamento desse estereótipo, alterando seu modo de falar para não serem classificados como caipira. A fala caipira fica destinada a encontros com amigos e familiares, associada ao afeto. Os comentários sobre as variantes observados durante as entrevistas mostram que mesmo a identidade sendo um fator de possível manutenção das variantes, o estigma está bastante presente, até mesmo em comentários de preconceito linguístico e de mudanças na forma de falar em situações mais formais.

Nas avaliações, observa-se o mesmo padrão de Espírito-Santo (2019), de apropriação do “lado bom” do caipira. E mesmo com os participantes apresentando noções de Piracicaba como uma cidade não mais tão interiorana¹³, a visão do caipira é mantida e valorizada pelos participantes.

Observam-se alguns conflitos de identidade nas entrevistas, em que certas características caipiras e linguísticas são mantidas para preservar e reafirmar uma identidade caipiracicabana, enquanto outras são desconsideradas e recebem avaliações

¹³ Mesmo padrão observado por Carreão, 2018, e Plaza, 2019.

negativas. Esses conflitos de identidade são encontrados não apenas entre os participantes, mas também nas entrevistas individuais, nas quais um mesmo participante comenta negativamente um aspecto caipira e em outro momento afirma a importância da manutenção dessa mesma característica.

Quando questionados sobre o falar caipira, os participantes indexaram termos que representam características sociais, como *simplicidade, menor grau de escolaridade, errado, pessoas mais velhas, mais rurais*. Por outro lado, para falar sobre o piracicabano, foram indexados termos (meta)linguísticos: *erre, erre puxado, arrastado, rápido, gírias* etc. Assim, é possível observar indícios de algumas diferenças entre os campos indexicais (Eckert, 2008) do falar piracicabano e do falar caipira. Estudos futuros podem pormenorizar esses aspectos, reconhecendo e evidenciando essas nuances entre os campos indexicais.

Quanto à definição de sotaque, observa-se que o nível fonético é o mais presente nas avaliações, e os principais exemplos são com o uso das consoantes aproximantes [ɹ, ɻ] em coda silábica. A ampla menção à pronúncia de /r/ corrobora com a noção da saliência da variável¹⁴. É possível reconhecer essa variante como um estereótipo para essa comunidade de fala, assim como propõe Leite (2010) para Campinas. Todos os participantes avaliam o uso de /r/ caipira como a principal característica do dialeto. Apenas uma participante, Alice R. (F3S), não citou o uso de /r/ retroflexo espontaneamente. Quando questionada sobre como os piracicabanos falam, depois de um tempo procurando por uma resposta, a neta da participante, que acompanhava a entrevista, fala sobre a variante.

Também foram observados na avaliação dos participantes graus de retroflexão; em diversos momentos os participantes falam em um uso de /r/ mais curto ou mais longo, mais forte ou mais fraco, um sotaque mais fraco ou um sotaque mais forte etc. Assim como observado por Soriano e Mendes (2016), em experimento de percepção entre moradores da cidade de São Paulo, os participantes desta pesquisa também notam diferenças entre graus de retroflexão, o que revela que os diferentes graus são socialmente salientes.

¹⁴ Cf. Oushiro, 2015a; Soriano; Mendes, 2016, entre outros.

No contexto de coda silábica, é interessante notar como o uso da variante aproximante [ɹ] é contrastado com a variante fricativa aspirada [h] e não com a variante tepe [r], que é comumente usada em variedades linguísticas mais próximas a Piracicaba¹⁵.

Todos os contextos linguísticos de uso de /r/ mostraram-se bastante salientes: /r/ em coda silábica, /r/ em ataque silábico e rotacismo são amplamente mencionados para caracterizar o falar piracicabano e caipira. Ao lado da frequente menção ao uso de /r/ em coda, os participantes mobilizam outros fenômenos da língua, muitos dos quais não estão presentes apenas na variedade linguística piracicabana, como a concordância não padrão, amplamente observada por todo o território brasileiro.

A consoante oclusiva [t] foi alvo de comentários metalinguísticos, principalmente com a sentença cristalizada *leite quente*. No entanto, não foram todos os participantes que a mencionaram e, nas perguntas de avaliação sobre a variante, muitos indicaram outros aspectos, como o uso da preposição *a*, como em *à noite*. O mesmo aconteceu com a variante oclusiva [d], que foi contrastada com outros usos. Retome-se a fala da participante Maisa B. (F3L):

- (49) S1: *agora o que Piracicaba tem bastante é o sotaque forte né de... é que nem... eh que nem eles tira/ eles tiravam muito sarro de mim do meu sotaque de Tietê quando vim pra cá... porque eu falava... eh... 'hoje [de] tar[ɖɹ] 'né*
D1: *aham*
S1: *ao invés de falar 'à tar[ɖɹ] eu falava '[de] tar[ɖɹ]'*

A participante utiliza as duas variantes, africada [ɖɹ] e [d], na mesma sentença. Em seus comentários, Maisa B. contrasta o uso da preposição *de* com a preposição *a*. Em outros momentos a consoante também aparece nos exemplos, mas não nos metacomentários. Desse modo, infere-se que se trata de um marcador linguístico para essa comunidade de fala.

As análises também revelaram diferenças de avaliação de acordo com suas características sociodemográficas. A variável social *gênero* apresentou diversos resultados interessantes. A partir da bibliografia da área, observa-se que, em centros urbanos, mulheres tendem a ter uma fala mais inovadora (Leite; Callou, 2002), empregando geralmente formas de prestígio (Oushiho, 2015a). Indo de encontro ao esperado, as mulheres citaram mais o uso da consoante oclusiva [d] em relação aos homens, evidenciando a saliência da variável para as mulheres, que também são aquelas

¹⁵ Cf. Carreão, 2018, entre outros.

que comentam suas pronúncias africadas [dʒ, dʒ]. No entanto, em alguns resultados, as mulheres apresentaram autoavaliações mais conservadoras, dizendo que pronunciam mais a variante /r/ caipira em coda silábica, ao passo que os homens indicam outras variantes para o /r/ em coda [r, h] (ver exemplo (29), p. 78).

De modo geral, os participantes avaliam que o modo de falar mudou e que as gerações mais novas falam menos caipira, mas diferenças geracionais são notadas nas avaliações. Os mais velhos citam igualmente o uso de /r/ em coda e em ataque para caracterizar o caipira, enquanto os mais novos quase não citam o uso de rotacismo, mas mencionam frequentemente as consoantes oclusivas [t,d]. Essas avaliações condizem com resultados de produção linguística. Morelli (2019) observou uma mudança em progresso para a realização de rotacismo e de /r/ retroflexo em ataque, aparecendo majoritariamente na fala de seus participantes mais velhos, e outros estudos no interior paulista¹⁶ mostram que as consoantes oclusivas estão mais presentes na fala de mais velhos. A partir dos resultados, infere-se que os mais velhos avaliam as variantes mais negativamente em comparação com os mais jovens; os comentários negativos para a consoante oclusiva [t] são da terceira faixa etária, e os participantes das duas primeiras faixas etárias dizem usar a variante aproximante [ɹ] em coda silábica, enquanto não há consenso entre aqueles com 60 anos ou mais. Esse distanciamento das variantes caipiras (e estigmatizadas) por parte dos falantes mais velhos vai ao encontro do que observou Labov (2008 [1972]): os falantes que mais produzem as variantes estigmatizadas são aqueles que tem avaliações subjetivas negativas para essas variantes.

Os participantes não notam diferenças linguísticas quanto aos bairros e zonas de Piracicaba; as avaliações mostraram diferenças entre as regiões periféricas e o centro. Os participantes que dizem realizar o rotacismo são os residentes da periferia da cidade. Os residentes centrais avaliam o verbo *ponhar* como parte da fala de trabalhadores em cargos menos favorecidos, como faxineiras e pedreiros; já os residentes periféricos avaliam esse verbo como parte da fala de seus conhecidos, amigos e familiares, e os poucos comentários positivos para essa variante são desse grupo.

Mesmo que os participantes considerem haver diferenças na produção linguística de falantes de acordo com sua classe social, a classificação socioeconômica dos participantes, de modo geral, não mostrou diferenças marcantes entre as avaliações de falantes de classificações mais altas ou baixas, salvo que os falantes de classificações

¹⁶ Cf. Carreão, 2018; Plaza, 2019, entre outros.

socioeconômicas mais baixas afirmaram não notar diferenças ao longo do tempo na fala piracicabana e realizar rotacismo.

Os resultados da análise sistemática das avaliações dos residentes de Piracicaba mostram, desse modo, que diferentes traços linguísticos, ditos “caipiras”, apresentam diferentes graus de saliência e estigma, assim como múltiplos significados sociais a eles atrelados. Ao mesmo tempo, as avaliações são também variáveis a depender do perfil sociodemográfico do falante – mas, assim como em análises de produção, podem ser entendidas como heterogeneamente ordenadas, ou seja, não aleatórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Piracicaba tem grande destaque no imaginário do paulista. A cidade é reconhecida e destacada como prototípica do falar caipira e como conservadora dos costumes caipiras.

Esse senso comum aparece na avaliação dos próprios piracicabanos, que assumem uma identidade caipiracabana que os diferencia dos residentes de outras cidades do interior. No entanto, não é uma visão de caipira como dita o senso comum, pautada em noções de falta de escolaridade e de pessoas atrasadas, mas sim em um caipira que gosta de tradições e costumes, que mantém um estilo de vida simples e mais tranquilo e que preserva e assume certas variantes linguísticas consideradas caipiras.

As análises sobre as variantes analisadas mostraram que algumas delas recebem mais comentários negativos do que outras e que algumas podem estar abaixo do nível de consciência. As variantes /r/ retroflexo em ataque, rotacismo e uso do verbo *ponhar* receberam vários comentários negativos, e os participantes as julgaram como estereotipadas e forçadas. Já as variantes oclusivas /t,d/ receberam avaliações mais neutras, mas não apareceram muito nos discursos metalinguísticos, podendo ser classificadas nos moldes labovianos como marcadores sociais. O uso de /r/ retroflexo mostrou-se bastante saliente, e os participantes reportaram usar diferentes graus de retroflexão.

A identidade mostrou-se um fator recorrente nas entrevistas, na qual os participantes se apoiavam para justificar certas maneiras de agir e falar. No entanto, observam-se diversos conflitos de identidade. Diversos participantes ressaltaram uma certa identidade caipiracabana que mantém alguns costumes e variantes linguísticas caipiras, enquanto outros observaram que mesmo com essa identidade certas características caipiras não são mantidas em Piracicaba. Desse modo, a noção de identidade e suas contradições na comunidade de fala piracicabana fazem-se um objeto de estudo a ser explorado em trabalhos futuros, a fim de mais bem entender os conflitos e as nuances que a permeiam e seus possíveis impactos na mudança linguística.

Este trabalho abre caminho a estudos futuros ao estabelecer uma metodologia sistemática para a análise de dados de respostas a perguntas abertas, que foram tratados qualitativa e quantitativamente, o que permitiu determinar de modo mais objetivo quais variantes são objeto de metacomentários e quais são menos salientes.

Fazem-se necessários mais estudos de produção linguística, com *corpus* mais robusto da cidade de Piracicaba, abrangendo residentes urbanos e rurais, de todos os níveis socioeconômicos e escolaridades para fins de complementar os conhecimentos acerca da variação e da mudança na comunidade de fala piracicabana, bem como estudos de percepção linguística que colem experimentos de avaliações subjetivas por meio de perguntas indiretas, pois as perguntas diretas podem apresentar um certo enviesamento e um constrangimento para os participantes que não se sentem à vontade em julgar explicitamente outras pessoas.

As avaliações sobre as variantes oclusivas /t,d/ merecem destaque em estudos futuros, bem como análises de prosódia na cidade de Piracicaba. Em diversos momentos, os participantes avaliaram a fala piracicabana como *rápida e arrastada* e marcaram a prosódia em seus exemplos.

Por fim, as avaliações dadas por residentes em Piracicaba reforçam o senso comum ao mesmo tempo que expõem nuances de significação e ressignificação e identidade. O termo “caipira” tem nuances semânticas que indicam tanto um prestígio nos costumes caipiras quanto um teor pejorativo em algumas variantes linguísticas. Os estudos de avaliação mostram-se importantes para reconhecer os processos avaliativos de variantes em mudança na comunidade de fala.

AGRADECIMENTOS

Esta monografia é resultado de dois anos de pesquisa que contou com a ajuda, apoio, paciência e sabedoria de várias pessoas. Começo agradecendo ao apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) que foi a base para que este projeto saísse do papel e fosse colocado em prática. O incentivo à pesquisa é essencial para que o país avance no pensamento científico, e sou privilegiada por ter feito parte dessa história. E à Unicamp, meus mais sinceros carinhos e agradecimentos. Viva a Universidade pública de qualidade!

Agradeço especialmente aos meus pais, Junior e Lia, por acreditarem em mim e me incentivarem desde o início. Foram quatro anos de graduação e sei que se orgulham de mim por ser a primeira da família a se formar em uma Universidade pública. Eu também me orgulho dos meus pais e sou grata pela educação e pelo apoio que sempre me deram, principalmente no período da monografia. Obrigada, Murilo, meu companheiro, pelas escutas e leituras atenciosas, por provocar questionamentos que fizeram minha pesquisa crescer e, principalmente, pelo carinho.

Agradeço aos piracicabanos – familiares, amigos e desconhecidos que cruzaram meu caminho –, graças a vocês me interessei pelo caipira e pelas suas nuances.

À Rafaella Pucca, minha companheira de graduação. Obrigada por compartilhar inúmeras horas de estudos na biblioteca, na arcádia, na informática e pelo Google Meet, e por ler e reler minha monografia, me ajudando desde a gramática até o acalento e a tranquilidade.

Para além dos dois anos de pesquisa, agradeço à professora Livia Oushiro, que me acompanhou desde o segundo semestre de curso. Obrigada pelas orientações, pelos direcionamentos, pelos conselhos, pela escuta e, principalmente, por acreditar em mim e na minha pesquisa. Durante todo o tempo que estive partilhando experiências com você, amadureci e passei a acreditar mais no meu potencial. Serei sempre grata.

Agradeço aos professores e às professoras do Instituto de Estudos da Linguagem que trabalharam na minha formação e de muitos outros linguistas. Sou apaixonada pela linguagem devido às aulas e às orientações que tive com vocês.

Agradeço também à coordenação do curso de Linguística e à secretaria de graduação, que sempre atuaram prontamente no auxílio aos estudantes.

Aos professores Emilio Pagotto e Ronald Mendes meus mais sinceros agradecimentos pela composição da banca de defesa e também pela troca em disciplinas e eventos. É uma honra compartilhar minha pesquisa com vocês e ouvir suas considerações e direcionamentos.

Agradeço ao VARIEM pelos encontros semanais que me mantiveram pesquisando e estudando. Agradeço por me incentivarem a estudar e conhecer cada vez mais. Um agradecimento especial à Julia Adams, que me auxiliou na formatação desta monografia. Sem ela, este texto não estaria tão bonito. Meu muito obrigada também ao Gustavo e ao Gabriel, que me forneceram a base necessária para a parte estatística deste trabalho.

Agradeço à Rafaela Morelli por ceder suas entrevistas que foram ponto inicial desta pesquisa, me proporcionando uma visão prévia e ideias sobre o caipira e as avaliações. Agradeço às bolsistas Iris, Gabriella e Lumena, cedidas pela professora Livia Oushiro, pelas preciosas transcrições. Sem vocês este trabalho não teria sido finalizado na data correta, obrigada pela ajuda.

Finalizo agradecendo aos participantes desta pesquisa pelas horas de gravação, pela confiança, e pelas palavras. Me senti acolhida em todas as entrevistas e meu trabalho não seria nada sem vocês. Agradeço de coração e espero encontrá-los novamente para tomarmos caldo de cana na Rua do Porto e conversarmos sobre o Véu da Noiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, V. d. A.; SILVA, H. C. d. Uma nova configuração do caipira: ecos do /R/ retroflexo. *Revista da ABRALIN*, Oxford, v. 14, n. 1, pp. 171-194, 2015.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes Lingüísticas de Nordestinos em São Paulo*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas-SP.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020 [1920].
- ANDRADES, T. O. d.; GANIMI, R. N. Revolução Verde e a apropriação capitalista. *CES Revista*, Juiz de Fora, v. 21, pp. 43-56, 2007.
- ANJOS, A. C. C. dos. *Do girassol ao capim dourado: apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.
- BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2007 [1999].
- BECKER, K. /r/ and the construction of place identity on New York City's Lower East Side. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, v. 13, n. 5, pp. 634-658, 2009.
- CAMPBELL-KIBLER, K. Sociolinguistics and Perception. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 6, pp. 377-389, 2010.
- CARREÃO, V. *Transformações econômicas e mudança lingüística: a língua em Louveira/SP*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas-SP.
- DESTRO, E. *Gabriel Ferrato assina decreto que registra dialeto e sotaque como patrimônio de Piracicaba*. [S.l.: s.n.], 2016. Prefeitura do município de Piracicaba.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford e Maldern, v. 12, n. 4, pp. 453-473, 2008.
- ESPÍRITO-SANTO, J. M. F. *Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) - FFLCH, USP, São Paulo.
- FREITAG, R. M. K. *et al.* Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 64-84, 2016.
- HEAD, B. F. Propriedades fonéticas generalidade de processos fonológicos: o caso do "r caipira". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 13, pp. 5-39, 1987.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo IBGE 2010 de Piracicaba, São Paulo, Brasil*. [S.l.: s.n.], 2010.

- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População estimada [2021] residente na cidade de Piracicaba, São Paulo, Brasil*. [S.l.: s.n.], 2021.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. [S.l.]: São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.
- LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center of Applied Linguistics, 1966.
- LAMBERT, W. E. *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, Washington, v. 60, n. 1, pp. 44-51, 1960.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- LEITE, C. M. B. *Atitudes Lingüísticas: a Variante Retroflexa em Foco*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas-SP.
- LEITE, C. M. B. Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos. *Estudos da Língua(gem)*, v. 9, n. 1, pp. 91-104, jun. 2011.
- LEITE, C. M. B. *O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL, UNICAMP, Campinas-SP.
- LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. [S.l.]: Zahar, 2002.
- LEME, M. L. *A linguagem da comunidade Tirolesa-Trentina: da cidade de Piracicaba-SP*. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IEL, Unicamp.
- MAX PLANCK INSTITUTE FOR PSYCHOLINGUISTICS. *ELAN Linguistic Annotator*. [S.l.: s.n.], 2020. Nijmegen, The Netherlands. Acesso em: 13 out. 2021.
- MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. *Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana*. [S.l.: s.n.], 2013. Acesso em: 13 out. 2021.
- MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2003. pp.475-499.
- MILROY, L.; LLAMAS, C. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. ed. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2013. pp. 409-427.
- MORELLI, R. *O papel da variável sexo/gênero na variação linguística em Piracicaba-SP*. [S.l.: s.n.], 2019. Relatório Final de Iniciação Científica.
- NETTO, C. E. *Arco, Tarco, Verva: As delícias do refinado dialeto caipiracicabano*. Piracicaba: Editora Joruês, 1988.

- OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field / Uma abordagem computacional para a modelagem de campos indexicais. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, pp. 1737-1786, 2019a.
- OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 63, pp. 304-325, 2019b.
- OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015a. Tese (Doutorado em Linguística) - FFLCH, USP, São Paulo.
- OUSHIRO, L. O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalinguístico e a variação linguística. *Signo y Señal*, n. 28, pp. 139-167, 2015b.
- PAGOTTO, E. G. *Variação e Identidade*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas.
- PERES, A. M. D. P. *[Re]descobrimos outros mundos rurais por detrás dos canaviais: Um estudo do município de Piracicaba, SP e do bairro de Anhumas*. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFSCar, São Carlos-SP.
- PICINATO, P. B. *Diga-me como fala e eu direi quem és: um estudo Sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales Oliveira-SP*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara-SP.
- PLAZA, L. S. *O dialeto caipira no município de Itatiba-SP*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas.
- R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. [S.l.: s.n.], 2021. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.
- RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.
- SORIANO, L. G. M.; MENDES, R. B. Percepções fonéticas do (-r) em São Paulo: principais correlações. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, pp. 133-146, 2016.
- SOUSA, F. C. P. de. *Um estudo sobre percepções sociolinguísticas de universitários*. [S.l.: s.n.], 2018. Relatório Final de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.
- SPOSITO, M. E. B. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. *Investigaciones Geográficas*, n. 54, pp. 114-139, 2004.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1975].

Anexos

Anexo A: Roteiro

1. Há quanto tempo você mora em Piracicaba?
2. Onde você já morou em Piracicaba? Quanto tempo em cada lugar?
3. Você gosta de morar em Piracicaba? O que você mais gosta em Piracicaba? O que menos gosta?
4. O que você gosta de fazer em Piracicaba e na região? Quais lugares você mais frequenta?
5. Você viaja bastante?
6. Com o que você trabalha?
7. Você acha que Piracicaba mudou muito? O que você acha que melhorou na cidade? O que você acha que piorou?
8. Você acha que Piracicaba é diferente das cidades vizinhas?
9. Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano? Como?
10. Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?
11. E aqui, dentro de Piracicaba, você percebe se a pessoa é de um bairro ou de outro? Como?
12. Você acha que eu sou piracicabana? Por quê?
13. Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou? (*se sim*) Pode dar exemplos?
14. Como você acha que o piracicabano fala? Pode dar exemplos?
15. O que você acha que tem no modo de falar do piracicabano que é típico daqui? Você pode dar exemplos? (*Se a pessoa só mencionar o R:*) E além do R, tem outra coisa?
16. Como você acha que você fala?
17. O que é caipira pra você? O que é falar caipira? Pode dar exemplos?
18. Você considera os piracicabanos caipiras?
19. Você acha que você é caipira?

20. Você se identifica com o modo de falar caipira?
21. Você acha que você muda seu jeito de falar a depender da situação?
22. Agora eu vou falar para você várias sentenças, e eu queria que você falasse o que você acha do modo de falar.
23. O que você acha desse modo de falar: “Fecha a po[ɫ:]ta”? Quem fala assim? E você fala assim?
24. E de “Ele tem um cama[ɫ]o ama[ɫ]elo”? Quem fala assim? E você fala assim?
25. E de “Esqueci a bicic[r]eta, descu[ɫ]pe”? Quem fala assim? E você fala assim?
26. E de “Ele veio aqui [de] manhã” Quem fala assim? Você fala assim?
27. E de “Ele veio aqui [de] noi[te]”? Quem fala assim? Você fala assim?
28. E de “Ela ponhou uma roupa bem bonita”. Quem fala assim? Você fala assim?

Anexo B: Participantes e variáveis sociais¹

Tabela 1: Participantes conforme as variáveis sociais

Participante	G	FE	I	NP	PN	RR	ZR	E	CS
<i>Adriel F.</i>	Masc.	3	71	Nativo	100%	Centro	Centro	Superior	A
<i>Alan G.</i>	Masc.	2	38	Nativo	100%	Periferia	Oeste	Médio	C
<i>Alex G.</i>	Masc.	3	73	Não Nat.	96%	Centro	Oeste	Fund.	C
<i>Alice R.</i>	Fem.	3	75	Não Nat.	73%	Periferia	Sul	Fund.	D
<i>Andre T.</i>	Masc.	1	25	Nativo	100%	Periferia	Leste	Médio	C
<i>Apolo A.</i>	Masc.	2	55	Nativo	85%	Centro	Leste	Superior	A
<i>Arthur J.</i>	Masc.	2	55	Nativo	100%	Centro	Leste	Médio	B2
<i>Caio R.</i>	Masc.	2	45	Não Nat.	95%	Periferia	Norte	Médio	C
<i>Carla B.</i>	Fem.	2	56	Não Nat.	36%	Centro	Centro	Superior	B1
<i>Carol P.</i>	Fem.	2	56	Nativo	100%	Periferia	Leste	Superior	B2
<i>Cesar A.</i>	Masc.	3	63	Não Nat.	62%	Periferia	Oeste	Médio	B2
<i>Clara B.</i>	Fem.	1	30	Nativo	94%	Centro	Oeste	Superior	B2
<i>Davi J.</i>	Masc.	3	78	Nativo	100%	Periferia	Sul	Fund.	C
<i>Denis F.</i>	Masc.	1	21	Nativo	100%	Periferia	Leste	Médio	C
<i>Diana C.</i>	Fem.	1	23	Nativo	100%	Periferia	Sul	Médio	C
<i>Dino V.</i>	Masc.	3	61	Não Nat.	62%	Periferia	Norte	Fund.	D
<i>Elis L.</i>	Fem.	2	35	Não Nat.	86%	Periferia	Oeste	Superior	B1
<i>Elsa A.</i>	Fem.	3	72	Não Nat.	97%	Periferia	Norte	Fund.	D
<i>Enzo R.</i>	Masc.	2	45	Nativo	100%	Centro	Centro	Superior	B1
<i>Gael A.</i>	Masc.	1	25	Nativo	96%	Periferia	Oeste	Superior	C
<i>Gian S.</i>	Masc.	1	24	Nativo	100%	Periferia	Sul	Superior	B2
<i>Gilda O.</i>	Fem.	1	24	Nativo	100%	Periferia	Oeste	Superior	C
<i>Gilson A.</i>	Masc.	1	29	Nativo	86%	Periferia	Sul	Superior	B1
<i>Grazi G.</i>	Fem.	1	24	Nativo	100%	Periferia	Sul	Superior	B1

¹ G = Gênero, FE = Faixa Etária, I = Idade, NP = Nativo em Piracicaba, PN = Proporção de vida em Piracicaba, RR = Região de Residência, ZR, Zona de Residência, E = Escolaridade, CS = Classificação Socioeconômica.

Participante	G	FE	I	NP	PN	RR	ZR	E	CS
<i>Greta M.</i>	Fem.	3	60	Não Nat.	65%	Periferia	Oeste	Superior	B2
<i>Guto C.</i>	Masc.	1	34	Não Nat.	35%	Centro	Centro	Superior	C
<i>Igor A.</i>	Masc.	2	57	Não Nat.	98%	Centro	Sul	Superior	A
<i>Joao J.</i>	Masc.	3	64	Não Nat.	70%	Centro	Centro	Superior	A
<i>Julio A.</i>	Masc.	3	67	Não Nat.	82%	Centro	Sul	Superior	A
<i>Lais A.</i>	Fem.	1	22	Nativo	86%	Periferia	Norte	Médio	D
<i>Lara C.</i>	Fem.	3	71	Nativo	100%	Centro	Oeste	Fund.	D
<i>Laura B.</i>	Fem.	1	21	Não Nat.	95%	Centro	Centro	Médio	D
<i>Lilian A.</i>	Fem.	3	62	Não Nat.	92%	Periferia	Norte	Fund.	D
<i>Lisa S.</i>	Fem.	1	24	Nativo	100%	Periferia	Leste	Médio	B2
<i>Luiza P.</i>	Fem.	1	26	Nativo	100%	Periferia	Norte	Médio	D
<i>Luna C.</i>	Fem.	2	58	Não Nat.	65%	Periferia	Norte	Médio	D
<i>Magda R.</i>	Fem.	2	50	Nativo	92%	Centro	Leste	Superior	B1
<i>Maisa B.</i>	Fem.	3	64	Não Nat.	69%	Centro	Leste	Superior	B1
<i>Maite J.</i>	Fem.	3	72	Nativo	100%	Centro	Leste	Fund.	D
<i>Malu G.</i>	Fem.	3	61	Nativo	100%	Centro	Centro	Médio	B1
<i>Mara N.</i>	Fem.	3	80	Não Nat.	95%	Centro	Centro	Médio	A
<i>Marco M.</i>	Masc.	3	60	Nativo	80%	Periferia	Leste	Superior	B1
<i>Maria A.</i>	Fem.	3	60	Nativo	100%	Periferia	Sul	Superior	B1
<i>Mario G.</i>	Masc.	3	63	Não Nat.	49%	Centro	Leste	Médio	B1
<i>Micael A.</i>	Masc.	1	28	Não Nat.	71%	Periferia	Norte	Médio	D
<i>Nilce S.</i>	Fem.	1	31	Não Nat.	39%	Centro	Centro	Superior	A
<i>Paula M.</i>	Fem.	2	43	Nativo	100%	Periferia	Sul	Fund.	C
<i>Raul S.</i>	Masc.	2	42	Não Nat.	78%	Periferia	Oeste	Médio	B2
<i>Ruth A.</i>	Fem.	3	65	Não Nat.	48%	Centro	Leste	Médio	B2
<i>Sandra T.</i>	Fem.	2	49	Nativo	100%	Periferia	Norte	Fund.	C
<i>Sonia R.</i>	Fem.	2	55	Nativo	85%	Centro	Centro	Superior	B2
<i>Stela P.</i>	Fem.	1	24	Nativo	100%	Centro	Leste	Superior	B2

Participante	G	FE	I	NP	PN	RR	ZR	E	CS
<i>Tadeu</i>	Masc.	2	41	Não Nat.	49%	Centro	Centro	Superior	B2
<i>Tales G.</i>	Masc.	1	20	Nativo	100%	Periferia	Norte	Médio	C
<i>Vagner</i>	Masc.	2	36	Nativo	98%	Periferia	Sul	Médio	B2
<i>Vilma M.</i>	Fem.	2	51	Não Nat.	84%	Periferia	Leste	Fund.	D
<i>Vilmar A.</i>	Masc.	3	67	Não Nat.	97%	Periferia	Norte	Fund.	D
<i>Vitor A.</i>	Masc.	2	58	Nativo	100%	Centro	Centro	Médio	B1
<i>Wanda O.</i>	Fem.	2	57	Não Nat.	98%	Centro	Sul	Superior	A
<i>Yago J.</i>	Masc.	1	28	Nativo	100%	Centro	Centro	Superior	A

Anexo C: Perguntas analisadas de Morelli (2019)

- IDENTIFICAÇÃO COM PIRACICABA:
 - O que você mais gosta em Piracicaba?
 - E o que menos gosta?
 - O que você acha que mais mudou nos últimos anos aqui em Piracicaba?
 - Você acha que Piracicaba melhorou, piorou ou não mudou muito nos últimos anos?
- AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

Tocar gravações da seguinte frase com diferentes graus de retroflexão: “A rua do porto é uma parte de Piracicaba muito agradável pra andá de bicicleta.” Em seguida, perguntar:

 - Há diferenças entre as formas de falar? (tocar cada uma novamente)
 - Quem você acha que fala assim?
 - Você acha que uma delas é melhor que a outra?
- ESTEREÓTIPO DO CAIPIRA
 - Você acha que os piracicabanos “puxam” muito o erre?
 - Você acha que você “puxa” muito o erre?
 - Você acha que o jeito como os piracicabanos falam é feio? Por quê?
 - Quem você acha que fala mais bonito: homens ou mulheres? Por quê?
 - Você considera os piracicabanos caipiras?
 - Como você se sentiria se fosse chamado de caipira? Por quê?

Título	Caipiçacabano: Avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba-SP sobre o caipira e o piracicabano
Autor	Danielle Baltieri Bento
Prefácio	Lívia Oushiro
Coordenação editorial	Márcia Abreu
Preparação de originais	André Martho Domingues Guilherme Vilela de Souza Helenoá Santana dos Passos
Revisão	André Martho Domingues Guilherme Vilela de Souza Helenoá Santana dos Passos
Diagramação	André Martho Domingues Guilherme Vilela de Souza Helenoá Santana dos Passos
Design de capa	André Martho Domingues Helenoá Santana dos Passos
Projeto gráfico	André Martho Domingues Helenoá Santana dos Passos
Formato	16 x 23 cm
Tipologia	Times New Romam (corpo) Kalinga (título) Georgia (listas e sumário)

O que é caipira para você?

Foi o que Danielle Baltieri Bento perguntou aos seus entrevistados. A partir das respostas que ouviu, sobre o caipira e o piracicabano, analisou a combinação entre parâmetros socioeconômicos e traços fonéticos da oralidade local. Ela identificou uma identidade caipira mais positiva, distanciando-se dos estereótipos do indivíduo da roça, sem escolaridade e que fala “errado”. A linguagem, a história e o estilo de vida aparecem como tradições que marcam a cidade e se mantêm mesmo após a urbanização e o crescimento de influências cosmopolitas. É uma pesquisa dinâmica, que permite conhecer uma cultura particular do interior paulista, além de destacar uma variedade linguística e social, que se conserva apesar da tendência à homogeneização.

